

P o l o n i c u s

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral

Ano X – 1/2019

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

A publicação é parcialmente financiada pela Associação *Wspólnota Polska*, com recursos provenientes da Chancelaria do Senado, no âmbito do projeto de apoio do Senado da Polônia aos poloneses e polônicos no exterior



Przedsięwzięcie jest współfinansowane przez Stowarzyszenie „Wspólnota Polska” ze środków otrzymanych od Kancelarii Senatu w ramach sprawowania opieki Senatu Rzeczypospolitej Polskiej nad Polonią i Polakami za granicą

Fundo editorial / Fundusz wydawniczy:
Província da SOCIEDADE DE CRISTO

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil - Ano 10, n. 18 (jan/jun. 2019) – Curitiba : v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI
Mariano KAWKA
Piotr KILANOWSKI
Renata SIUDA-AMBROZIAK
Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – *Universidade Candido Mendes –
Rio de Janeiro*

Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – *Universidade Maria Curie-
Skłodowska – Lublin (UMCS)*

Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – *In memoriam*

Cláudia R. KAWKA MARTINS – *Colégio Militar - Curitiba*

Edward WALEWANDER – *Universidade Católica de Lublin (KUL)*

Franciszek ZIEJKA – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Jerzy MAZUREK - *Universidade de Varsóvia (UW)*

José Lucio GLOMB – *Ordem dos Advogados do Brasil-PR*

Marcelo PAIVA de SOUZA – *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Marcin KULA – *Universidade de Varsóvia (UW)*

Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – *Universidade Estadual do Rio
de Janeiro (UERJ)*

Regina PRZYBYCIEN - *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Tadeusz PALECZNY - *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Thais Janaina WENCZENOVICZ - *Universidade Estadual do RS (UERS)*

Tito ZEGLIN – *Vereador da Câmara Municipal de Curitiba*

Tomasz LYCHOWSKI – *Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de
Janeiro*

Waldemiro GREMSKI – *Pontificia Universidade Católica - PR*

Walter Carlos COSTA – *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

Wojciech NECEL SChr – *Universidade de Card. S. Wyszyński de Varsóvia
(UKSW)*

Endereço da Redação:

Av. Pres. Franklin D. Roosevelt, 920
90230 – 002 Porto Alegre-RS. Brasil
tel (51) 3024-6504 ou (51) 99407-4242
E-Mail: revista@polonicus.com.br
www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Mariano Kawka, Zdzislaw Malczewski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski
Claudio Boczon

Impressão

Odisséia Gráfica e Editora Ltda.
Fone: 51 3303-5558
www.graficaodisseia.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

SUMÁRIO

| | |
|------------------------|----|
| EDITORIAL | 11 |
| <i>Wstęp</i> | 15 |

POLÔNIA

Polska

| | |
|--|----|
| CARTA DO PAPA FRANCISCO À NAÇÃO POLONESA | 19 |
| <i>Przesłanie papieża Franciszka do Narodu Polskiego</i> | |

| | |
|---|----|
| PRONUNCIAMENTO DE STANISŁAW PAWLISZEWSKI, PRESIDENTE DA SOCIEDADE POLONO-BRASILEIRA, NA ABERTURA DA CONFERÊNCIA DO DIA 25.4.2019, POR OCASIÃO DOS 150 ANOS DA COLONIZAÇÃO POLONESA NO BRASIL, REALIZADA NO SENADO DA POLÔNIA | 21 |
|---|----|

*Przemówienie Stanisława Pawliszewskiego – prezesa Towarzystwa
Polsko-Brazylijskiego podczas otwarcia konferencji z okazji 150-lat
polskiej kolonizacji w Brazylii, jaka miała miejsce w Senacie RP*

| | |
|---|----|
| <i>Hadil FONTES DA ROCHA</i> OS 150 ANOS DA COMUNIDADE POLONESA NO BRASIL | 27 |
| <i>150 lat społeczności polskiej w Brazylii</i> | |

| | |
|---|----|
| <i>JERZY MAZUREK</i> O CARÁTER ESPECÍFICO DA IMIGRAÇÃO POLONESA PARA O BRASIL | 34 |
| <i>Specyficzny charakter emigracji polskiej do Brazylii</i> | |

Elżbieta BUDAKOWSKA
**MUDANÇA DE IDENTIDADE
– A ETNICIDADE POLONESA
NO BRASIL UMA REFLEXÃO ATUAL** 58
*Zmiana tożsamości – Etniczność polska w Brazylii.
Aktualna refleksja*

Krzysztof SMOLANA
**A HERANÇA ARQUIVÍSTICO-BIBLIOTECÁRIA POLONESA
NO BRASIL: ESTADO ATUAL, AMEAÇAS E PERSPECTIVAS** 65
*Polska spuścizna archiwalno-biblioteczna w Brazylii: stan aktualny,
zagrożenia i perspektywy*

Zdzisław MALCZEWSKI SChr
**A PASTORAL POLÔNICA NO BRASIL:
HISTÓRIA E ATUALIDADE** 73
Duszpasterstwo polskie w Brazylii: historia i terażniejszość

ARTIGOS

Artykuły

**MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE
E DO REFUGIADO** 96
Przesłanie papieża Franciszka na Światowy Dzień Emigranta i Uchodźcy

André Luiz de SOUZA DIAS
**BREVE HISTÓRIA DA REPÚBLICA DA POLÔNIA
E SUA INDEPENDÊNCIA ENTRE AS DUAS
GUERRAS MUNDIAIS** 102
*Szkic historii Rzeczypospolitej Polskiej i jej niepodległość między
dwoma wojnami*

| | |
|---|-----|
| <i>Israel BLAJBERG</i> BATALHA DE MONTE CASSINO: 75º ANIVERSÁRIO DA GRANDE VITÓRIA DAS TROPAS POLONESAS | 109 |
| <i>Bitwa pod Monte Cassino. 75-rocznica wielkiego zwycięstwa Wojska Polskiego</i> | |
| <i>Mariano KAWKA</i> A IMPONENTE OBRA MISSIONÁRIA E CULTURAL DO PADRE GÓRAL | 111 |
| <i>Imponujące dzieło misyjne i kulturalne księdza Górala</i> | |
| <i>Cláudio da COSTA</i> A PRESENÇA CAPUCHINHA E A POLONIDADE NO RIO GRANDE DO SUL | 120 |
| <i>Obecność kapucynów i polskość w Rio Grande do Sul</i> | |
| <i>Tomasz LYCHOWSKI</i> AGREMIÇÕES ÉTNICAS Origem, itinerário, razão de ser | 135 |
| <i>Pochodzenie, kierunki, racja bycia</i> | |
| TRADUÇÕES <i>Tłumaczenia</i> | |
| <i>Cyprian NORWID</i> MENEGO UM EXCERTO DO LIVRO DAS RECORDAÇÕES | 139 |
| <i>Menego. Fragment z książki wspomnień</i> | |

RESENHAS

Przegląd literacki

Mariano KAWKA

PINDEL, Tomasz. *Za horyzont – Polaków latynoamerykańskich przygody* (“Para além do horizonte – As aventuras dos poloneses latino-americanos”). Kraków: Wydawnictwo Znak, 2018, pp. 386.145

CRÔNICAS

Wydarzenia

Zdzisław MALCZEWSKI SChr

A COMUNIDADE POLÔNICA DE PORTO ALEGRE FESTEJA A RECUPERAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA POLÔNIA 152
Spółeczność polonijna w Porto Alegre świętuje rocznicę odzyskania przez Polskę niepodległości

Natalia KLIDZIO

HOMENAGEM À PROFA. DRA. JERUSA PIRES FERREIRA: ECOS DE UMA VOZ BRASILEIRA NA POLÔNIA 175
Hołd dla prof. Jerusy Pires Ferreiry: Echo brazylijskiego głosu w Polsce

O PRESIDENTE ANDRZEJ DUDA ASSINOU A EMENDA DA LEI SOBRE A IDENTIDADE DE POLONÊS 178
Prezydent Andrzej Duda podpisał poprawkę prawa o tożsamości polskiej

Zdzisław MALCZEWSKI SChr

CONGRESSO DA JUVENTUDE POLÔNICA DA AMÉRICA DO SUL EM CURITIBA (3-7 de julho de 2019) 180
Kongres Młodzieży Polonijnej Ameryki Południowej w Kurytybie (3-7 lipca 2019)

| | |
|---|------------|
| PRIMEIRO ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS POLONESES | 191 |
| <i>Pierwsze międzynarodowe spotkanie na temat polskich studiów</i> | |



EDITORIAL

“Tempus fugit” (O tempo foge), diziam os antigos romanos. Olhando para a nossa realidade atual, é preciso reconhecer que eles não se enganavam. Em razão não apenas dessa corrida do tempo, mas também de numerosas obrigações, não gostaria de aqui voltar a repetir que a edição do periódico é preparada por mim de forma amadorística, com base no espírito do voluntariado, de maneira que nem sempre o redator consegue que a publicação apareça regularmente a cada seis meses. Isso para me justificar diante dos leitores da nossa revista. Passo, então, a expor a ampla temática que queremos apresentar nas páginas de *Polonicus*.

Na primeira seção, *POLÔNIA*, publicamos uma carta do papa Francisco dirigida à Nação Polonesa por ocasião dos cem anos da recuperação da independência do país. O papa encaminhou a mencionada carta ao arcebispo Stanisław Gądecki – presidente da Conferência do Episcopado da Polônia. No número anterior do periódico dedicamos alguma atenção ao centésimo aniversário, importante para a Polônia e os poloneses, da recuperação da independência e da volta do país ao mapa político mundial. Já que estamos falando do mencionado aniversário, ao mesmo tempo eu gostaria de chamar a atenção dos leitores para mais uma celebração, desta vez festejada não somente no Brasil, mas também na distante Polônia. Trata-se das comemorações da vinda do primeiro grupo de colonos poloneses ao estado de Santa Catarina. Justamente a essa temática foi dedicada, no dia 25 de abril de 2019, uma conferência no Senado da Polônia organizada pela câmara superior do Parlamento com a efetiva cooperação da Sociedade Polono-Brasileira. Publicamos, portanto, o texto do pronunciamento de Stanisław Pawliszewski – presidente da mencionada organização, surgida há 90 anos para honrar a amizade polono-brasileira, com ênfase especial ao seu patrono, Rui Barbosa, político e jurista que tanto no Brasil como na

arena internacional reivindicava a liberdade e a soberania da Polônia. A seguir tomou a palavra Hadil Fontes da Rocha – embaixador do Brasil na Polônia. Em nome dos leitores e em meu próprio, quero agradecer mui cordialmente ao senhor embaixador por nos ter fornecido o texto do seu pronunciamento. O Prof. Jerzy Mazurek apresentou o caráter específico da emigração polonesa ao Brasil, enfatizando em seu comunicado que essa problemática deve ser vista num contexto mais amplo, sem nos restringirmos à situação da época em que se encontrava a Polônia. De forma semelhante abordou em sua comunicação a etnia polonesa no Brasil a Profa. Elżbieta Budakowska, que procurou apresentar uma visão atual dessa comunidade no Brasil diante dos novos desafios que podem influenciar o seu futuro. O palestrante seguinte, Krzysztof Smolana, no seu pronunciamento apresenta a situação arquivística e bibliotecária atual da comunidade polônica no Brasil. Os colonos poloneses e os seus descendentes deixaram uma rica herança editorial e arquivística. Surge então a pergunta: e agora? Infelizmente a comunidade polônica brasileira não possui um centro único onde se possam reunir – possivelmente todos – os materiais arquivísticos, que atualmente se encontram em algumas organizações polônicas, congregações religiosas, paróquias ou em residências particulares. No decorrer do mencionado simpósio, o redator deste periódico falou da pastoral polônica no Brasil, tanto no aspecto histórico como no atual.

Iniciamos a segunda seção, *ARTIGOS*, com a publicação da mensagem do papa Francisco por ocasião do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado deste ano. A seguir apresentamos um texto de autoria de André Luiz de Souza Dias, que contém um esboço da história da Polônia e a sua independência no período de entreguerras. Israel Blajberg dedica o seu artigo ao aniversário dos 75 anos da batalha de Monte Cassino, na Itália. Aquela vitória dos soldados poloneses sobre os nazistas abriu aos exércitos aliados o caminho a Roma. Há 60 anos faleceu o Pe. José Joaquim Góral CM, que não só pela sua ação pastoral, mas também jornalística e editorial, contribuiu

para a promoção da cultura e da literatura entres os imigrantes poloneses. Mariano Kawka, com o seu artigo, com certeza contribuirá para que conheçamos a figura do mencionado missionário polonês. O autor seguinte, que é Cláudio da Costa, no artigo publicado apresenta-nos a ligação da história dos frades capuchinhos com o polonismo no estado meridional do Rio Grande do Sul. Os vínculos étnicos constituem com certeza um tema fascinante para as pesquisas dos sociólogos. No seu peculiar estilo literário, Tomasz Lychowski apresenta aos leitores as suas reflexões e experiências vivenciadas nessa realidade.

Na seção *TRADUÇÕES*, o Prof. Henryk Siewierski partilha conosco em seu artigo as ideias relacionadas com a tradução da obra de um dos maiores poetas poloneses, que é Cyprian Kamil Norwid (1821-1883). *Menego* é o excerto de um livro que contém as memórias do poeta relacionadas com Veneza, de 1843.

A seção seguinte da revista é dedicada à apresentação de *RESENHAS*. Mariano Kawka apresenta aos leitores o livro de Tomasz Pindel *Para além do horizonte – aventuras dos poloneses latino americanos*, publicado no ano passado em Cracóvia. O autor dessa publicação, tendo viajado por diversos países da América Latina, descreveu as suas impressões sobre as coletividades polônicas presentes nesse continente na esperança.

Na última seção do periódico, intitulada *CRÔNICAS*, noticiamos os eventos relacionados com a Polônia e a comunidade polônica brasileira. Em relação às comemorações dos cem anos da recuperação da independência pela Polônia, que ocorreram no ano passado, publicamos uma ampla descrição – de autoria do redator da nossa revista – da comemoração desse importante aniversário pela coletividade polônica em Porto Alegre. Natália Klidzio presta uma homenagem à intelectual brasileira Profa. Jerusa Pires Ferreira, que pela sua atividade acadêmica esteve ligada com a Polônia. Ela faleceu no dia 21 de abril de 2019. Natália Klidzio dedica à falecida as suas lembranças dos encontros, dos contatos, da cooperação que

influenciaram a sua vida e o seu trabalho. No dia 16 de maio de 2019 o presidente da Polônia Andrzej Duda assinou a lei relacionada com a Identidade de Polônês. Graças ao novo dispositivo legal, podem empenhar-se pelo mencionado documento não somente pessoas de origem polonesa que vivem na Europa Oriental, mas também as de outros países do mundo. Nos dias de 3 a 7 de julho de 2019 realizou-se em Curitiba o Congresso da Juventude Polônica da América do Sul. Esse importante evento foi organizado pela Associação “Wspólnota Polska” (organização não governamental polonesa que apoia os poloneses e a comunidade polônica no mundo), com o apoio do Senado, bem como do Ministério das Relações Exteriores da Polônia. O reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, que participou desse encontro, faz uma ampla descrição desse evento. Publicamos também a informação a respeito do I Encontro Internacional de Estudos Poloneses. Esse simpósio se realizará nos dias 30 de novembro a 4 de dezembro de 2019 na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba.

Concluindo a apresentação do conteúdo deste número de *Polonicus*, desejo aos leitores uma enriquecedora leitura.

Zdzisław Malczewski SChr
redator

W S T Ę P

„Tempus fugit” (czas ucieka) mawiali starożytni Rzymianie! Spoglądając na naszą, aktualną rzeczywistość, trzeba przyznać im rację, że się nie mylili. Ze względu na ten nie tylko bieg czasu, ale różnorodnych obowiązków, nie chciałbym tutaj podkreślić, że skład periodyku jest realizowany jest przeze mnie w sposób amatorski w oparciu o ducha wolontariatu, więc nie zawsze redaktor nadażą, aby pismo ukazywało się regularnie co pół roku. To tak, gwoli usprawiedliwienia się przed Czytelnikami naszego czasopisma. Przechodzę zatem do zaprezentowaniu obszernej tematyki, jaką pragniemy udostępnić na łamach „Polonicusa”.

W pierwszym dziale *POLSKA* publikujemy list papieża Franciszka skierowany do Narodu Polskiego z okazji 100 rocznicy odzyskania przez nasz kraj niepodległości. Wspomniany list papież skierował do arcybiskupa Stanisława Gądeckiego – przewodniczącego Konferencji Episkopatu Polski. W poprzednim numerze periodyku poświęciliśmy trochę uwagi tej ważnej dla Polski i Polaków setnej rocznicy odzyskania niepodległości i powrotu kraju na mapę polityczną świata. Skoro wspominamy wspomnianą rocznicę to, równocześnie chciałbym zwrócić uwagę Czytelnika na kolejne świętowanie. Tym razem obchodzone nie tylko w Brazylii, ale także w dalekiej Polsce. Są to obchody 150-rocznicy przybycia pierwszej grupy osadników polskich do stanu Santa Catarina. Tej właśnie tematyce poświęcona była w dniu 25 kwietnia 2019 r. konferencja w Senacie Polski zorganizowana przez wyższą izbę parlamentu przy wydatnej współpracy Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego. Publikujemy zatem tekst przemówienia Stanisława Pawliszewskiego – prezesa wspomnianej organizacji powstałej 90 lat temu dla uczczenia przyjaźni polsko-brazylijskiej ze szczególnym wyróżnieniem jej patrona Ruia Barbosy polityka, prawnika, który tak w Brazylii, jak na

arenie międzynarodowej domagał się wolności i suwerenności dla Polski. Z kolei zabrał głos Hadil Fontes da Rocha – ambasador Brazylii w Polsce. Pragnę w tym miejscu, imieniem czytelników i własnym, bardzo serdecznie podziękować panu ambasadorowi za udostępnienie nam tekstu swojego wystąpienia! Jerzy Mazurek przedstawił specyficzny charakter emigracji polskiej do Brazylii. Podkreślił w swym referacie, że na tę problematykę należy spojrzeć w szerszym aspekcie, nie ograniczając się tylko do ówczesnej sytuacji, w jakiej znalazła się Polska. W podobny sposób odniósł się do polskiego osadnictwa w Brazylii. Elżbieta Budakowska w swoim referacie starała się ukazać (jako socjolog) polonijną społeczność w Brazylii. Przed Polonią stoją nowe wyzwania, które mogą wpłynąć na jej przyszłość. Kolejny referent Krzysztof Smolana, w prezentowanym tekście, przedstawia aktualną sytuację archiwalną i biblioteczną społeczności polonijnej w Brazylii. Osadnicy polscy i ich potomkowie pozostawili po sobie bogate dziedzictwo wydawnicze i archiwalne. Pojawia się pytanie i co dalej? Niestety brazylijska społeczność polonijna nie posiada jednego ośrodka, w którym można by zebrać – możliwie wszystkie – istniejące materiały archiwalne. Aktualnie znajdują się w niektórych organizacjach polonijnych, zgromadzeniach zakonnych, parafiach, czy też u osób prywatnych. Redaktor niniejszego periodyku, w trakcie sympozjum mówił o duszpasterstwie polskim w Brazylii, tak w aspekcie historycznym, jak też aktualnym.

Drugi dział *ARTYKUŁY* rozpoczynamy od zamieszczenia przesłania papieża Franciszka z okazji tegorocznego Światowego Dnia Emigranta i Uchodźcy. Z kolei zamieszczamy tekst autorstwa André Luiz de Souza Dias ukazujący szkic historii Polski i jej niepodległość w okresie międzywojennym. Przypadającej w tym roku 75 rocznicy bitwy o Monte Cassino we Włoszech Israel Blajberg poświęca swój artykuł. Ówczesne zwycięstwo polskich żołnierzy nad hitlerowcami otworzyło drogę wojsk alianckich do Rzymu. 60 lat temu zmarł ks. Józef Joachim Góral CM, który swoją nie tylko

duszpasterską działalnością, ale także publicystyczną przyczynił się do promocji kultury, literatury wśród polskich emigrantów. Mariano Kawka swoim artykułem z pewnością przyczyni się do tego, abyśmy poznali postać wspomnianego polskiego misjonarza. Kolejny autor, a jest nim Cláudio da Costa, w publikowanym artykule, przybliży nam powiązanie historii ojców kapucynów z polskością w południowym stanie Rio Grande do Sul. Powiązania etniczne, to z pewnością fascynujący temat do badań dla socjologów. Swoje przemyślenia, doświadczenia przeżywane w tej rzeczywistości przedstawia czytelnikowi Tomasz Łychowski, w właściwym dla niego stylu literackim.

W dziale *TLUMACZENIA* Henryk Siewierski dzieli się z nami, w swoim artykule, myślami związanymi z tłumaczeniem dzieła, jednego z największych poetów polskich, za jakiego uważany jest Cyprian Kamil Norwid (1821-1883). „Menego”, to wyjątek z książki zawierającej wspomnienia poety w Wenecji w 1843 r.

Kolejny dział czasopisma poświęcony jest prezentacji wydawniczej. Mariano Kawka przybliży czytelnikowi książkę Tomasza Pindela „Za horyzont – Polaków latynoamerykańskich przygody”, wydanej w ubiegłym roku w Krakowie. Autor tego wydania podróżując po kilku krajach Ameryki Łacińskiej opisał swoje wrażenia o społecznościach polonijnych, obecnych na tym kontynencie nadziei.

W ostatnim dziale periodyku zatytułowanym *WYDARZENIA* zamieszczamy kronikarski opis zdarzeń związanych z Polską oraz brazylijską społecznością polonijną. W nawiązaniu do ubiegłorocznych obchodów 100-lecia odzyskania niepodległości przez Polskę, zamieszczamy obszerny opis, - autorstwa redaktora naszego czasopisma - świętowania tej ważnej rocznicy przez społeczność polonijną w Porto Alegre – RS. Natalia Klidzio oddaje hołd brazylijskiej intelektualistce prof. Jerusa Pires Ferreira. Dzięki swojej pracy naukowej miała kontakty z polskimi uczelniami. Zmarła 21 kwietnia 2019 r. Natalia Klidzio poświęca zmarłej swoje wspomnienia

ze spotkań, kontaktów, współpracy, jakie wpłynęły na jej życie i pracę. 16 maja 2019 r. prezydent Polski Andrzej Duda podpisał ustawę dotyczącą Karty Polaka. Dzięki nowelizacji ustawy o wspomniany dokument mogą się starać osoby polskiego pochodzenia nie tylko żyjący we Wschodniej Europie, ale też w innych krajach świata. W dniach od 3 do 7 lipca 2019 r. odbywał się Kongres Młodzieży Polonijnej Ameryki Południowej w Kurytybie. To ważne wydarzenie zostało zorganizowane przez Stowarzyszenie „Wspólnota Polska” (polską organizację poza rządową wspierającą Polaków i Polonię w świecie) przy wsparciu Senatu, jak też ministerstwa spraw zagranicznych Polski. Rektor Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii biorąc udział w tym spotkaniu opisuje obszernie to wydarzenie. Zamieszczamy informację o mającym się odbyć pierwszym międzynarodowym spotkaniu poświęconego studiom polskim. Symposium będzie miało miejsce w dniach od 30 listopada do 4 grudnia 2019 r. na Federalnym Uniwersytecie Parańskim (UFPR) w Kurytybie.

Kończąc prezentację treści tego numeru „Polonicusa” życzę Czytelnikowi ubogacającej lektury!

Zdzisław Malczewski TChr
redaktor

CARTA DO PAPA FRANCISCO À NAÇÃO POLONESA*

Ao Venerável Irmão

Excelentíssimo Arcebispo Dom Stanisław Gądecki

Presidente da Conferência do Episcopado da Polônia

Há cem anos, no dia 11 de novembro, a Polônia recuperou a sua independência. Com o encerramento da I Guerra Mundial, encerrou-se o período da dominação russa, prussiana e austríaca sobre uma nação que antes das partilhas contribuiu para a edificação da história do cristianismo da Europa, introduzindo toda a riqueza da sua própria nobre cultura e da sua espiritualidade. A recuperação da soberania ocorreu à custa da dedicação de muitos filhos da Polônia, que estavam prontos a sacrificar a sua liberdade pessoal, os seus bens, e até a sua vida em prol da Pátria perdida. Eles “baseavam a busca da liberdade na esperança decorrente de uma profunda fé na ajuda de Deus, que é o Senhor da história dos homens e das nações. Essa fé serviu de apoio também quando, após a reconquista da liberdade, foi preciso buscar a unidade, apesar das diferenças, para com forças conjuntas reconstruir o país e defender as suas fronteiras” (João Paulo II, 11.11.1998).

Juntamente com a Igreja na Polónia e todos os poloneses, dou graças a Deus por ter apoiado com a Sua graça e poder sucessivas gerações, por ter feito que há cem anos se cumprisse a esperança deles da liberdade e por não a terem perdido, apesar das novas e dolorosas experiências históricas relacionadas com a II Guerra Mundial, a ocupação nazista e o regime comunista.

* w2.vatican.va

Juntando-me à oração de S. João Paulo II, especial testemunha desse século, peço a Deus a graça da fé, da esperança e do amor a todos os poloneses, para que na unidade e na paz façam bom uso desse precioso dom da liberdade. Que a proteção de Maria, Nossa Senhora de Monte Claro Rainha da Polônia, sempre acompanhe a Vossa Pátria e todos os poloneses! Que a Divina Providência proporcione à nação polonesa a paz e a prosperidade, agora e no futuro! A bênção de Deus esteja sempre Convosco!

Francisco

Vaticano, 4 de novembro de 2018.

RESUMO – STRESZCZENIE

Papież Franciszek z okazji 100-rocznicy odzyskania przez Polskę niepodległości przesłał na ręce arcybiskupa Stanisława Gądeckiego - przewodniczącego Konferencji Episkopatu Polski specjalne przesłanie do Narodu Polskiego.

**PRONUNCIAMENTO DE STANISŁAW PAWLISZEWSKI,
PRESIDENTE DA SOCIEDADE POLONO-BRASILEIRA,
NA ABERTURA DA CONFERÊNCIA DO DIA 25.4.2019,
POR OCASIÃO DOS 150 ANOS DA COLONIZAÇÃO
POLONESA NO BRASIL, REALIZADA NO SENADO
DA POLÔNIA**

Prezada Senhora Senadora Janina Sagatowska, Presidente da Comissão da Emigração e da União com os Poloneses no Exterior, do Senado da República da Polônia,
Excelentíssimo Senhor Embaixador do Brasil, Hadil Fontes da Rocha Vianna,
Excelentíssimos Senhores e Excelentíssimas Senhoras,

A Prezada Senhora Senadora apresentou em belíssimas palavras a iniciativa da Sociedade Polono-Brasileira de comemorar os 150 anos da colonização polonesa no Brasil.

Quero agradecer cordialmente à Senhora Senadora e ao Senado da República da Polônia pelo apoio e pela ajuda na realização da iniciativa da Sociedade Polono-Brasileira, uma iniciativa importante na história das estreitas relações da Polônia e do Brasil, bem como na história das relações entre ambas as nações.

Quero agradecer a Sua Excelência o Embaixador do Brasil, Senhor Hadil Fontes da Rocha Vianna, pelo apoio à iniciativa da Sociedade Polono-Brasileira.

Também encaminho expressões de agradecimento à Senhora Iwona Kozłowska, Diretora do Departamento de Cooperação com a Comunidade Polônica e os Poloneses no Exterior do Ministério das Relações Exteriores, por ter dado apoio à nossa iniciativa de comemorar tão importante aniversário nas próximas e históricas

relações entre a Polônia e o Brasil, bem como entre as nações de ambos os países.

Encaminho o meu ardente agradecimento à Senhora Agata Karwowska-Sokołowska, Diretora do Escritório de Análises e Documentação da Chancelaria do Senado, à Senhora Anna Stawicka, especialista em assuntos de análise e informação, bem como aos funcionários desse escritório, visto que sem a sua ajuda não seria possível a organização desta conferência.

Encaminho expressões de agradecimento a todos os autores dos pronunciamentos na conferência, nos quais serão apresentados os processos das transformações nesse período dos 150 anos na coletividade dos imigrantes poloneses, para os quais o Brasil se tornou uma segunda Pátria, e os seus descendentes, os brasileiros de origem polonesa, estão tendo uma importante contribuição para o desenvolvimento em diversas áreas da sua Pátria. Os brasileiros de origem polonesa desempenham um importante papel nas relações historicamente muito próximas entre ambos os países.

Encaminho o meu agradecimento ao grupo de pessoas que igualmente tiveram uma contribuição importante na preparação e no transcurso da conferência, a saber, à Senhora Professora Elżbieta Budakowska, da Universidade de Varsóvia, ao Senhor Embaixador Marek Makowski, ex-Cônsul Geral da Polônia em Curitiba e atualmente Embaixador titular no Departamento de Cooperação com a Comunidade Polônica e os Poloneses no Exterior, ao Senhor Bartłomiej Znojek e ao Senhor Gustaw Kotlarz, que preparou o aparato fotográfico da conferência.

É preciso enfatizar que o Brasil foi o primeiro país da América Latina que já em agosto de 1918 reconheceu a Polônia independente, o que se expressou numa nota do dia 17 de agosto de 1918 do Ministro das Relações Exteriores do Brasil Nilo Peçanha ao Representante Diplomático da França no Rio de Janeiro, Paul Claudel.

E agora eu gostaria de dizer algumas palavras a respeito da Sociedade Polono-Brasileira, por cuja inspiração está sendo realizada a conferência de hoje.

A Sociedade Polono-Brasileira é a organização social polonesa de mais longa duração que populariza os conhecimentos sobre o Brasil, sobre as próximas relações polono-brasileiras e sobre os brasileiros de origem polonesa. O fundador da Sociedade com o nome de Sociedade Brasileiro-Polonesa Rui Barbosa em Varsóvia foi o Prof. Julian Szymański, Presidente do Senado da República da Polônia nos anos 1928-1930. A solene sessão de inauguração da Sociedade realizou-se no Salão do Senado da República da Polônia em novembro de 1929. Julian Szymański passou muitos anos no Brasil. Foi professor de oculística na Universidade Federal em Curitiba e autor de um manual de oftalmologia em língua portuguesa para os estudantes de oculística daquela universidade.

Neste ano, em novembro, a Sociedade vai comemorar os 90 anos da sua instituição.

A instituição da Sociedade tinha por objetivo a intensificação dos contatos entre ambos os países, especialmente em razão das várias centenas de milhares de imigrantes poloneses no Brasil.

No período do pós-guerra, entre os membros da Sociedade houve muitas figuras conhecidas, como Julian Tuwim, Antoni Słonimski, Jarosław Iwaszkiewicz, Józef Ozga-Michalski, Michał Rusinek e Antoni Olcha.

Atualmente, na medida das suas modestas possibilidades, a Sociedade concentra-se na atividade expositiva e informativa. Envolve-se também na organização de conferências e comemorações de importantes aniversários relacionados com as relações polono-brasileiras. Em sua ação, a Sociedade confere importância à divulgação de conhecimentos sobre o Brasil, sobre as relações da Polônia com esse país e sobre a comunidade polônica brasileira.

A Sociedade mantém uma estreita cooperação com o Liceu de Educação Geral Rui Barbosa em Varsóvia, no qual se encontra a sua sede.

Na preparação de exposições e na sua apresentação na Polônia, a Sociedade coopera de perto com o Museu da História do Movimento Popular Polonês. Coopera igualmente, no âmbito das suas possibilidades, com o Ministério das Relações Exteriores, a Embaixada do Brasil, a Missão Católica Polonesa no Brasil, o Consulado Geral da Polônia em Curitiba, o Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, a Fundação de Cultura Brasileira “Macunaíma”, a Fundação “Terra Brasilis” e a Associação Polono-Argentina.

Nos últimos anos a Sociedade apresentou duas significativas exposições, uma no prédio do Parlamento da Polónia, a outra no prédio do Senado da Polónia. A primeira foi dedicada à comemoração dos 90 anos do estabelecimento das relações diplomáticas entre a Polónia e o Brasil e teve como título “Brasil e Polónia – mais próximos do que parece”. A segunda exposição comemorou o aniversário dos 80 anos do histórico voo do capitão-aviador Stanisław Jakub Skarżyński pelo Atlântico ao Brasil e à Argentina no avião polonês RWD-5bis, e teve por título “Stanisław Skarżyński e seu voo histórico pelo Atlântico 1933-2013”. Um dos principais objetivos desse voo histórico era a popularização dos pilotos poloneses e da produção polonesa de aviões no outro continente, especialmente no Brasil e na Argentina.

Gostaria de dizer algumas palavras a respeito de algumas outras exposições preparadas pela Sociedade Polono-Brasileira e pelo Museu da História do Movimento Popular Polonês, bem como a respeito de formas selecionadas da atuação da Sociedade. Tradicionalmente envolvemo-nos, na medida das nossas possibilidades, nas comemorações de aniversários.

Por ocasião dos 85 anos das relações diplomáticas entre a Polónia e o Brasil apresentamos a versão polonesa da exposição “Os

poloneses no Brasil”, elaborada por um grupo de brasileiros de origem polonesa e de poloneses residentes na capital do Brasil. A exposição encerrou ricos materiais fotográficos, cópias de documentos e textos informativos que ilustravam a história dos colonos poloneses no Brasil e a sua contribuição no desenvolvimento de diversas áreas em seu país.

Também por ocasião dos 85 anos do estabelecimento das relações diplomáticas realizou-se um simpósio na Universidade de Varsóvia, organizado em cooperação com o Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia e a Embaixada do Brasil.

Em 2009 a Sociedade comemorou os 80 anos da sua existência. Para comemorar esse aniversário, foi organizado um simpósio na sede do Liceu de Educação Geral Rui Barbosa intitulado “Polônia-Brasil: estado atual das relações, perspectivas e desafios para o século XXI”.

Há dez anos, por inspiração da Sociedade, a Comissão dos Assuntos de Emigração e União com os Poloneses no Exterior do Senado da República da Polônia comemorou os 140 anos da imigração polonesa no Brasil. Participou do evento também um grupo de brasileiros de origem polonesa em visita à Polônia, sob a liderança de André Hamerski, vice-presidente da organização polônica Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (Braspol).

Uma das nossas últimas realizações foi a exposição “Meu coração de polaco voltou”, a respeito da vida e obra de Paulo Leminski, um eminente poeta brasileiro de origem polonesa. A exposição foi organizada em Curitiba por Aurea Alice Leminski e Estrela Ruiz Leminski, filhas do poeta, bem como pela Casa de Cultura Polônia-Brasil em Curitiba. Graças ao seu rico conteúdo informativo e ao seu elevado nível artístico, a exposição tem servido para a divulgação de conhecimentos sobre a vida e a obra de Paulo Leminski, pouco conhecido na Polônia. Essa exposição foi apresentada na Polônia graças aos empenhos da Sociedade e do Museu da História do Movimento Popular Polonês. Sua apresentação

ocorreu no Liceu de Educação Geral Rui Barbosa em Varsóvia e na Biblioteca da Universidade de Varsóvia. A exposição será reapresentada igualmente em outras instituições em Varsóvia e outras cidades da Polônia.

Quero adicionar que a Sociedade tem méritos modestos no que diz respeito à atividade editorial. Conjuntamente com o Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia publicamos a coleção de poemas intitulada *Graniczne progi / Limiars de fronteira / Thresholds* de Tomasz Łychowski, poeta, pintor e líder polônico no Rio de Janeiro. Essa coleção foi publicada em três línguas.

Diante da Sociedade apresentam-se novos desafios. Em breve vamos comemorar o centenário das relações polono-brasileiras. Durante todo o período da sua existência, a Sociedade procurou envolver-se, na medida das suas modestas possibilidades, no fortalecimento dos laços polono-brasileiros. Se conseguimos contribuir pelo menos um pouco para o fortalecimento da cooperação, a amizade e a compreensão polono-brasileira, isso constitui para nós um motivo de grande satisfação.

Desejo-lhes uma interessante conferência a respeito dos 150 anos da colonização polonesa no Brasil.

Obrigado pela atenção.

RESUMO – STRESZCZENIE

25 kwietnia 2019 r. w Senacie RP odbyła się konferencja poświęcona 150-rocznicy przybycia polskich osadników do Santa Catarina w Brazylii. W imieniu organizatorów konferencji zabrał głos Stanisław Pawliszewski – prezes Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego w Warszawie. W swoim przemówieniu zaprezentował stosunek władz brazylijskich do kwestii niepodległości Polski. W drugiej części swojego wystąpienia przedstawił działalność powstałego w 1929 r. Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego. Towarzystwo współpracuje z Uniwersytetem Warszawskim, Ambasadą Brazylii, Liceum Ogólnokształcącym im. Ruia Barbosy w Warszawie. Głównym celem tej organizacji jest promocja stosunków polsko-brazylijskich, jak też popularyzacja brazylijskiej społeczności polonijnej w Polsce.

OS 150 ANOS DA COMUNIDADE POLONESA NO BRASIL

*Hadil FONTES DA ROCHA**

Bom dia a todos.

Dzień dobry

Inicialmente, gostaria de cumprimentar:

o **Senhor Stanisław Karczewski**, Marechal do Senado da Polônia,

ou

o **Senador Adam Bielan**, Vice-Marechal do Senado da Polônia e Presidente da Seção polonesa do Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-Polônia,

a **Senadora Janina Sagatowska**, Presidente da Comissão de Emigração e Ligação com os Poloneses no Estrangeiro,

meus **colegas do corpo diplomático**,

o **Embaixador Stanisław Pawliszewski**, Presidente da Associação Polonesa-Brasileira,

a **Senhora Iwona Kozłowska**, Diretora do Departamento de Cooperação com a Polônia e Poloneses do Ministério de Negócios Estrangeiros da Polônia

os **Representantes do Senado**

* Embaixador da República Federativa do Brasil na Polônia.

os **Representantes do SEJM**

os **Senhores Ministros**

as **Senhoras e os Senhores**

Participar da abertura deste evento é para mim uma grande honra e uma grande satisfação.

Na qualidade de Embaixador do Brasil na Polônia, constato, com entusiasmo e orgulho, o amplo interesse que a existência de uma comunidade de origem polonesa no Brasil, que neste ano alcança 150 anos, desperta nos segmentos político, acadêmico, cultural, educacional, empresarial, entre tantos outros, das sociedades dos dois países.

Considero instrumental a oportunidade oferecida por este seminário para que possamos todos conhecer os diferentes perfis dessa comunidade, que atualmente soma cerca de 2 milhões de pessoas, tão marcante na história brasileira contemporânea, bem como no processo evolutivo das sociedades de certas regiões de meu país.

O encontro de hoje é instrumental, também, para melhor compreender o papel de relevo que essa comunidade, exerceu, exerce e poderá exercer ainda mais no âmbito do relacionamento bilateral.

- xxx -

A aventura polonesa no Brasil remonta à segunda metade do século XIX.

A primeira onda imigratória deveu-se, em grande parte, à atividade das autoridades brasileiras, engajadas na promoção de um movimento migratório europeu robusto, com o objetivo de povoar as áreas desabitadas, sobretudo na parte meridional do País.

A ação dos emissários do governo brasileiro encontrou terreno fértil na Polônia, onde a perda da independência,

o sentimento de insegurança individual e coletiva, os episódios revolucionários e as subsequentes perseguições políticas conduzidas pelas potências ocupantes, bem como a difícil situação política interna do país, forçavam contingentes, particularmente aqueles ligados à atividade rural, à busca de paz, de estabilidade e de melhores condições de vida no exterior.

Já no século XX, somente após a revolução de 1905, na Polônia, ocorreu nova onda imigratória, dessa vez envolvendo número maior de intelectuais, jovens poloneses que haviam participado do movimento revolucionário.

Outra onda verificou-se com a eclosão da I Guerra Mundial, em 1914. Calcula-se que até essa data viajaram ao Brasil mais de 100 mil imigrantes poloneses, em sua maioria colonos que buscavam a propriedade da terra.

A próxima onda imigratória somente ocorrerá em 1919, atraindo cerca de 40.000 cidadãos poloneses em busca de trabalho.

A onda seguinte deu-se nos primeiros anos após a II Guerra Mundial, quando de 10 a 20 mil poloneses imigraram para o Brasil, dessa vez dirigindo-se às cidades e não mais às áreas rurais.

Num processo que se estendeu por mais de um século, registrando ondas imigratórias com destinos, interesses e contingentes variados, estima-se que ingressaram no Brasil mais de 130.000 poloneses, 50% dos quais se radicaram no Estado brasileiro do Paraná, cuja capital Curitiba é considerada a capital polonesa da América do Sul.

- xxx -

Quanto às relações diplomáticas entre o Brasil e a Polônia, cumprem assinalar que, ainda na segunda metade do século XIX, o imperador do Brasil, Dom Pedro II, atuou como membro de uma

associação de apoio à independência da Polônia, que, à época, estava partida e sob ocupação estrangeira.

No século XX, a independência polonesa foi defendida ativamente pelo grande jurista brasileiro, Ruy Barbosa, durante a II Conferência Internacional da Paz, em Haia, em 1907. A posição deste personagem da história nacional foi bastante apreciada pela comunidade polonesa no Brasil e reconhecida também aqui na Polônia. Exemplo desse reconhecimento é o Liceu Ruy Barbosa, única escola secundária em Varsóvia que oferece ensino de português como segunda língua.

O Brasil foi o primeiro país latino-americano a reconhecer a independência da Polônia, ainda em 1918.

Em 1919, estabelecemos relações diplomáticas.

Neste mesmo ano, a Polônia inaugurou um Consulado Geral na cidade de Curitiba e, em 1920, enviou seu primeiro embaixador ao Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

Portanto, no ano próximo, Brasil e Polônia comemorarão com júbilo o bicentenário dessa iniciativa histórica.

Em 1921, o Brasil instalou sua embaixada em Varsóvia.

- xxx -

Este e outros aspectos da comunidade polonesa no Brasil serão objeto de aprofundado exame neste simpósio. Aproveito para parabenizar os organizadores pela inclusão na agenda de tamanha variedade de temas e perspectivas.

Desejo, contudo, salientar dois pontos:

Em primeiro lugar, o alto grau de integração dos poloneses à sociedade brasileira. Como se trata de uma imigração antiga, faz mais sentido, hoje, falarmos de comunidade de brasileiros de origem polonesa. São, portanto, cidadãos que gozam do pleno usufruto de

direitos civis e políticos no Brasil, porém zelosos das ligações culturais, familiares ou mesmo de cidadania que mantêm com a Polônia. Esses elos precisam ser estimulados e preservados, papel que as diversas associações polônicas no Brasil desempenham tão bem.

Em segundo lugar, a comunidade de poloneses – ou de brasileiros de ascendência polonesa – é reconhecida por suas importantes contribuições ao desenvolvimento do Brasil, em diferentes áreas. Como mencionei há pouco, após o término das operações bélicas de 1939 a 1942, ocorreu nova onda migratória de cidadãos poloneses para o Brasil. Esses imigrantes recrutavam-se entre intelectuais e profissionais qualificados - artistas, cientistas, engenheiros, escritores, poetas, educadores, empreendedores, economistas, médicos que, sem dúvidas, deixaram suas digitais impressas para sempre em importantes áreas do conhecimento no Brasil.

São alguns exemplos o ator Zbigniew Ziemiński, o poeta Juilian Tuwim, os artistas plásticos Franz Krajcberg e Fayga Ostrower, o pianista Alexandre Sienkiewicz. Suas importantes contribuições nas respectivas áreas de atuação contam com o respeito, a admiração e o reconhecimento permanentes de todos os brasileiros.

- xxx -

No que refere à cooperação entre o Brasil e a Polônia, é importante ter sempre presente que a comunidade polonesa no Brasil constitui a dimensão humana de um relacionamento bilateral muito sólido, desenvolvido nos planos político, econômico-comercial, educacional, entre outros. Ambos os países compartilham o entendimento de que a manutenção de contatos políticos frequentes é importante para impulsionar atividades e cooperação em diferentes áreas.

Nesse contexto, os contatos políticos entre os dois países têm se dado em alto nível.

Em 16-18.09.2015 o então vice-presidente Michel Temer visitou a Polônia acompanhado de extensa delegação de ministros e empresários.

No início de 2019, o Ministro dos Negócios Estrangeiro, Jacek Czaputowicz, representou a Polônia na cerimônias de posse do Presidente Jair Bolsonaro.

Alguns meses depois, os Presidentes Bolsonaro e Duda encontraram-se em Davos.

Também no início deste ano o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Ernesto Araújo, esteve em Varsóvia para participar da Conferência sobre o Oriente Médio

Em março passado, o Chefe de Gabinete do Presidente Duda, Ministro Krzysztof Szczerski, visitou Brasília para tratar, dentre outros temas, da visita que o Presidente Bolsonaro deverá realizar à Polônia ainda neste ano, e

no próximo dia 10 de maio, o Chanceler brasileiro regressa a Varsóvia para uma visita de trabalho.

- xxx -

A propósito da dimensão econômico, comercial e de investimentos da cooperação bilateral, vale mencionar que o intercâmbio de comércio entre Brasil e Polônia é de aproximadamente 1.5 bilhão de dólares.

O Brasil é o principal parceiro comercial da Polônia na América Latina.

Além disso, seis empresas polonesas mantêm investimentos diretos no Brasil. Tanto no comércio quanto nos investimentos recíprocos, há potencial de expansão.

Há também grande potencial de expansão do turismo de parte a parte. O fato de abrigarmos no Brasil a segunda maior comunidade de poloneses no mundo também contribui para aumentar o interesse dos brasileiros pela Polônia. Para tanto, seria de grande valia a existência de ligação aérea direta entre os dois países.

- xxx -

A cooperação educacional se desenvolve com base em vários convênios entre universidades no Brasil e na Polônia, que balizam o intercâmbio de estudantes e professores, visitas de estudo e promoção de pesquisas conjuntas.

Felizmente, o interesse pelo aprendizado da língua portuguesa na Polônia é grande. Exemplo disso é o fato de a Polônia ser o único país da Europa Central em que se aplica o exame brasileiro de proficiência em língua portuguesa.

- xxx -

Em conclusão, a respeito da cooperação entre os dois países não se pode deixar de reconhecer a importância do apoio, inclusive financeiro, oferecido por diversas instituições polonesas, como o Senado da República, a Associação Wspólnota Polska, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, a diversas iniciativas de brasileiros de origem polonesa.

- xxx -

É muito interessante notar que dois países tão distantes geograficamente como Brasil e Polônia mantêm uma relação bilateral tão consolidada.

Certamente o vínculo humano, criado pela imigração de milhares de poloneses e seu estabelecimento em nosso país como cidadãos brasileiros, é fator crucial para explicar essa questão.

De modo geral, esse vínculo se deveu em grande parte ao alto nível de simpatia e amizade recíprocas, demonstradas já na chegada dos primeiros imigrantes.

Desde essa época, os brasileiros têm oferecido aos poloneses muitas provas da sua simpatia.

É imperativo reconhecer que, em contrapartida, a coletividade polonesa sempre retribuiu a hospitalidade brasileira com gratidão e, sobretudo, com engajamento integral na promoção de valores e princípios caros à sociedade, à cultura e à nação brasileiras.

Finalmente, o relacionamento bilateral Brasil-Polônia é histórico, tradicional, amplo e promissor.

Vislumbram-se, assim, muitas oportunidades de adensamento e melhor aproveitamento de seu potencial.

Ou seja, há muito trabalho a se realizar.

Parte desse trabalho está sendo feito hoje, com a realização do presente simpósio, que promove um olhar mais aprofundado sobre as comunidades polonesas no Brasil.

Como disse anteriormente, este é o vínculo humano que une dois países, duas sociedades e duas culturas.

Compreendê-lo melhor em suas várias dimensões é, portanto, tarefa de todos nós.

Desejo a todos excelente simpósio.

Muito obrigado.

Dziękuję bardzo

RESUMO – STRESZCZENIE

Ambasador Brazylii w Polsce występując na konferencji poświęconej 150-rocznicy polskiego osadnictwa zaprezentował historię kolonizacji w swym kraju ze szczególnym uwzględnieniem osiedlania się Polaków w południowym regionie Brazylii. Mówca zarysował wieloraki wkład emigrantów i społeczności polonijnej w rozwój Brazylii. Mówił także o historycznych, stałych, przyjacielskich relacjach, jakie istnieją między naszymi krajami. W przyszłym roku obchodzić będziemy 100-lecie nawiązania stosunków dyplomatycznych między Polską, a Brazylią.

O CARÁTER ESPECÍFICO DA IMIGRAÇÃO POLONESA PARA O BRASIL

*Jerzy MAZUREK**

A fim de apresentar o caráter específico da imigração polonesa para o Brasil, é preciso vê-la numa perspectiva mais ampla, que envolva toda a Europa. É preciso ter a consciência de que a emigração de terras polonesas ao Brasil foi um elemento do processo maior da migração da Europa à América. Desse processo participaram naturalmente os poloneses, mas – o que deve ser dito claramente – eles não foram o elemento mais importante desse processo. A esse respeito os imigrantes das terras polonesas ficam quantitativamente atrás daqueles da Itália, de Portugal, da Espanha, do Japão e da Alemanha. Segundo cálculos de Ruy Wachowicz, nos anos 1820-1955 vieram ao Brasil 129 515 pessoas das terras polonesas, o que constitui 2,4% de todos os imigrantes estrangeiros daquele período, situando-os no sexto lugar no que diz respeito à quantidade, atrás dos imigrantes italianos (29%), portugueses (28,1%), espanhóis (11,5%), alemães (4,3%) e japoneses (3,6%)¹.

Segundo as conclusões de muitos pesquisadores, a emigração maciça do século XIX da Europa aos países de ambas as Américas teve por base a explosão demográfica, que veio acompanhada da revolução industrial, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII e que nos anos seguintes se estendeu a toda a Europa

* Universidade de Varsóvia.

¹ R. WACHOWICZ, Aspectos da imigração polonesa no Brasil. *Projeções*, 1/1999, p. 16.

meridional e central². O crescimento populacional era uma consequência da melhoria das condições de vida, incluindo a intensificação da higiene e a difusão de novas plantas alimentícias, tais como a batata. Entre outras causas, menciona-se o progresso na área da agricultura, que produziu como resultado as grandes multidões de diversas categorias de pessoas sem terra nas aldeias. Uma boa parte delas não podia ser absorvida pela indústria em desenvolvimento, pelos serviços e por outras tarefas fora da agricultura. Um motivo não menos importante para emigrar era também a vontade de melhorar a própria situação material. Tanto mais que os países de imigração (sobretudo os Estados Unidos, o Canadá, o Brasil, a Argentina) não somente abriram as suas fronteiras, mas apoiavam a imigração, assegurando aos imigrantes o transporte gratuito, o fornecimento de terra, o crédito barato e muitas outras vantagens³. A mobilidade dos habitantes do Velho Continente era também favorecida pelo desenvolvimento das comunicações. Os navios a vapor, que haviam eliminado os veleiros, constituíam em 1890 57%, e em 1920 – 94% da tonelagem da frota mundial. Eles ofereciam um conforto maior nas viagens, bem como encurtaram o tempo do deslocamento de um continente a outro. O desenvolvimento e a universalização da rede ferroviária na Europa na segunda metade do século XIX assegurou a ligação dos grandes portos, tais como Hamburgo, Bremen, Antuérpia, Trieste, Gênova com o interior do continente e, em consequência, facilitou o deslocamento da população.

No caso da Polônia, além dos fatores acima mencionados, influenciou a emigração a intrincada e trágica história do nosso país. Contrariamente aos outros países europeus, influenciavam muito a

² K. SMOLANA, *Za Ocean po lepsze życie*. In: *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*, Warszawa, 1983, p. 40 e ss.

³ Ch. ERICSON (red.), *Emigration from Europe 1815-1914*, London, 1976, p. 12-13.

emigração os fatores políticos. Eles estimulavam a emigração após a queda de Napoleão e os fracassados levantes nacionais, a revolução de 1905 ou a II Guerra Mundial. Impossível seria enumerar todos os militares, engenheiros, médicos ou artistas poloneses que desempenharam um papel significativo em diversas áreas da vida brasileira. No entanto os imigrantes individuais rapidamente se inseriam nos ambientes locais, não criando núcleos compactos que pudessem ter uma futura continuidade. O início da coletividade que demonstrou ser permanente só ocorreu com os camponeses poloneses, cujo primeiro grupo veio ao Brasil há 150 anos, em 1869.

Como ocorreu isso? Em terras polonesas, em meados do século XIX, ocorriam mudanças sociais extremamente rápidas, provocadas pela reforma agrária e pelo desenvolvimento do capitalismo. Sob a influência desses fatores ocorreu o processo da transformação de uma sociedade de estados em sociedade de classes, ou – como preferem outros – de uma sociedade feudal numa sociedade moderna. O grupo mais numeroso dessa sociedade eram os camponeses. A província polonesa – no sentido sociológico – não era, no entanto, monolítica. Ocorriam diferenças não apenas sob o aspecto patrimonial, mas também sob o aspecto da consciência sociopolítica, econômica ou cívica. Por força dos decretos de concessão de terras, que libertaram a população aldeã da servidão, teve acesso à terra apenas uma parte dos camponeses. O número dos sem-terras aumentava sucessivamente, e no final dos anos noventa do século XIX somente no Reino da Polônia era estimado em cerca de 1 200 mil⁴. Essa massa não podia ser absorvida pelo desenvolvimento das cidades e da indústria. A indústria que se desenvolvia em terras polonesas proporcionava uma frágil modernização ao país e à sua

⁴ I. PIETRZAK-PAWŁOWSKA, *Królestwo Polskie w okresie wielkokapitalistycznym 1885-1900*. In: *Historia Polski*, t. 3, parte 1, Warszawa, 1965, p. 533.

estrutura social, na qual continuava a predominar o modelo da nobreza aristocrática. A fome de terra dos camponeses e a pequena possibilidade de o mercado absorver a força de trabalho excedente forneceram um enorme potencial emigratório da província polonesa.

Esse potencial emigratório encontrou-se com o interesse das elites políticas brasileiras da época, que promoviam uma política imigratória muito liberal. Assim, a partir de 1884, alguns governos estaduais e o governo federal cobriam os custos do transporte dos imigrantes ao Brasil. Por que se fazia isso? Eis que o Brasil, desde os tempos coloniais, era um país pouco povoado – em 1822 contava cerca de 4 milhões de habitantes. Após a obtenção da independência, o país buscava a modernização da economia e a identificação com a Europa. Um dos elementos dessa modernização devia ser o encontro de uma alternativa para a força de trabalho escrava. As plantações de café, os centros urbanos em franco desenvolvimento (Rio de Janeiro, São Paulo) exigiam uma oferta maior de mão de obra. No entanto, a tradicional afluência da mão de obra escrava da África estava se esgotando. Essa demanda cresceu ainda quando no dia 13 de maio de 1888 a escravidão foi definitivamente abolida no Brasil. A abertura das fronteiras para os colonos camponeses da Europa era para a classe política brasileira uma perspectiva real de afastamento da estrutura latifundiária da agricultura brasileira. Nos estados meridionais do Brasil isso era tanto mais fácil porque se encontravam ali amplas extensões de terras que eram de propriedade pública, praticamente despovoadas. Os imigrantes da Europa tinham por tarefa também melhorar a estrutura étnica da população brasileira. Em 1890, dos 14 milhões de habitantes do país, cerca de 2 milhões eram negros.

Os primeiros grupos de imigrantes econômicos de terras polonesas provinham da zona de ocupação prussiana. A força impulsora para a emigração era ali o desigual desenvolvimento econômico. A revolução industrial atingiu essas terras mais cedo, já em meados do século XIX, ainda que alguns estabelecimentos tivessem adotado muitos inventos tecnológicos antes disso. A região

industrial mais importante e mais desenvolvida era a Alta Silésia, onde predominava a mineração e a metalurgia. Em outras regiões da zona de ocupação prussiana, isto é, na Pomerânia, na Warmia, na Mazúria e na Polônia Maior, predominava a agricultura⁵. A estratificação e o predomínio dos latifúndios era ali, aliás como em quase toda a zona de ocupação prussiana, especialmente grande. Mas, contrariamente às demais zonas de ocupação, não ocorria ali o processo da fragmentação das propriedades, visto que elas não podiam ser divididas. Emigravam os membros das famílias que não podiam herdar as propriedades de seus pais.

A emigração dos poloneses da zona de ocupação prussiana era também impulsionada pela administração dos ocupantes, que procurava enfraquecer o elemento polonês que ali vivia e buscava a ampliação do estado de posse alemão, especialmente nas províncias orientais. Símbolos dessa política foram a instituição, em 1886, da Comissão Colonizadora, a expedição de uma emenda à lei colonizadora de 1904, a adoção da lei sobre o fortalecimento do estado de posse alemão de 1912 e muitas outras⁶. Nos últimos anos do século XIX e nos primeiros catorze anos do século XX a emigração da zona de ocupação prussiana realizava-se de acordo com as normas da lei alemã de emigração de 9 de junho de 1897. A única restrição para emigrar era o cumprimento do serviço militar obrigatório⁷.

⁵ I. KOSTROWICKA; Z. LANDAU; J. TOMASZEWSKI, *Historia gospodarcza Polski XIX i XX wieku*, Warszawa, 1984, p. 170 e ss.

⁶ L. TRZECIAKOWSKI, *Pod pruskim zaborem 1850-1918*, Warszawa, 1973, p. 190-196, 285-310.

⁷ G. M. KOWALSKI, Prawna regulacja wychodźstwa na ziemiach polskich pod panowaniem pruskim w latach 1794-1914. *Czasopismo Prawno-Historyczne*, t. LVIII, 2006, p. 199-224.

Propriamente o descobrimento do Brasil para os poloneses ocorreu no momento em que Sebastião Wos (1844-1933)⁸, fugindo ao serviço no exército prussiano, chegou ao Brasil já com o nome adotado de Edmundo Saporski e estabeleceu-se no estado de Santa Catarina, na época já fortemente colonizado por empresários alemães. As medidas empreendidas por estes estimularam-no a trazer da sua Siołkowice natal, perto de Opole, parentes e amigos. Em 1869, após muitos empenhos, ele conseguiu estabelecer 16 famílias na localidade de Brusque, na colônia Sixteen Lots, que havia sido abandonada pelos irlandeses. Um ano depois chegou ali um outro grupo de imigrantes. No total, nos anos 1869-1870 vieram a Santa Catarina 32 famílias de imigrantes, que no seu total contavam 164 pessoas. Das 28 famílias identificadas, havia 3 de camponeses, 12 de trabalhadores rurais e artífices e 9 de camponeses arrendatários⁹. As difíceis condições climáticas, as terras desfavoráveis à agricultura e os conflitos com os vizinhos alemães fizeram com que Saporski se dirigisse à província do Paraná e – com a ajuda do padre Antônio Zieliński (n. 1825) – conseguisse ali terras mais favoráveis para os seus compatriotas. Tratava-se de terras localizadas nos arredores de Curitiba, em parte ainda cobertas por espessas matas virgens de araucárias. Núcleos poloneses compactos, tais como Pilarzinho, Abranches, Órleans, Santo Inácio, Dom Pedro, Dona Augusta, Lamenha, Tomás Coelho,

⁸ A respeito de Wos-Saporski escreveram, por exemplo: J. PITOŃ, Saporski w ramach lat. In: *Kalendarz "Ludu"*, Curitiba, 1971, p. 74-80. Esse texto, com o mesmo título, mas em forma um pouco modificada, foi publicado no livro *Emigracja polska w Brazylii. 100 lat osadnictwa*, Warszawa, 1971, p. 81-89; E. MIŚ, Losy i rola siołkowiczán w Brazylii ze szczególnym uwzględnieniem działalności Sebastiana Edmunda Wosia-Saporskiego. In: *Konferencja popularnonaukowa „100 lat Polonii brazylijskiej”*, Opole, 1969; cf., além disso, o prefácio de B. HAJDUK no livro: E. S. SAPORSKI, *Pamiętnik z brazylijskiej puszczy*, Katowice, 1974, p. 5-51.

⁹ K. GRONIEWSKI, *Polska emigracja zarobkowa w Brazylii*, Wrocław, 1972, p. 8.

Zacarias, Murici, Inspetor Carvalho, formaram em pouco tempo, em volta de Curitiba, um anel mais tarde chamado “Nova Polônia”¹⁰. Nas décadas seguintes, os camponeses foram também encaminhados a outros estados, sobretudo a Santa Catarina e ao Rio Grande do Sul.

Na Galícia, o início da emigração para outros continentes iniciou-se nos anos cinquenta do século XIX, embora tivesse atingido dimensões significativas somente nos anos setenta daquele século. A situação das propriedades camponesas nessa região era afetada pela deficiente estrutura agrária. Os camponeses, libertos da servidão e admitidos ao livre cultivo da terra, iam legalizando as partilhas familiares até então proibidas. Um efeito desse processo foi a enorme quantidade de propriedades desprovidas de autonomia econômica. Em 1882, chácaras de menos de 2 hectares eram mais de 17%, de 2 a 5 hectares – quase 21%, de 5 a 10 hectares – quase 32%, de 10 a 20 hectares – mais de 21%, e as propriedades de 20 a 50 hectares eram somente um pouco mais que 8%. Com o passar do tempo o parcelamento se aprofundava, o que fez com que já no início do século XX 4/5 das propriedades contassem menos de 5 hectares de área¹¹. Uma praga adicional era ali também o padrão xadrez dos campos e o catastrófico nível educacional. Esse estado de desesperança e atraso foi perfeitamente retratado por Stanisław Szczepanowski em seu excelente livro, publicado em 1888 com o título *Nędza Galicji w cyfrach* [A miséria da Galícia em números].

O primeiro grupo de imigrantes galicianos chegou ao Brasil em 1873. A emigração perdurou com variada intensidade até 1914, mas atingiu o seu ponto culminante nos anos 1895-1897, provocando na Galícia a chamada “febre brasileira”. Com base nos relatos da época dos estarotes, sabe-se que para essa emigração contribuíram

¹⁰ K. GŁUCHOWSKI, *Wśród pionierów polskich na antypodach. Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii*, Warszawa, 1927, p. 12-14.

¹¹ S. INGLÓT, *Historia społeczno-gospodarcza chłopów w zaborze austriackim*. In: *Historia chłopów polskich*, t. 2, Warszawa, 1972, p. 248.

diretamente as más colheitas, as dívidas, as execuções judiciais, o desemprego, os baixos salários no tempo das colheitas e a influência das cartas que vinham do Brasil. Já em 1876, segundo o estaroste de Tarnów, camponeses estimulados a emigrar à América vendiam as suas propriedades a qualquer preço, levados pela convicção geral de que estariam viajando para um país onde corria o leite e o mel¹².

As questões da emigração na monarquia austro-húngara eram reguladas pela Constituição de 1867. A possibilidade de emigração legal – da mesma forma que na zona de ocupação prussiana – era restringida unicamente pela obrigação de prestar o serviço militar. Era por isso que até a Primeira Guerra Mundial eram atingidas por repressões e sanções as pessoas que não observassem essas normas, bem como aquelas que promoviam a emigração infringindo as chamadas leis militares. Antes de deixar o Império Austríaco, o cidadão não precisava buscar uma autorização para emigrar. Não havia também a obrigação de possuir um passaporte¹³. Viena, contrariamente ao que ocorria em outros países europeus, até 1914 não elaborou uma lei emigratória específica.

O mais difícil era emigrar da zona de ocupação russa. No período que aqui nos interessa, no Império russo vigoravam normas extremamente rígidas para aqueles que pretendiam emigrar. Praticamente toda pessoa que decidia partir tinha que obter a autorização das autoridades competentes, e cada emigrante devia ter o seu passaporte (além da Rússia, somente na Turquia era obrigatória a posse de um passaporte). As pessoas que não se adaptassem a essas normas eram julgadas de acordo com os artigos do código penal russo. As motivações dessa legislação devem ser percebidas na política russa de repressão diante das aspirações à independência no

¹² K. GRONIEWSKI, *Polska emigracja zarobkowa...*, op. cit., p. 15 e ss.

¹³ Para maiores informações a respeito desse tema, cf.: G. M. KOWALSKI, *Prawna regulacja wychodźstwa na ziemiach polskich pod panowaniem austriackim w latach 1932-1914*. In: *Czasopismo Prawno-Historyczne*, t. 54.

Reino da Polônia. Esse tipo de sistema legal vigorou igualmente durante a emigração camponesa maciça do Reino da Polônia¹⁴.

A febre emigratória no Reino da Polônia, que ocorreu nos anos 1890-1892, iniciou-se – da mesma forma que nas outras zonas de ocupação – no período da crise agrária que ocorreu a partir de 1884 e que foi provocada pela importação de cereais americanos à Europa. Isso provocou a queda dos preços do trigo, a interrupção da exportação à Inglaterra, a dificuldades para a venda de produtos agrícolas na Alemanha. Pela diminuição da oferta de trabalho e pela diminuição dos salários, essa crise refletiu-se também no estado da população que de forma contínua ou eventual trabalhava nos solares. As colheitas fracas, especialmente em 1889, pioraram mais ainda a situação. A província sofreu uma ampla estratificação – no ápice desse tipo de escada de posse encontrava-se o grupo relativamente pequeno dos camponeses ricos, que em grande medida haviam adquirido as terras parceladas, cujas propriedades não se distinguiam muito das pequenas fazendas. A parte central da pirâmide era ocupada pelo número relativamente grande de propriedades médias, que em consequência das partilhas familiares sofriam uma rápida fragmentação e fortaleciam o número maior dos moradores das aldeias – o proletariado aldeão. O grande crescimento populacional fazia com que o número dos desempregados – na sua maioria empregados eventualmente, muito mal equipados e com frequência muito mal tratados – fosse enorme¹⁵. A superpopulação tornou-se desde então um elemento constante da paisagem aldeã daquelas terras, e esse problema não foi resolvido praticamente até 1945.

Em cada uma das zonas de ocupação a emigração era promovida com a ajuda de intermediários, que eram tanto pessoas

¹⁴ G. M. KOWALSKI, Prawna regulacja wychodźstwa w Królestwie polskim w latach 1815-1914. In: *Czasopismo Prawno-Historyczne*, t. 55, 2003, p. 553.

¹⁵ J. RUTKOWSKI, *Historia gospodarcza Polski*, t. 2, Poznań, 1950, p. 229.

individuais como instituições e que se dedicavam ao recrutamento dos emigrantes e ao comércio dos bilhetes para os navios. Com muita frequência essas instituições, bem como os seus representantes, chamados agentes, cometiam sérias fraudes e delitos diante dos emigrantes¹⁶. As informações sobre o Brasil entre a população das aldeias e das pequenas cidades eram transmitidas sobretudo pelos agentes emigratórios, que tinham por tarefa recrutar os dispostos a viajar. Naturalmente, eles surgiram primeiramente nas terras da zona de ocupação prussiana. A imprensa daquele período informava sucessivamente os seus leitores a respeito da atividade deles. Dela ficamos sabendo, por exemplo, que na primavera de 1872, na Pomerânia e na Polônia Maior, esse atividade propagandística era conduzida por Karl Börnstein, de Bremen¹⁷, que buscava colaboradores entre os professores do interior, visto que – como ele mesmo confessava – “é o professor que conta com a maior confiança do povo”¹⁸. Nos anos seguintes, desenvolveram a sua atividade os agentes de Hamburgo e de Antuérpia¹⁹.

¹⁶ G. M. KOWALSKI, *Przestępstwa emigracyjne w Galicji 1897-1918. Z badań nad dziejami polskiego wychodźstwa*, Kraków, 2003, p. 29 e ss.

¹⁷ *Dziennik Poznański*, n. 94, 24.4.1872, p. 1; *Gazeta Toruńska*, n. 95, 27.4.1872, p. 4.

¹⁸ *Dziennik Poznański*, n. 94, 25.4.1872, p. 3.

¹⁹ K. GRONIEWSKI, *Polska emigracja zarobkowa...*, op. cit., p. 12; „Esse é um tema inesgotável, razão por que com frequência a ele se volta – advertia *Gazeta Toruńska*. – Na região de Gniew, no início de maio cerca de 700 pessoas devem abandonar a pátria, e isso por intermédio de apenas um agente de Hamburgo. Essas pessoas, com as quais os agentes simplesmente negociam, devem ser enviadas ao Brasil, onde cairão nas garras dos negociantes de lá. Receberam ordem de levar consigo machados e pederneiras, donde se pode concluir o que ali as espera. Quando alguém preocupado com o seu destino esclareceu-lhes as condições climáticas brasileiras e predisse lutas com os índios, muitos começaram a pensar melhor, e muitos sacrificarão os 5 ou 10 táleres já adiantados pelo lugar no

Naturalmente, apenas a ação dos agentes, que circulavam de aldeia em aldeia, que liam cartas verdadeiras ou falsas de colonos pretensamente felizes no Brasil, não teria condições de induzir os camponeses a viagens maciças para além do oceano, se não existisse entre eles um ambiente a isso favorável. Por isso, não é de admirar que, quando em 1890 chegaram à zona de ocupação russa informações sobre a concessão gratuita de terras no Brasil e da viagem gratuita até lá, os camponeses tivessem sido afetados pela “febre”²⁰. Fascinava-os a extensão dos lotes distribuídos e a fertilidade da terra. Não queriam acreditar na falta de cidades, de mercados de consumo. Não podiam imaginar que pudesse existir um país despovoado. Esclarecimentos a esse respeito pareciam-lhes intrigas que tinham por objetivo privá-los de uma ocasião de se tornarem autônomos. É por isso que em 1890 milhares de pequenos proprietários camponeses começaram a vender as suas propriedades, os operários agrícolas se desfaziam do seu patrimônio, os artesãos vendiam suas oficinas e todos, em massa, deixavam o país. O maior entusiasmo pela emigração era demonstrado pelos sem-terras e pelos proprietários de minifúndios. Esses, naturalmente, eram contaminados pela “febre”, estimulando-se mutuamente à pressa, com receio de que a distribuição de terras no Brasil fosse interrompida.

Um traço característico da migração de terras polonesas ao Brasil, e em parte também à Argentina, era o fato que, contrariamente,

navio e permanecerão na pátria”. *Wychodźstwo. Gazeta Toruńska*, n. 81, 8.4.1873, p. 3.

²⁰ “A febre brasileira é uma doença contagiosa: as pessoas se afastam do país umas após outras, arrebatadas por uma espécie de ímpeto de ovelha que atinge as raias da perda da razão. O argumento de que os falsos tesouros no Brasil não atraem os alemães, nem os franceses, nem os italianos – provoca a descrença. Ao argumento de que todas essas notícias são uma lenda, um dos interessados respondeu-nos ontem: ‘Ora, meu senhor, eu li o Triplin [!], então sei o que é o Brasil’. As palavras do púlpito também não produzem efeito etc.”; *Gorączka brazylijska. Kurier Warszawski*, n. 287, 5/17.10.1890, p. 2.

por exemplo, à migração aos Estados Unidos, a maioria viajava com suas famílias inteiras. O objetivo da partida era a conquista de uma propriedade pessoal, que garantiria o seu futuro. Aos Estados Unidos viajava em regra apenas o homem, sem a esposa e os filhos. Eventualmente mais tarde ele trazia a família ou voltava ao seu país. No caso da América Latina era diferente – a colonização agrária impunha exigências diferentes. Ali, sem a presença da família, ou pelo menos da esposa, a instalação na propriedade se tornava impossível²¹.

Os camponeses poloneses que se dirigiam ao Brasil estavam interessados sobretudo na obtenção de terra, e por isso na sua maioria se estabeleciam em áreas dos estados do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Não lhes interessava o trabalho nas plantações de café nos estados de São Paulo ou do Rio de Janeiro, que era associado à servidão, ainda presente na memória deles. Isso significava para eles mais uma viagem de navio ao longo do litoral brasileiro, pelo porto de Paranaguá, por Florianópolis, até a atual Porto Alegre. A composição percentual dos imigrantes da Europa era quase homogênea – mais de 95% era constituído de camponeses. Tratava-se de pessoas que em sua genealogia e memória traziam a servidão e que com muita frequência tinham dificuldades para definir a sua nacionalidade.

Estabelecer o número exato dos poloneses que nos anos 1969-1914 vieram ao Brasil é extremamente difícil. Convém não esquecer que essa população emigrava de três zonas de ocupação. As estatísticas imigratórias brasileiras registravam muitas vezes os poloneses como cidadãos russos, austríacos ou alemães. Calcula-se que no decorrer da primeira “febre brasileira” (1890-1892) viajaram para além do oceano – ao que parece – cerca de 60 mil camponeses sem terra ou donos de minifúndios do Reino, apesar dos obstáculos

²¹ Chama atenção para isso R. WACHOWICZ em seu livro *O camponês polonês no Brasil*, Curitiba, 1981, p. 76.

que lhes eram impostos pelas autoridades russas. Um pouco depois, a partir de 1895, vivenciou a sua “febre” a Galícia. A magnitude dessa “febre” é estimada em cerca de 25 mil pessoas, incluindo um bom número de ucranianos. Uma terceira onda emigratória, contando cerca de 10 mil pessoas, viajou nos anos 1909-1912, especialmente da região de Podlasie e de Lublin²². No início dos anos vinte do século XX, o cônsul polonês em Curitiba, Kazimierz Głuchowski (1885-1941), estimou o grupo étnico polonês em 102 096 mil²³, dos quais cerca de 42 se teriam estabelecido no Paraná, 32,3 mil no Rio Grande do Sul, 6,75 mil em Santa Catarina e 21,5 mil em São Paulo e em outros estados.

Os imigrantes poloneses que vieram ao Brasil antes de 1914 estiveram numa situação bem pior que a dos imigrantes de outros países. A inexistência de um Estado polonês fazia com que eles estivessem privados da proteção e da ajuda consular. Essas funções, na medida do possível, eram cumpridas pelo “homem-instituição”, pelo já mencionado Wos-Saporski. Ele era não apenas protetor, agrimensur que media os lotes dos imigrantes poloneses, mas também organizador da vida social dos poloneses.

A emigração ao Brasil da Polônia independente, isto é, nos anos 1918-1939, era provocada praticamente pelas mesmas causas do período anterior. Continuava existindo uma enorme superpopulação, em grande medida herdada da época anterior a 1914. Nos anos vinte – apesar da reforma agrária de 1925 aprovada e em seguida promovida – essa superpopulação mantinha-se no nível de 3-5 milhões. A indústria da época não tinha condições de absorver os desempregados, apesar de empreendimentos como a construção do porto de Gdynia ou do Setor Industrial Central. Além disso, a emigração era utilizada pelos governantes como instrumento de certas

²² K. GRONIEWSKI, *Polska emigracja zarobkowa...*, op. cit., p. 71, 78-79, 143-145.

²³ K. GŁUCHOWSKI, *Wśród pionierów polskich...*, op. cit., p. 26-31.

tendências políticas existentes na Polônia daquele tempo. Havia aqueles que viam nela um fator essencial para a melhoria das condições agrárias, para a ativação dos portos marítimos e o desenvolvimento da frota marítima nacional de passageiros, para o incremento do comércio exterior. Para outros, devia servir de introdução para a implementação da política colonial polonesa e de uma forma de sanear as relações de nacionalidades, principalmente pelo incentivo à emigração dos judeus e dos ucranianos.

Em todo o período do entreguerras, emigraram da Polônia ao Brasil mais de 41 mil poloneses. De dados mais detalhados resulta que, entre os emigrados, a grande maioria, cerca de 70%, era constituída por representantes de minorias nacionais. Tratava-se principalmente de judeus e ucranianos. Em comparação com a emigração anterior a 1914, mudaram as condições da emigração ao Brasil. Quem emigrava tinha que possuir recursos para pagar a viagem, bem como dinheiro para sobreviver no período inicial do seu estabelecimento. A emigração desse período tinha também um caráter diferente da anterior. Em grande medida tratava-se já de uma emigração organizada e dirigida por instituições particulares e estatais, que se desenvolviam na Polônia por obra do movimento colonial.

Pode servir de exemplo, aqui, a malograda colonização no estado do Espírito Santo, conduzida pela Sociedade Colonizadora de Varsóvia. No dia 6 de outubro de 1928 essa firma assinou com o governador do Espírito Santo um contrato de colonização, por força do qual o lado brasileiro cedeu gratuitamente à Sociedade 50 mil hectares de terra, com a obrigação de trazer no decorrer de 8 anos 1 800 famílias da Polônia. Nos anos 1929-1930, à colônia Águia Branca, no município de Colatina, organizada pela Sociedade, viajaram da Polônia mais de 300 famílias. Paralelamente, promovia a ação colonizadora no Brasil a Liga Marítima e Colonial, dirigida pelo general S. Strzemiński. Em 1936 a Liga era proprietária de cerca de 30

mil hectares de terras no Paraná. Nessas terras foi fundada somente uma colônia – Morska Wola, onde em 1937 residiam 113 famílias²⁴.

Na segunda metade dos anos trinta desenvolveu a ação colonizadora a Sociedade Comercial e Colonizadora, de Curitiba (que assumiu a Sociedade Colonizadora Internacional S. A.). Em 1939 ela possuía no Brasil dois povoados: Jagoda, com a superfície de 643 004 hectares, e Nowa Wola, que contava 718 hectares.

Após o ataque da Alemanha à Polônia em 1939, no dia 4 de setembro o Brasil proclamou a neutralidade, mas já no dia 5 de outubro de 1939 reconheceu o governo polonês em Paris e encaminhou para lá o seu representante, para a continuidade da missão diplomática. A derrota da Polônia na guerra com a Alemanha foi também um grande choque para a comunidade polônica do Brasil, a respeito do que escreveu em suas memórias o legado polonês no país, Tadeusz Skowroński: “Estou procurando superar a disposição derrotista dentro da colônia, sobretudo estimulando todos ao trabalho, mas isso não é uma tarefa fácil, visto que a colônia aos poucos começa a considerar-se como um ente de emigrados, isto é, como a consciência da nação que não assume nenhuma responsabilidade pelo que aconteceu e, por isso, como uma instituição que tem o direito à crítica”²⁵.

Percebe-se com isso quanto havia mudado a postura da comunidade polônica em relação ao país de origem. Essa postura se transmitiu também às pessoas que residiam no distante interior. Testemunha isso o relatório que Paweł Nikodem (1892-1982) elaborou em 1943 para o representante do governo de Londres, que se encontrava no Brasil com uma missão de recrutamento para o Exército Polonês na Grã-Bretanha:

²⁴ T. BIAŁAS, *Liga Morska i Kolonialna 1930-1939*, Gdańsk, 1983, p. 196-208.

²⁵ T. SKOWROŃSKI, *Wojna polsko-niemiecka widziana w Brazylii 1939-1940*, Polska Fundacja Kulturalna, Londres, 1980, p. 65.

Viajando para aquelas distantes regiões, eu tinha na memória as recordações do ano 1920. Eu estive então pela primeira vez em Ivaí, que estava inteiramente escondida nas matas. Os colonos estavam dando apenas os primeiros passos na nova terra. Não conheciam a língua do país. As recordações que trouxeram da Polônia não eram das melhores, porque se tratava principalmente de serviços dos solares, mas todos sentiam saudade da pátria e choramingavam pelo ninho dos pais. A pergunta mais comum que então me faziam era: “Quando é que o governo polonês vai enviar navios para nos levar de volta?”. Contando com a volta, os colonos descuidavam das suas tarefas. Hoje, passado um quarto de século, os humores são completamente diferentes. As conversas entre vizinhos, nas casas e nas vendas, têm por tema, na bacia do Ivaí, os imundos porcos e os seus preços. Em Getúlio Vargas – a batata e o algodão, e em Londrina o interesse se concentra no café e nos preços das terras que sobem todos os dias. Sobre a guerra também se fala. Sobre a Polônia – igualmente, mas o interesse número um concentra-se na propriedade própria e vizinha. [...] A situação dos colonos não é má, talvez melhor que nunca antes, e por isso, também, a ideia de voltar à Polônia faz parte das recordações. Um ou outro aborda na conversa esse tema, mas indaga-se antes sobre a possibilidade de mudar-se para as futuras colônias que a Polônia sem dúvida vai receber do que para as margens do Odra ou Vístula²⁶.

Naquele tempo, um grande sucesso da Legação da Polônia foi a organização do Comitê de Ajuda às Vítimas da Guerra na Polônia, em cuja composição entraram simpatizantes da causa polonesa, provenientes da sociedade brasileira, bem como da comunidade polônica. Esse Comitê funcionou até 1945 e recolheu quase 4 milhões

²⁶ Ryszard STEMPLOWSKI (red., introd. e notas), *Imigranci polscy w Brazylii podczas II wojny światowej*, seleção de documentos do Arquivo do Instituto Polonês e do Museu General Sikorski, Instytut Badań Polonijnych UJ, Warszawa, 1978, p. 78.

de cruzeiros, recursos que foram destinados aos prisioneiros de guerra, à ajuda à população civil na Polônia, às vítimas das deportações à Rússia, bem como às crianças dos estabelecidos na África e em outras regiões do mundo. Além da ajuda pecuniária, o Comitê enviou também muitas toneladas de alimentos, roupas e remédios.

O Brasil recebeu igualmente numerosos refugiados de guerra poloneses, cujo número é calculado na faixa de 2 a 3 mil. Nesse grupo encontramos representantes do exército, da aristocracia, dos antigos círculos governamentais ou do abastado comércio judeu. Deste último ambiente provinha Stanisław Fishlowitz (1900-1976), descendente de uma família judia que se estabeleceu na Polônia ainda na época dos Jaguells. Entre os refugiados políticos que no dia 5 de agosto de 1940 vieram a bordo do navio *Angola* ao Rio de Janeiro, havia também grandes figuras da cultura polonesa: os poetas Julian Tuwim (1894-1953) e Jan Lechoń (1899-1956) e a atriz Irena Eichler (1908-1990). Eles encontraram ali os seus antigos amigos vindos anteriormente e eminentes artistas poloneses, como Jan Kiepura (1902-1966), Witold Małcużyński (1914-1977) e August Zamoyski (1893-1970). Em época posterior, por um breve período permaneceram no Rio o gráfico e caricaturista Zdzisław Czermański (1900-1970) e o poeta Kazimierz Wierzyński (1894-1969). Esses emigrantes agrupavam-se em torno da Legação polonesa ou permaneciam no círculo de Stefania Płaskowiecka-Nodari (1892-1973), uma grande filantropa polonesa, que entregou à disposição dos refugiados poloneses a sua casa em Niterói.

Infelizmente, para muitos a estada no Brasil não tem sido um episódio feliz, mas antes passageiro, uma etapa saudosa da Polónia na viagem e na espera pelo visto para os Estados Unidos ou o Canadá. Ecos da permanência no Rio podem ser encontrados no poema de Tuwim intitulado *Flores polonesas*:

My country is my home. A Pátria,

E os outros países são hotéis²⁷

Muitos dos errantes da guerra já se ligaram com o Brasil para sempre. Zbigniew Ziemiński (1908-1978), um conhecido ator dos palcos poloneses, veio ao Rio de Janeiro em 1941 e dois anos depois dirigiu no Teatro Municipal no Rio de Janeiro a peça de Néelson Rodrigues *Vestido de noiva*, que deu início a uma “revolução teatral” no Brasil. Após a Segunda Guerra Mundial foi ator, diretor de espetáculos teatrais e televisivos e educou, além disso, toda uma geração de atores e diretores brasileiros.

Algumas centenas de voluntários do Brasil participaram das lutas nas frentes da Europa Ocidental nas fileiras das Forças Armadas Polonesas. O recrutamento em território brasileiro foi iniciado em julho de 1940. No total, foram transportados à Grã-Bretanha 394 voluntários²⁸. A esse respeito, escreveu nos anos oitenta do século XX Jan Krawczyk (1916-1996):

Variado foi o destino dos voluntários do Brasil que se juntaram ao Exército Polonês na Inglaterra. Meu irmão mais velho Feliks passou toda a guerra na Escócia, onde “conquistou” uma esposa escocesa; ambos emigraram para a Austrália, organizaram a sua vida de alguma forma e estão vivendo ali os seus últimos dias. Um outro irmão meu, Bolesław, esteve no exército do general Maczek e participou da invasão à Normandia. Após a desmobilização, voltou à esposa e à filha em Porto Alegre. Faleceu há alguns anos em São Leopoldo. Voltou também à sua família o Kowalczyk, que há pouco esteve na Polônia, onde foi incluído na lista dos membros da União dos Lutadores pela Liberdade e Democracia. Ele reside em Porto Alegre. Tomasz Kasprzyk, que sofreu ferimentos graves em

²⁷ J. TUWIM, *Kwiaty polskie*, Warszawa: PIW, 1955, p. 99.

²⁸ A esse respeito existe uma significativa bibliografia. Cf. Ryszard STEMPLOWSKI, *Rekrutacja w Brazylii do oddziałów Sikorskiego. Przegląd Polonijny*, n. 3 de 1976, p. 70 e ss.

Chamois, também voltou ao seio da família. Despediu-se da vida há alguns anos. Dos cinco irmãos Puton – um deles foi ferido – todos voltaram sãos e salvos aos seus lares. Em geral todos que permaneceram vivos voltaram para casa no Brasil²⁹.

Enquanto isso, no dia 22 de agosto de 1942 o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália, o que decididamente mudou a posição da Polônia. O Brasil foi o único país da América Latina a enviar os seus soldados à Europa envolvida pela guerra. No Corpo Expedicionário Brasileiro, que contou 25 mil soldados, não faltaram naturalmente brasileiros de origem polonesa. No outono de 1944 eles travaram pesadas batalhas no norte da Itália, entre Pisa e Bolonha. Apesar das grandes perdas que sofreram, saíram-se bem das tarefas que lhes haviam sido confiadas – conquistaram Monte Castello, um importante ponto de defesa alemã na Península Apenina³⁰.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, veio ao Brasil uma nova onda emigratória. Estima-se que se estabeleceram no Brasil, nesse período, de 10 a 20 mil poloneses. Esses imigrantes – na sua maioria de origem intelectual – estabeleceram-se em cidades grandes, como Rio de Janeiro ou São Paulo. Nesse grupo de emigrados houve um grande número de oficiais, engenheiros, juristas. Eram pessoas com educação superior, que se distinguiam por maiores aspirações na vida. Um deles foi Alfred Jurzykowski (1899-1966), que trabalhou no Brasil nos anos 1950-1960, tendo-se tornado um pioneiro da indústria automobilística brasileira. No dia 28 de setembro de 1956, em cooperação com a firma Mercedes Benz, ele abriu perto de São Paulo uma fábrica de ônibus e caminhões – a Mercedes Benz do Brasil. Participou dessa solenidade o presidente do Brasil Juscelino

²⁹ J. KRAWCZYK, *Ochotnicy z Rio*, Warszawa, 1988, p. 253-254.

³⁰ Para maiores informações a respeito desse tema, cf.: C. M. BRANCO, *O Brasil na Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, 1960; H. SILVA, 1944: *O Brasil na Guerra*, Rio de Janeiro, 1974.

Kubitschek. Em 1960 foi instituída por Jurzykowski em Nova York uma fundação que tinha por objetivo patrocinar cientistas e artistas da Polônia e do Brasil.

Praticamente, com essa onda de imigrantes do pós-guerra encerrou-se o processo da afluência dos poloneses ao Brasil. Nos anos seguintes, se compatriotas nossos vinham a esse país eram casos raros, até individuais. Uma dessas exceções é Andrés Bukowinski, que reside em São Paulo desde 1973, onde, como diretor e acionista dirige a firma ABAFILMES. Ele nasceu em Varsóvia em 1940. Aos seis anos de idade deixou a Polônia juntamente com os pais e dirigiu-se à Inglaterra, onde residiu até 1949, após o que emigrou à Argentina. Aos 21 anos de idade iniciou a sua carreira como diretor de filmes publicitários. Recebeu muitos prêmios valiosos, inclusive três Leões de Ouro em Cannes, o Prêmio Clio e muitos outros. A rede de televisão Globo por sete vezes reconheceu-o como Profissional do Ano. O seu filme *Hitler* foi reconhecido como um dos melhores 40 filmes comerciais do século XX³¹.

Em 1970, por ocasião do centenário da vinda do primeiro grupo de colonos poloneses ao Paraná, representantes da comunidade polônica brasileira iniciaram a publicação, em língua portuguesa, dos *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*. Merece atenção o fato de que esse aniversário redondo serviu de ocasião para o início dessa publicação científica.

Essa forma confirma o caminho das mudanças e do desenvolvimento que se realizaram no decorrer de cem anos: eis que descendentes dos camponeses poloneses, que possuíam uma instrução elementar ou que nem a possuíam, que desconheciam a língua do país em que se estabeleceram no momento em que a ele vieram – decidem comemorar o centenário da sua imigração,

³¹ A. PLUTA, *Długa podróż w bardzo krótkim czasie. Biografia Andrzeja Bukowińskiego*, Warszawa: Wydawnictwo Akademickie Dialog, 2013.

conscientes do que como grupo haviam alcançado, publicando esses anais científicos na língua do país em que viviam – concluía o Prof. Władysław Miodunka³².

Percebe-se com isso que as transformações da identidade da comunidade polônica brasileira realizaram-se aos poucos e em etapas. Isso foi também influenciado pela estrutura da imigração ao Brasil. Esse processo transcorria nas cidades de uma forma inteiramente diversa daquela do interior brasileiro. Considerando a questão de uma forma genérica, esse processo se encerrava na escala das transformações entre dois pontos extremos: ser polonês e tornar-se brasileiro. Deslocando-se de um extremo a outro, a identidade encerra cada vez menos elementos poloneses, e cada vez mais brasileiros. Mas, quando já se tornavam brasileiros, enfatizavam o seu vínculo com a Polônia, afirmando que eram oriundos de um país de uma longa embora desconhecida história no Brasil, que graças a essa origem eram herdeiros de uma antiga e rica cultura. Essa consciência era expressa pelos autores dos artigos publicados nos *Anais*, sobretudo por Edwino Tempski (1913-1995), autor do livro *Quem é o polonês*, publicado em 1971.

As expressões de reconhecimento para com os brasileiros de origem polonesa na passagem dos anos 70 para os anos 80 são numerosas, mas um episódio muito simbólico que valorizou imensamente o nosso grupo étnico foi a escolha de Karol Wojtyła como papa e a sua visita a Curitiba em 1980³³. A partir de então, a origem polonesa tornou-se motivo de incontestável orgulho. Não deixa de ser significativo também que a visita do papa deixou marcas

³² W. MIODUNKA, *Bilingwizm polsko-portugalski w Brazylii. W stronę lingwistyki humanistycznej*, Universitas, Kraków, 2003, p. 55.

³³ M. C. Solheid DA COSTA, Skrzypce, które grały tylko po polsku. Od piętna bycia Polakiem do rekonstrukcji tożsamości polskiej w Paranie. *Przegląd Polonijny*, v. 86, 1997, p. 12.

permanentes, visíveis no espaço urbano de Curitiba, como o Parque João Paulo II, conhecido de todos como Parque Polonês.

Hoje os descendentes dos imigrantes poloneses no Brasil já vivem numa realidade inteiramente diferente e podem orgulhar-se de muitas conquistas. A vida cultural desses descendentes dos imigrantes poloneses no Brasil e a colaboração de instituições polônicas com instituições polonesas intensificaram-se a partir do início dos anos 90 do século XX. Em 1990 foi fundada a Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa (Braspol), que desenvolve a sua atividade até hoje. Essa organização congrega mais de 360 núcleos polônicos espalhados por todo o país, contribuindo para a sua aproximação e a intensificação das atividades. Além disso, alcançaram popularidade e um elevado nível artístico os conjuntos folclóricos poloneses, o que se comprova pela sua frequente participação em diversos festivais, inclusive internacionais. Extremamente importante para a preservação da identidade é também o papel do clero polonês e das numerosas congregações religiosas que exercem o ministério religioso no seio da comunidade polônica. Nos núcleos dos brasileiros de origem polonesa é promovida uma rica atividade sociocultural: cultivam-se as tradições e os costumes poloneses, organizam-se cursos de língua polonesa, comemoram-se festas nacionais e eclesíásticas. Por iniciativa do deputado estadual do Rio Grande do Sul Sergio Stasinski (n. 1969), a Assembleia daquele estado aprovou em 2004 uma lei graças à qual o dia 3 de maio é comemorado ali como o dia do Colono Polonês. No Departamento de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, funciona o novo curso de Letras-Polonês. Trata-se de um importante foco de formação dos futuros professores (o curso oferece a especialização em magistério), de trabalho científico e de promoção da língua e da cultura polonesa no Brasil.

No Brasil de hoje não existem estatísticas que falem do número dos componentes do grupo étnico de origem polonesa. Independentemente das estimativas, cuja grandeza oscila entre 1 e 3 milhões, permanece sendo um fato inegável de que a comunidade

polônica brasileira cumpre um papel de ponte relações polono-brasileiras. Apesar das crescentes trocas comerciais, das boas relações políticas e econômicas, é ela que constitui o fundamento das relações entre os dois países.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor zamieszczonego powyżej tekstu podjął się przedstawienia specyficznej charakterystyki polskiej emigracji do Brazylii. Najpierw zarysował panującą sytuację w Polsce będącej pod zaborami. Warunki, przede wszystkim ekonomiczne, sytuacja agrarna, jak też niechęć młodych Polaków do służenia w zaborczych armiach były głównymi powodami do podejmowanych decyzji, aby emigrować do Brazylii. Z kolei zarysował początkową sytuację naszych osadników, jak też jej historię, aż po współczesność.

MUDANÇA DE IDENTIDADE – A ETNICIDADE POLONESA NO BRASIL UMA REFLEXÃO ATUAL

*Elżbieta BUDAKOWSKA**

Tanto os processos da construção da identidade coletiva como o fenômeno da etnicidade defrontam-se atualmente com muitos novos desafios, que vão determiná-los e definir o seu formato futuro. A presente reflexão relaciona-se especialmente com as coletividades pós-imigratórias no Brasil, nas quais predominam os descendentes da colonização maciça do final do século XIX e início do século XX. Hoje por vezes os distanciam dos seus antepassados até seis gerações.

Surge então a pergunta: Como no futuro será preservada por eles a memória da herança histórica dos pioneiros e como se moldarão os processos do sentimento da percepção de pertencimento à cultura de origem, apesar da crescente distância geracional e das universais influências culturais?

Os resultados das pesquisas demonstram que os processos de identificação sofrem mudanças no decorrer das sucessivas gerações. Eles expressam uma abordagem mais diversificada da sua herança cultural de origem, baseando o interesse por ela numa escolha seletiva, voluntária. Isso significa que somente alguns modelos e valores do cânone cultural de origem são escolhidos e preservados, ao passo que outros são rejeitados. A relação entre aquilo que é escolhido e aquilo a que muitas vezes se renuncia encontra-se num contínuo estado de mudança e acarreta a mudança da imagem da etnicidade nas sucessivas gerações.

* Universidade de Varsóvia.

Nas análises identitárias e étnicas confere-se atenção especial a duas questões:

- da reconstrução coletiva da cultura do grupo étnico;
- da construção individual da cultura de origem, realizada por indivíduos das gerações subsequentes.

Com relação à reconstrução coletiva da cultura/tradição, ou seja, da recriação das tradições, é preciso dizer que durante a sua permanência multigeracional os grupos étnicos estão necessariamente sujeitos a numerosas mudanças, porém preservam certas características constantes que os distinguem dos outros grupos. No entanto em muitos ambientes poloneses no Brasil os imigrantes poloneses estiveram sujeitos a processos de assimilação dependentes das condições do seu estabelecimento e da política do Estado. Permanecendo mais isolados no interior, eles se têm adaptado mais lentamente à consciência nacional do país receptor. Sendo, por sua vez, objeto de uma política integracionista restritiva diante dos grupos imigratórios, como por exemplo tem ocorrido durante o governo de Getúlio Vargas, estavam sujeitos a uma assimilação maior e perdiam a continuidade da transmissão dos modelos culturais étnicos, que teve que ser renovada, reconstruída em muitas coletividades pós-imigratórias.

A construção individual da etnicidade, ou seja, a criação autônoma pelo indivíduo da imagem de si mesmo, que o distingue dos outros, é um processo dinâmico, variável e situacional (dependente das circunstâncias). Pode ocorrer em condições de transgressão/transposição das fronteiras culturais, especialmente num ambiente de casais mistos, como frequentemente acontece no Brasil. Pode, portanto, basear-se numa escolha seletiva de determinados elementos do cabedal da herança cultural étnica e criar um padrão próprio de etnicidade.

No decorrer das últimas três décadas, observamos no Brasil o fenômeno da reconstrução e da construção da etnicidade polonesa, ou seja, no nível dos ambientes poloneses locais e no ambiente individual

dos brasileiros de origem polonesa. Serviu de um impulso especial para a mobilização da ação étnica o surgimento, em 1990, da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (Braspol). No processo do restabelecimento da coesão social das comunidades multigeracionais de origem polonesa envolveram-se também outras organizações.

No entanto, um desafio investigativo é reconhecer até que ponto continua sendo um elemento criativo o modelo cultural trazido pelos antepassados e até que ponto a etnicidade se torna um processo individualizado, baseada na realidade na consciência da origem, mas que não exclui outras heranças culturais.

Tradicionalmente a etnicidade tem sido definida com base num critério objetivo como o antepassado comum. No entanto, no caso dos descendentes sucessivos, impunha-se a pergunta retórica: a quantas gerações seria preciso retroceder para que se pudesse falar de um antepassado comum, porquanto nas gerações pós-imigratórias ocorrem igualmente os matrimônios mistos, de variados parentescos étnicos? Diante de tal diversidade de laços emocionais de variada genealogia étnica, com frequência se torna difícil decidir a qual passado se deve dar prioridade. Com isso, o próprio conceito de antepassado é mais difícil de ser captado e se torna volátil no processo da identificação do indivíduo com um determinado grupo. Defrontamo-nos, portanto, aqui não apenas com a origem factual, mas também com a origem suposta do indivíduo. Ocorre o enfraquecimento dos elementos objetivos, exteriores da origem como determinantes do comportamento humano e intensifica-se o papel do fator autoconsciente.

E assim, voltando à pergunta acima apresentada, os oponentes têm afirmado que não existe para ela uma resposta objetiva, visto que ela é condicionada pelo contexto social. A etnicidade não é um fato da natureza, mas uma criação social e pode ser conscientemente edificada através dos contatos sociais no processo

da interação com outros grupos, principalmente em condições de rivalidade entre esses grupos.

Um desafio para a preservação e a construção do sentimento da identidade coletiva nas condições pós-imigratórias é o ritmo e o âmbito até agora incomuns das mudanças sociais, a que por vezes se dá o nome de *aceleração histórica*. Esse processo atualmente se realiza em condições de um grande dinamismo do desenvolvimento civilizacional e tecnológico, permitindo que a pessoa viva ao mesmo tempo tanto no mundo real como no virtual, o que acarreta variadas consequências, sobretudo o insólito acesso das gerações pós-imigratórias a novos acervos culturais, que ultrapassam os limites territoriais da localização histórica do grupo étnico e que, pela sua abertura, têm a possibilidade de influenciar os processos identitários e, em condições de contatos multiculturais, levar ao surgimento das chamadas *identidades múltiplas*.

Como se verifica, os indivíduos das gerações subsequentes com frequência têm construído a sua etnicidade sem uma participação ativa na vida do seu próprio grupo étnico, mas num pertencimento a ele não formalizado. É por isso que, por exemplo, em certos ambientes tem sido sentida a falta de pessoas dispostas a substituir os antigos líderes.

Uma questão importante relacionada com a etnicidade das gerações polonesas pós-imigratórias no Brasil é a situação dos contatos com a Polônia atual. A memória histórica preservada com frequência tem consolidado imagens do passado, que muitas vezes não combinam com as imagens da atualidade. Diante do conhecimento deficiente sobre a atual cultura polonesa, tem sido indispensável a obtenção de conhecimentos e novos materiais informativos sobre a Polônia. Tem contribuído para isso o desenvolvimento das tecnologias da comunicação, útil no desenvolvimento das relações com a Polónia e na manutenção dos contatos a distância, especialmente em condições de um distanciamento como o que ocorre entre a Polónia e o Brasil. Trata-se

de um fator importante de obtenção de conhecimentos sobre o país de origem dos antepassados, de conhecimento da sua feição atual, bem como de um possível envolvimento na ação étnico-cultural de formas mais atualizadas. Dessa forma pode-se superar o fechamento na chamada *folclorização do grupo*.

Ao mesmo tempo, substituindo ou enriquecendo os contatos diretos pela comunicação por intermédio da rede *on-line*, podem ser fortalecidos os processos de pertencimento, de formação de laços identitários e até da criação da chamada *comunidade imaginária* com os poloneses na Polônia, com base em laços simbólicos que ultrapassam as fronteiras.

Por outro lado, é preciso levar em conta que o dinamismo do mundo globalizado com frequência cada vez maior coloca o indivíduo numa realidade social supranacional. Isso significa que a necessidade de participar na ação transnacional pode enfraquecer o enraizamento dos indivíduos num único código cultural. Por sua vez o pertencimento variado a diversos códigos pode influenciar o surgimento de identidades diluídas, mais cosmopolitas.

Sintetizando a reflexão acima, seria preciso enfatizar que tanto os processos identitários como a etnicidade têm diante de si muitas opções diversificadas e são mutáveis. A forma que esses processos vão assumir nas gerações pós-imigratórias vai depender em grande medida delas mesmas, mas também dos contatos e da ação da Polônia.

Bibliografia

ANDERSON, B. *Wspólnota wyobrażona*. Kraków: Znak, 1997.

BERKING, H. „Ethnicity is Everywhere”: On Globalization and the Transformation of Cultural Identity. *Current Sociology*, 51 (3/4). London, Thousand Oaks, CA and New Delhi: SAGE Publications, 2003, pp. 248-264.

BOKSZAŃSKI, Z. *Tożsamości zbiorowe*. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN, 2005.

BRETTELL, C. B.; HOLLIFIELD (Red.). *Migration Theory. Talking Across Disciplines*. Routledge, New York, London, 2000.

BUDAKOWSKA, E. *A etnicidade polonesa no Brasil à luz de pesquisas sociológicas*. Warszawa: Biblioteka Iberyjska, 2014.

_____. New Social Movements in Combating Historical Ethnic Stigmatization: BRASPOL in Brazil. In: SINGHAROY, D. K. (red.). *Dissenting Voices and Transformative Action. Social Movements in a Globalizing World*. New Delhi: Monar Publication, cap. 16, 2010, pp. 429-444.

_____. Wielokulturowość – nowoczesnym nacjonalizmem? In: KRÓLIKOWSKA, J. (Red.). *Integralnokulturowe badanie rzeczywistości*. Warszawa: WUW, 2009, pp. 152-161.

_____. *W poszukiwaniu etniczności. Ruch BRASPOL w Brazylii – współczesna interpretacja*. Warszawa: Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego, 2007a.

_____. Współczesny migrant: nomada czy lokalny współkreator?, v. 12, série editorial: *Migracje i społeczeństwa współczesne*, red. Jan E. Zamojski. Warszawa: Instytut Historii PAN, 2007b, pp 29-41.

_____. Współczesne migracje a nowe wyzwania wobec identyfikacji narodowo-kulturowej. In: BUDAKOWSKA, E. (Red.). *Tożsamość bez granic. Współczesne wyzwania*. Warszawa: WUW, 2005, pp. 49-72; bem como introdução teórica, p. 7-19.

COHEN, J. H. Strategy or Identity: New Theoretical Paradigm and Contemporary Social Movements. *Social Research*, v. 52, n. 4, 1985, p. 663-716.

ERIKSEN, T.H. Some Current Priorities for Ethnicity Studies. *Ethnicities*, v. 1, 2001.

HARVEY, D. *The Condition of Postmodernity*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

GANS, H. J. Reflections on Symbolic Ethnicity. A Response to Y. Anagnostou. *Ethnicities*, 9 (1), pp. 123-130.

New Social Movements (second edition 2003). In: W. OUTHWAITE (ed.). *The Blackwell Dictionary of Modern Social Thought*. Blackwell Publishing, p. 611.

OFFE, C. Nowe ruchy społeczne: przekraczanie granic polityki instytucjonalnej, trad. Paweł Karpowicz. In: SZCZYPACZYŃSKI, J. (Red.). *Władza i społeczeństwo*, t. 1. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe SCHOLAR, 1995.

TEMPELMAN, S. Constructions of Cultural Identity: Multiculturalism and Exclusion. In: *Political Studies*, XLV, 1999, pp. 17-31.

RAZ, J. Multiculturalism. *Ratio Juris*, v. 11, n. 3, September 1989, pp. 193-205.

REX, J.; MASON, D. (eds.). *Theories of Race and Ethnic Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 40.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autorka powyższego artykułu dokonuje ciekawej analizy tożsamości osoby, społeczności emigracyjnych. Analizuje także sytuację kolejnych pokoleń emigracyjnych. Szczególnym punktem zainteresowania autorki jest etniczność polska w Brazylii w ostatnim trzydziestoleciu. Publikowany tekst jest próbą współczesnego spojrzenia na kwestię wyrażania, przeżywania tożsamości.

**A HERANÇA ARQUIVÍSTICO-BIBLIOTECÁRIA
POLONESA NO BRASIL:
ESTADO ATUAL, AMEAÇAS E PERSPECTIVAS**

*Krzysztof SMOLANA**

Iniciarei pela afirmação banal de que a respeito da imigração das terras polonesas ao Brasil e a respeito da Comunidade Polônica local já tem sido escrita e dita muita coisa nos últimos cento e cinquenta anos. A lista dos autores e a bibliografia (da falta das quais continuamente nos ressentimos) são enormes. A respeito de muitos fenômenos problemas e pesquisas já foi falado no decorrer desta conferência. Chamou-se a atenção para muitos aspectos do enorme esforço dos emigrados e dos seus descendentes; em minha comunicação, eu gostaria de chamar a atenção dos presentes para um aspecto com frequência enfadonho e muitas vezes omitido da vida dos emigrados e das coletividades polônicas – para aquilo que restou da atividade que chamamos arquivístico-bibliotecária.

Por que arquivos e bibliotecas? A lista dos motivos pelos quais vale a pena, e afirmarei que é indispensável a abordagem desse tema é longa, mas o mais importante deles permanece sendo a consciência de que se trata de um elemento imanente da cultura, inseparável dos demais. Os arquivos são o registro da memória, independentemente de se apresentarem em forma escrita manualmente, impressa, fotográfica ou qualquer outra forma.

Os imigrantes e a Comunidade Polônica brasileira encontram-se sob esse aspecto numa situação muito específica, difícil, tanto em razão do seu antigo registro como da sua característica social. Um

* Universidade de Varsóvia

século e meio é um tempo tão longo que muitos documentos se perderam e desapareceram para sempre, e um número maior ainda deles ficou disperso. O caráter camponês dos primórdios da emigração ao Brasil igualmente não tem contribuído para deixar muitos vestígios do seu trabalho e esforço, mas ao mesmo tempo é preciso lembrar a grande realização que foi a criação, a partir das suas bases, de um sistema escolar polonês no Brasil, juntamente com todo o equipamento a isso indispensável de manuais e recursos didáticos.

1. A vida organizacional da Comunidade Polônica – amplitude e quantidade de organizações – os materiais de arquivos e bibliotecas por elas criados

A partir do ano 1890, quando começaram a surgir as organizações polonesas e polônicas no Brasil, começaram a ser publicados jornais, impressos almanaques e livros, os religiosos poloneses, padres e irmãs religiosas, levaram ao surgimento de novas paróquias polonesas, construíram igrejas polonesas, proporcionaram o ensino nas escolas, e surgiram também os arquivos e as bibliotecas polônicas. Propriamente até hoje não sabemos quantas foram essas organizações, mas pode-se dizer sem medo de errar que foram centenas; pessoalmente encontrei informações a respeito de umas trezentas organizações. Tanto mais difícil se torna dizer quantas foram, porque elas muitas vezes se fundiam e com a mesma frequência se separavam. Cada paróquia, escola, sociedade, redação de periódico, da mesma forma que qualquer tipo de organização não podia prescindir de documentos escritos. Hoje, quando olho para a história dos 150 anos da presença dos imigrantes da Polônia e dos seus descendentes no Brasil, como a um historiador e de certa forma arquivista vêm à minha mente dois pensamentos: 1) como são poucas as fontes arquivais das mencionadas instituições polônicas que se preservaram e que nos falam dessa página da nossa história pátria e 2) o sentimento de gratidão a um grupo muito pequeno de pessoas

graças às quais temos os poucos materiais de arquivos institucionais guardados e preservados, a respeito dos quais estamos falando. A respeito do que nos falta, do que temos e do que devemos fazer, falarei em seguida.

Agora me permitirei lembrar algumas pessoas graças às quais podemos ainda hoje dizer e escrever muito, especialmente a respeito daquele passado mais distante da Comunidade Polônica brasileira. Uma dessas personagens foi o Pe. João Pitoń, por muitos anos reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, historiador por predileção, que reuniu materiais de arquivos na casa central dos Padres Vicentinos em Curitiba e que também muito escreveu. Talvez possa acrescentar à margem que, não sendo arquivista, o Pe. Pitoń deixou misturados documentos provenientes de diversos conjuntos institucionais. Mas o mais importante é que ele preservou muitos documentos. Uma figura de grandes méritos para a preservação da nossa herança arquivística no Brasil é o Pe. Lourenço Biernaski, já nascido no Brasil, que há décadas cuida das grandes coleções arquivísticas e bibliotecárias na mencionada casa dos Padres Vicentinos em Curitiba. Ele pode ser muito bem chamado de Grande Guardião da Memória da Imigração Polonesa no Brasil. Palavras de muita gratidão pela salvação dessa herança devem-se também ao aqui presente Pe. Zdzislaw Malczewski, atual Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, a quem me permitirei chamar de Incansável Cronista da Comunidade Polônica brasileira, que há muitos nos registra e salva materiais de arquivos e ao mesmo tempo, paralelamente ao seu cotidiano trabalho de sacerdote e reitor, descreve as marcas polonesas e a história da Comunidade Polônica no Brasil. Ainda me permitirei adicionar a esse grupo outras duas pessoas, na minha opinião beneméritas no campo da salvação da herança arquivística, dois ex-cônsules gerais da Polônia em Curitiba, Dorota Barys e Marek Makowski. Apenas para assinalar, com a senhora cônsul Dorota Barys tive o prazer de entregar ao Arquivo Estatal em Siedlce os únicos dois livros urbanos de Siedlce preservados do século XVIII e XIX. O Senhor Marek Makowski deu

início a muitas ações que têm por objetivo a preservação dos arquivos polônicos. Foi graças a ele que não apenas se realizou a pesquisa do que ainda se salvou e onde se encontra, mas por iniciativa sua foi reativada a ação do núcleo polônico em Mallet. Trata-se de exemplos, na minha convicção, dignos de ser lembrados.

Quase todas as instituições possuíam em maior ou menor âmbito as suas bibliotecas, e nos estatutos de muitas delas estava prevista a função de bibliotecário. Naquelas existentes até hoje, ainda podem ser vistos os vestígios disso. Tudo se desenvolvia muito bem até o tempo do Estado Novo. Foi promovida então a ação nacionalizadora, que atingiu todos os grupos de imigrantes, embora nesse caso a etnia polonesa tenha sido a que sofreu os maiores prejuízos. Foi proibida a língua polonesa nas organizações, nas escolas, até nos sermões. Até o ano de 1940, a chamada vida polônica praticamente ficou paralisada.

2. O que hoje sabemos sobre as bibliotecas e os arquivos existentes – onde e como são preservados

As organizações, reconstruídas com dificuldade no período da Segunda Guerra Mundial, sofreram um novo enfraquecimento em razão da forte redução dos contatos com o país de origem e da progressiva assimilação. Muitas organizações desapareceram. No decorrer das décadas seguintes, ia enfraquecendo o conhecimento da língua polonesa, que em muitos lugares foi reduzido ao seu uso familiar. Onde definhava o conhecimento da língua polonesa, perdiam o seu significado os documentos e livros escritos nessa língua. Isso não significa que não haja hoje no Brasil pessoas que falem o polonês, que sejam capazes de pelo menos ler em polonês. Trata-se, no entanto, de um grupo que constitui uma porcentagem relativamente pequena da comunidade polônica.

No momento presente, pessoalmente avalio a situação dos arquivos e das bibliotecas polonesas e polônicas como simplesmente

crítica. Infelizmente, não tem surgido nenhum centro tal como o Instituto Científico Polonês em Nova York, o Centro Sociocultural Polonês em Londres ou a Biblioteca Polonesa Ignacy Domeyko em Buenos Aires. As mencionadas instituições se transformaram em lugares onde são preservados os documentos elaborados pelas comunidades polônicas locais, e até dos países vizinhos. No Brasil, o destino da documentação arquivístico-bibliotecária tem seguido um outro caminho.

Na medida da diminuição do número das organizações polônicas, tem ocorrido a sua “familiarização”, isto é, a continuidade dessas instituições começou a se encerrar num círculo cada vez menor de pessoas, cada vez mais próximas umas das outras. Em muitos casos os documentos das diversas instituições geralmente têm permanecido nas mãos dos sucessivos presidentes, tornando-se parte dos seus próprios arquivos particulares ou familiares. Esse processo parece ser natural, especialmente diante da falta de um forte núcleo central.

Talvez se pudesse dizer que estou enganado, visto que existe, sob a supervisão do já mencionado Pe. Loureço Biernaski, o Arquivo Polônico dos Padres Vicentinos em Curitiba. Trata-se, evidentemente, de um valioso arquivo, e de uma enorme biblioteca para as condições polônicas, mas o Pe. Biernaski infelizmente não dispõe da possibilidade de proporcionar um acesso regular a essas coleções, embora faça nesse âmbito o que está ao seu alcance. E foram reunidos ali arquivos de muitas meritórias organizações polônicas, tais como a “Oświata”, o Comitê de Ajuda às Vítimas da Guerra na Polônia e muitas outras, além de coleções da imprensa, almanaques, livros, brochuras, fotos. Ainda me permitirei voltar a esse especial arquivo e biblioteca. Nos diversos estados brasileiros encontraremos naturalmente arquivos e bibliotecas menores, como por exemplo aquele de que dispõe a Sociedade “Polonia” em Porto Alegre, ou os existentes em São Paulo ou na Sociedade União-Juventus em Curitiba.

Em situações muito diversas se encontram os arquivos e as bibliotecas de paróquias ou sociedades.

Falei acima dos arquivos particulares, reunidos por ativistas. Infelizmente nesses casos o seu futuro é muito incerto. A ação do tempo é implacável: quando essas pessoas se afastam, as famílias nem sempre dão o devido valor ao significado desses documentos. Só nos dois últimos anos foi esse o destino que tiveram o arquivo muito precioso reunido por Paulo Filipak e a herança do Prof. Ruy Wachowicz. Aquele, como antigo líder da Sociedade União-Juventus, reuniu os documentos provenientes da Sociedade Ginástica “Sokół” dos anos 1900-1921, do Círculo da Juventude Polonesa dos anos 1911-1926 e outros. O Prof. Wachowicz foi um dos mais eminentes historiadores que se dedicou à Comunidade Polônica brasileira, e que nas suas pesquisas reuniu um imponente arquivo. Quem o assumiu, onde se encontra, em que condições está sendo preservado? Raramente pensamos que o papel também está sujeito à ação do tempo, especialmente em climas mais quentes e úmidos. Por experiência própria posso dizer isso, porque tenho visto documentos que já não podem ser tocados por pessoas que não sejam conservadores de papel, a fim de salvá-los. Que sirva de exemplo o que salvou o Pe. Gogólski após o incêndio do arquivo e da biblioteca na Sociedade União-Juventus.

Acrescentarei mais um exemplo de dispersão de arquivos. Em 2018 o Arquivo dos Documentos Novos adquiriu num leilão num dos antiquariatos de Cracóvia uma pequena agenda contendo excertos de documentos de sociedades polonesas em Curitiba dos anos 1892-1925, provavelmente feitos por Sebastião Wos-Saporski, Pai da Imigração Polonesa no Brasil. Só conseguimos descobrir que esse documento veio parar no leilão vindo dos Estados Unidos, de alguém que esteve no Brasil e na Argentina.

Poderia parecer que as mudanças que ocorreram há trinta anos na Polônia levariam a uma mudança dessa situação, que seriam intensificados os contatos na linha Comunidade Polônica-Polônia.

Pode-se dizer que isso aconteceu. Há muitos anos estão vindo pesquisadores, e entre eles arquivistas. Mas, infelizmente, isso não levou a uma mudança radical da situação. É verdade que alguns conjuntos arquivais e algumas bibliotecas foram em parte descritos, e até se iniciou o processo da sua digitalização. Em alguns casos, foram até enviados à Polônia diversos conjuntos, como por exemplo os documentos do Consulado Geral da Polônia em Curitiba, uma parte da herança de Wojciech Breowicz, ou os já mencionados livros urbanos de Siedlce. Enquanto os documentos do consulado constituíam propriedade do Estado Polonês, da mesma forma aliás que os livros urbanos, de modo que o lugar da sua preservação são os arquivos estatais na Polônia, no caso dos documentos do poeta e jornalista Wojciech Breowicz tratou-se de uma ação salvadora que tinha por objetivo a sua preservação. Sei que essas iniciativas e outras semelhantes têm provocado a aversão aos que vêm da Polônia, como àqueles que “estão levando o que é nosso”. Aqui se trata, no entanto, de um enorme dilema, e poderia ser feita a pergunta: qual a melhor forma de salvar esse patrimônio?

É preciso também lembrar que existem ainda bibliotecas e arquivos brasileiros nos quais também podem ser encontradas muitas coisas polonesas.

Estou chegando à conclusão do meu comunicado. Voltando às palavras pronunciadas no início, de que os arquivos são a memória, a sua não preservação, a sua negligência significa a falta da memória, uma espécie de amnésia, o que conduz a consequências muito sérias, ao apagamento ou, se alguém quiser, ao não registro das páginas emigratórias da nossa história comum. Com o tempo essa história tornou-se também a história comum polono-brasileira, ou talvez se tenha tornado também brasileiro-polonesa. A melhor saída dessa situação seria, a meu ver, criar no Brasil, de preferência em Curitiba, uma adequada instituição polonesa, polono-brasileira, que cuidasse dessa memória registrada nos documentos e impressos polônicos. Uma instituição semelhante, por exemplo, a tais como os Institutos

Poloneses em diversos países. O surgimento de tal instituição seria a melhor forma de gravar na memória os 150 anos do início da imigração polonesa no Brasil.

RESUMO – STRESZCZENIE

Spuścizna archiwalno-biblioteczna Polonii brazylijskiej to problematyka, na którą winniśmy zwrócić więcej uwagi. Od 1890 r., kiedy zaczęto wydawać gazety, czasopisma, a z czasem podręczniki czy książki, zasób ten jest bardzo bogaty, jak też znajduje się w rozproszonym. Różne organizacje, parafie czy zgromadzenia zakonne posiadają w swoich domach wiele wydawnictw. Istnieje niebezpieczeństwo, że wiele zbiorów ulegnie zniszczeniu. W ostatnim okresie podejmuje się rozmowy w różnych kregach polonijnych, czy też polskich instytucjach, aby powstało centralne archiwum polonijne w Kurytybie, tradycyjnie nazywanej stolicą społeczności polskiej w Brazylii.

A PASTORAL POLÔNICA NO BRASIL: HISTÓRIA E ATUALIDADE

*Pe. Zdzisław MALCZEWSKI SChr**

A imigração polonesa no Brasil, da mesma forma que em outros países da América Latina, teve um início bem mais difícil que aquela na América do Norte. Em poucas palavras, ela se defrontou ali com condições sociopolíticas diferentes, e ainda com uma postura diferente dos pastores da Igreja diante do fenômeno da imigração. No início havia falta de pastores, donde uma série de problemas relacionados com o enraizamento inicial dos imigrados poloneses no Brasil. À América do Sul dirigia-se sobretudo a população aldeã, geralmente não instruída. Por exemplo: segundo Bolesław Żabko-Potopowicz, 95% dos imigrantes poloneses vindos ao Brasil era constituída de camponeses. (3,5% eram operários, 1,0% comerciantes e industriais, 0,5% intelectuais)¹.

Somente o período da II Guerra Mundial e os tempos do pós-guerra trouxeram à América Latina, e com isso ao Brasil, uma nova onda de emigrados poloneses. Eram pessoas que haviam permanecido nos campos de concentração nazistas e eram ex-soldados das Forças Armadas Polonesas, que tinha lutado no Ocidente. Em geral essas pessoas se estabeleceram nas grandes cidades brasileiras (Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo, Porto Alegre). Se no período posterior houve poloneses que chegaram ao Brasil, foram casos individuais, isolados.

* Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil

¹ Bolesław ŻABKO-POTOPOWICZ, *Osadnictwo polskie w Brazylii*, Warszawa, 1936, p. 13-14.

Mesmo com uma visão superficial da história da imigração polonesa no Brasil não se pode deixar de perceber a presença do clero polonês e do seu ministério em prol dos compatriotas e dos brasileiros nas estruturas da Igreja local. Sobretudo em razão dos imigrantes poloneses começaram a vir ao país padres e irmãs religiosas da Polônia, a fim de lhes assegurar a proteção, e não apenas espiritual.

Infelizmente, a respeito da pastoral polonesa no Brasil – amplamente desenvolvida e meritória diante dos nossos imigrantes e seus descendentes – existem muito poucas publicações². O Pe. Wojciech Sojka CM escreve: “[...] a respeito dos pioneiros da pastoral polonesa no Brasil lê-se raramente e pouco, e fora do Brasil – praticamente nada”³. Passaram-se mais de 60 anos desde que essas palavras foram escritas. Da minha posição de um modesto observador, posso dizer que a esse respeito não mudou muita coisa...

Acredito que vale a pena dedicar um pouco de atenção a essa problemática, para que possamos – ao menos de forma esquemática – familiarizar-nos com a história dos missionários poloneses entre os compatriotas nesse extenso país que é o Brasil.

Os religiosos poloneses que chegaram ao Brasil no primeiro período pertenciam ao clero diocesano. A maioria deles era constituída de ex-religiosos⁴. Não nos esqueçamos de que no período

² A respeito da pastoral polonesa no Brasil podem ser encontrados muitos artigos publicados na imprensa local do país. Infelizmente, os livros dedicados a essa questão são muito poucos. O autor da presente comunicação analisa a ação da pastoral polonesa no Brasil nos seguintes livros: *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*, Lublin, 1995, p. 362; *W służbie Kościoła i Polonii. Towarzystwo Chrystusowe: Funkcje społeczne i duszpasterskie w środowisku polonijnym w Ameryce Łacińskiej*, Warszawa, 1998, p. 292; *W trosce nie tylko o rodaków. Misjonarze polscy w Brazylii*, Curitiba, 2001, p. 290.

³ W. SOJKA CM, *Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii*. In: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 4 (1960), p. 376.

⁴ *Ibidem*, p. 377. 5

da vinda deles ao Brasil justamente as potências ocupantes estavam eliminando as ordens e congregações religiosas em terras polonesas. Após 1863 as ordens religiosas foram cassadas na zona de ocupação russa, e após 1875, na zona de ocupação prussiana. Assim, pois, no primeiro período vinham ao Brasil não tanto padres diocesanos quanto secularizados⁵.

Como um dos primeiros religiosos poloneses que se encontrou no Brasil é preciso considerar o padre Wojciech Męciński, um missionário jesuíta. Ele chegou ao país por acaso em 1631. Em período posterior o Pe. Męciński, com a idade de 42 anos, morreu no Japão como mártir⁶.

Entre os imigrantes poloneses que após a queda do Levante de Janeiro [de 1863] vieram ao Brasil encontramos também religiosos católicos. Assim, em 1865 veio o Pe. Karol Mikoszewski, e em 1869, o Pe. Józef Juszkiewicz⁷.

O Pe. Jan Pitoń, que por muitos anos foi reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, elaborou uma lista detalhada dos padres

⁵ W. SOJKA CM, *Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii*. In: *Duszpasterz Polski...*, 1 (1961), p. 46.

⁶ K. SMOLANA, *Polonia w Brazylii*. In: *Dzieje Polonii w Ameryce Łacińskiej*, red. M. KULA, Wrocław, 1983, p. 332; J. PITOŃ CM, *U źródeł emigracji polskiej w Brazylii*. In: *Kalendarz Ludu*, Curitiba, 1973, p. 96; M. PARADOWSKA, *Podróżnicy i emigranci. Szkice z dziejów polskiego wychodźstwa w Ameryce Południowej*, Warszawa, 1984, p. 14 e 33; M. PARADOWSKA, *Wkład Polaków w rozwój cywilizacyjno-kulturowy Ameryki Łacińskiej*, Warszawa, 1992, p. 23; W. e T. SŁABCZYŃSKI, *Słownik podróżników polskich*, Warszawa, 1992, p. 222; Z. MALCZEWSKI SChr, *Obecność Polaków...*, op. cit., p. 17-18; Idem, *Słownik biograficzny Polonii brazylijskiej*, Warszawa, 2000, p. 72.

⁷ M. KAWKA, *Polska obecność w Brazylii*. In: *Relacje Polska – Brazylia*, red. A. DEMBICZ, M. KULA, Warszawa, 1996, p. 35.

diocesanos, bem como das diversas congregações religiosas, que vieram ao país nos anos 1865-1970⁸.

Como mencionei acima, a vinda do clero polonês ao Brasil estava relacionada sobretudo com o início da nossa imigração ao país. Padres, religiosos e religiosas vinham da Polônia para se dedicarem ao trabalho pastoral – e não somente entre os emigrados poloneses. Como um dos primeiros padres que vieram da Polônia ao Brasil e serviram aos nossos imigrantes considera-se o Pe. Antoni Zieliński,

⁸ Com base nos dados do Pe. J. Pitoń CM, mencionarei aqueles que chegaram como os primeiros. Assim, em 1865 veio o Pe. Karol Mikoszewski, em 1867 o Pe. Antoni Zieliński, em 1869 os padres Marian Giżyński e Józef Juszkiewicz, em 1875 o Pe. Ludwik Józef Przytarski, em 1878 os padres Władysław Grabowski, Franciszek Gurowski (o seu sobrenome aparece de diversas formas: Guranowski, Górowski, Guroński), em 1883 o Pe. Jan Adamowski, em 1885 o Pe. Wojciech Sołek (alguns fornecem o seu sobrenome como Sułek), em 1887 o Pe. Franciszek Józef Soja, em 1889 os padres Paulin Domański, Andrzej Dziadkowiec, Jan Peters, em 1890 o Pe. Kazimierz Andrzejewski, em 1891 os padres Franciszek Chyliński, Zygmunt Chelmicki, Marcin Modrzejewski (alguns autores escrevem Mozejewski), Władysław Smoluch, em 1895 os padres Antoni Cuber, Aleksy Iwanów, Michał Słupek, Jakub Wróbel, em 1896 os padres Wincenty Bronikowski, Stanisław Fróg, Józef Fuliński, Gabriel Kraus, Wojciech Młynarczyk, Leon Niebieszczański, Maciej Piech, Antoni Rymar, em 1897 o Pe. Wojciech Dynia, em 1898 os padres Jan Miętus, Jan Rokosz, em 1899 os padres Cezary Wyszynski e Jan Wołyncewicz, em 1901 o Pe. Tadeusz Stankiewicz, em 1903 o Pe. Józef Anusz, em 1905 os padres Adolf Kruszewski e Jan Marek, em 1908 os padres Leonard Starzyński e Stefan Stawianowski, em 1914 o Pe. Wincenty Hypnarowski. Por sua vez, dentre os padres verbitas o primeiro a chegar foi o Pe. Karol Dworaczek (1900), e dentre os vicentinos: os padres Bolesław Bayer, Hugo Dylla e Franciszek Chylaszek (1903). Cf. J. PITOŃ CM, *Księża polscy w Brazylii*. In: *Kalendarz Ludu*, Curitiba, 1871, p. 89-111.

participante do Levante de Janeiro, chamado “Pai dos pastores poloneses no Brasil”⁹.

Digno de registro neste lugar parece ser o apelo dos imigrantes pedindo um sacerdote polonês. A publicação *Przegląd Emigracyjny* [Revista da Emigração], editada em Lvov, publicou uma carta enviada no dia 15 de março de 1893 de São Mateus do Sul (PR) por Antoni Zdzisław Bodziak¹⁰. Alguns meses mais tarde (no dia 20 de junho de 1893), Bodziak enviou uma outra carta em que pedia:

⁹ A biografia do Pe. Antoni Zieliński pode ser encontrada no meu livro *W trosce nie tylko o Polaków. Misjonarze polscy w Brazylii*, Curitiba, 2001, p. 290, no capítulo que apresenta as figuras de religiosos poloneses e polônicos.

¹⁰ *Przegląd Emigracyjny*, n. 3, 1893, p. 117: “Em nome dos colonos da colônia São Mateus e adjacentes, que contam mais de 10.000 almas, solicito a Vossa Senhoria, como aquele que cuida do destino dos emigrados, que se digne avisar-nos ou até providenciar um padre que queira vir com verdadeira dedicação para com os nossos compatriotas. Em razão da política brasileira, e parece que até a política moscovita e alemã têm nisso o seu dedo, a autoridade eclesiástica brasileira apresenta diversas dificuldades, não querendo dar cargos a padres poloneses nas colônias polonesas e lhes dá outros cargos, ou antes, nem gostaria de ter padres poloneses. Já se teria um dos padres recém-chegados, mas essa esperança vai desaparecendo, em razão de ele não ter a permissão da autoridade ou porque não quis se empenhar por esse lugar, esperando que os colonos primeiramente depositassem certa importância com o objetivo de sustentá-lo, e uma importância bastante significativa, pelo que os colonos não podiam decidir-se, porque querem pagar a um padre permanente e não a um que só chega para uma semana ou duas e vai embora, como já tem acontecido. A receita anual, ou seja, o salário permanente somente de São Mateus, além das colônias adjacentes, é de 2 500 mil-réis, ao que se somam os lucros da igreja, o que no total pode chegar a 8 000 mil-réis. A manutenção é muito boa e, além disso, há uma casa paroquial com uma grande horta. O padre que quiser vir, para não ter mais dificuldades, deve conseguir junto à sua autoridade eclesiástica suprema a autorização para estabelecer-se em São Mateus, se não for de outra forma, que seja pelo menos como missionário. Então a autoridade local não poderá apresentar nenhuma resistência. Se o padre não tiver recursos próprios para a viagem, os colonos

[...] peço insistentemente, tanto em nome dos colonos como em meu próprio, que o Ilustre Senhor providencie o envio de um padre, visto que um bom padre é um verdadeiro fundamento e muralha para o nosso povo camponês. Em São Mateus os colonos ainda se mantêm unidos, porque somos pelo menos três comerciantes poloneses que ainda os apoiamos de alguma forma. Mas as outras colônias sofrem muito, porque estão entregues inteiramente a si mesmas, sem a presença de quaisquer intelectuais, tanto leigos como religiosos¹¹.

Diante dessa situação apresentada por um dos imigrantes, a *Przegląd Emigracyjny* – no número por mim citado – transcreveu do *Gazeta polska w Brazylji* [Jornal polonês no Brasil] (editado em Curitiba) o trecho de um artigo intitulado “A nossa posição”, publicado no dia 22 de julho de 1893. Vale a pena apresentar ao menos trechos desse mencionado texto:

Em terra brasileira estabeleceram-se vários milhares de poloneses, que sem exceção pertencem à Igreja católica, mas no Brasil, entre os católicos, são tratados mesquinhamente. A população polonesa, profundamente católica, habituada à igreja e aos seus ritos, hoje se encontra privada daquilo que exteriormente atrai a pessoa a Deus, privada dos meios da graça que conduzem à salvação, permanece em perigo de perder a fé, e com isso também a sua nacionalidade. –

imediatamente enviarão ao Ilustre Senhor a soma exigida. Acrescento que aqui é necessário um padre por vocação, bom patriota, e então poderá ser feita muita coisa com o nosso povo. Mas, se um padre aqui não aparecer e não se estabelecer, não se pode mais contar com os poloneses de São Mateus. Em pouco tempo, nessa liberdade brasileira, eles se tornarão selvagens e assumirão, como já estão começado a assumir, o espírito brasileiro, e os seus filhos em breve negarão que são poloneses. É uma grande obrigação de todo polonês empenhar-se para não nos privarmos de uma vez por todas de tantas forças polonesas [...]”.

¹¹ Ibidem, p. 176.

Sabemos muito bem que o polonês, despojado da fé, despoja-se também do sentimento da sua nacionalidade, e temos aqui muitos desses casos. – Os poucos sacerdotes poloneses que aqui se encontram para a assistência espiritual não são suficientes para o país todo. [...] Somente nos sacerdotes poloneses e no ritual eclesiástico polonês se encontra atualmente a defesa da nossa população, porque as escolas polonesas, que aqui existem em pequeno número, não são suficientes¹².

Muitas informações a respeito da pastoral polonesa no Brasil nos são fornecidas por Stanisław Kłobukowski, que visitou os imigrantes nos primórdios da sua vida colonizadora. Eis a observação de Kłobukowski:

[...] a falta de um padre polonês e de uma escola, bem como o ambiente estrangeiro em volta, fora das colônias, é muito prejudicial aos colonos. Muitos, apesar do sucesso, no fundo da alma não abandonam a ideia de mudar-se para onde é mais numerosa a população polonesa, para que seus filhos tenham o ensino polonês e para que eles fechem os olhos entre os seus¹³.

Igualmente Józef Siemiradzki, em seu livro, aborda a problemática da pastoral polonesa e da preservação da identidade nacional¹⁴.

A primeira congregação religiosa que iniciou a sua atividade em terra brasileira, no final do século XIX e no início do século XX, foi

¹² Ibidem, p. 183-184.

¹³ S. KŁOBUKOWSKI, *Wspomnienia z podróży po Brazylii, Argentynie, Paragwaju, Patagonii i Ziemi Ognistej*, Lwów, 1898, p. 130, 182-183, 188-190l.

¹⁴ J. SIEMIRADZKI, *Szlakiem wychodźców. Wspomnienia z podróży po Brazylii*, Warszawa, 1900, p. 147.

a Congregação do Verbo Divino (verbitas)¹⁵. Os verbitas vieram ao Brasil em 1895. Iniciaram o trabalho no estado do Espírito Santo. Vieram ao Paraná a pedido do bispo de Curitiba – Dom José de Camargo Barros. O seu primeiro núcleo foi a paróquia de São José dos Pinhais, que na época possuía 100 km de comprimento (atingia a divisa com o estado de Santa Catarina) e 50 km de largura. Essa foi a primeira paróquia no Brasil onde os verbitas se encontraram com os poloneses. Em novembro de 1900 veio a essa paróquia o Pe. Karol Dworaczek, falecido com fama de santidade¹⁶.

Quase que simultaneamente com os verbitas, vieram os missionários de S. Vicente de Paulo (conhecidos no ambiente polônico no Brasil como vicentinos). No dia 19 de maio de 1903, a pedido do acima mencionado bispo Dom José de Camargo Barros e diante de um requerimento dos imigrantes poloneses, partiu de Cracóvia o primeiro grupo missionário (Pe. Boleslau Bayer, Pe. Hugo Dylla, Pe. Francisco Chylaszek e o Irmão Alexandre Węgrzyn). No dia 29 de junho de 1903 eles desembarcaram no porto de Paranaguá. No dia seguinte vieram a Curitiba¹⁷.

É preciso ainda enfatizar também esta pouco conhecida realidade. Eis que nos primórdios da colonização polonesa no Brasil os padres poloneses eram decididamente insuficientes! O Pe. Wojciech Sojka CM assinala claramente:

¹⁵ M. PARADOWSKA, *Wkład...*, op. cit., p. 215.

¹⁶ S. TURBAŃSKI SVD, *Murici – terra nossa*, Curitiba, 1978, p. 35; Idem, *Kościół polski w Kurytybie*, Curitiba, 1978, p. 8; Idem, *Werbiści – Zgromadzenie Słowa Bozego (SVD)*. In: *Biuletyn Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii*, n. 2, 1977, p. 6-7.

¹⁷ *Lud*, 15.7.1953, p. 1; J. PAŁKA CM, *Zgromadzenie Księży Misjonarzy w Brazylii*. In: *Kalendarz Ludu*, Curitiba, 1953, p. 48; S. TURBAŃSKI SVD, *Kościół polski...*, op. cit., p. 8.

[...] Poucos para o número dos próprios imigrantes, poucos para as áreas pelas quais se dispersaram. Nunca chegaremos a contar ali mais que 20 padres poloneses ao mesmo tempo. Em muitas colônias, as pessoas tiveram que esperar pelos primeiros padres de dez a quinze anos; em outras, após a partida de um, era preciso esperar anos até que viesse o seu sucessor¹⁸.

Gostaria de neste ponto registrar o seguinte fato. O primeiro bispo da diocese de Curitiba, Dom José de Camargo Barros, numa carta comovente ao bispo de Przemyśl pedia – por amor de Deus – que fossem enviados pelo menos dez padres, porquanto, como escrevia: “Somente um padre polonês pode assegurar a devida assistência ao emigrado polonês”¹⁹.

Com o passar do tempo, começaram a vir ao Brasil igualmente outras congregações masculinas, às quais se juntara após a II Guerra Mundial os membros da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados²⁰. O primeiro sacerdote dessa congregação que no dia 2 de janeiro de 1958 veio para assumir o trabalho pastoral em meio à comunidade polônica brasileira foi o Pe. Ceslau Czartoryski. A seguir, naquele mesmo ano vieram: Pe. Estanislau Nowak, Pe. Sigismundo Supieta e Pe. José Wojda²¹.

¹⁸ W. SOJKA CM, *Początki duszpasterstwa polskiego w Brazylii*. In: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 1 (1961), p. 45-46.

¹⁹ *Ibidem*, p. 46.

²⁰ M. PARADOWSKA, *Wkład...*, op. cit., p. 215. A Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados foi fundada pelo Primaz da Polônia, cardeal August Hlond, em 1932. O objetivo principal da congregação é o trabalho pastoral em prol dos compatriotas que vivem fora da Polônia. Cf.: *Ustawy i Dyrektorium Towarzystwa Chrystusowego dla Polonii Zagranicznej*, Poznań, 1991, cap. 2, p. 9-11; Pe. B. KOŁODZIEJ, *Towarzystwo Chrystusowe w Ameryce Południowej 1958-1988*, Curitiba. 1989, p. 3-7.

²¹ Z. MALCZEWSKI SChr, *W służbie Kościoła i Polonii...*, op. cit., p. 292.

É preciso assinalar que os padres da Polônia não cumpriam apenas as tarefas decorrentes da sua vocação religiosa, mas também apoiavam os imigrantes com variados conselhos, traziam o consolo espiritual, bem como contribuíam para o surgimento – além das edificações sacras – também das primeiras escolas, bibliotecas. Em caso de necessidade, o religioso polonês proporcionava aos nossos colonos a ajuda médica, econômica, legal. Segundo Maria Paradowska: “O extenso âmbito da atividade, sobretudo pastoral, mas também cultural e em muitas outras áreas teve um enorme significado para os colonos poloneses e para toda a sociedade do país em que se estabeleceram”²². É um fato inegável que o clero polonês desempenhou um importante papel na preservação do polonismo entre os nossos imigrantes no Brasil. O papel do padre polonês não se restringia, portanto, apenas às tarefas puramente pastorais²³. Essa realidade ocorre também hoje na atual atividade dos religiosos poloneses e das irmãs religiosas polonesas entre os brasileiros de origem polonesa, estabelecidos especialmente no interior do país.

Eu gostaria de enfatizar mais uma vez que os primeiros padres poloneses que vinham ao Brasil empreendiam o trabalho em meio aos colonos poloneses. Ruy Christovam Wachowicz – um conhecido e apreciado historiador paranaense e polônico – observa:

A paróquia e o padre polonês eram indispensáveis ao camponês [polonês]. A igreja era o centro espiritual, mas também o núcleo onde o colono satisfazia as suas necessidades de comunicação com o semelhante. No Brasil essas necessidades se assinalavam mais ainda, em razão do isolamento em que lhes coube viver. A igreja, a

²² M. PARADOWSKA, *Wkład...*, op. cit., p. 215.

²³ Z. DOBOSIEWICZ; W. RÓMMEL, *Polonia w Ameryce Łacińskiej*, Lublin, 1977, p. 32, 108-109, 159.

paróquia e o padre seriam por muito tempo, em muitas colônias do Brasil, a única base da unidade entre os colonos²⁴.

Acontecia a mesma coisa com as congregações femininas. Inicialmente as irmãs polonesas vinham ao Brasil para trabalhar entre os imigrantes poloneses. As primeiras que vieram ao país foram as Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo (1904), e a seguir as Irmãs da Sagrada Família (1906). A mais jovem congregação feminina que trabalha em prol da comunidade polônica brasileira são as Missionárias de Cristo Rei, que se encontram no país desde 1988²⁵.

Somente com o passar do tempo começaram a vir missionários e missionárias da Polônia para se dedicarem à atividade pastoral, caritativa (e também de outra natureza, mas sempre tendo relação com o ministério evangélico). No que diz respeito à atividade do clero polonês no Brasil, no início – como afirmei – ela tem sido desenvolvida em meio aos imigrantes poloneses. O clero polonês não apenas desenvolvia a atividade puramente religiosa, mas também consolidada entre os emigrados o sentimento da identidade nacional e a memória das suas raízes. Hoje essa atividade continua sendo sempre atual, embora – em grande medida – seja conduzida em prol das gerações sucessivas dos descendentes dos imigrantes poloneses. Talvez seja oportuno lembrar que a afluência de emigrados poloneses ao Brasil encerrou-se praticamente com a II Guerra Mundial. A diversificada ação pastoral dos padres diocesanos e religiosos poloneses, bem como das irmãs pertencentes a diversas congregações, contribui para elevar os descendentes dos nossos emigrados, bem

²⁴ WACHOWICZ R. C., *O camponês polonês no Brasil*, Curitiba, 1981, p. 83.

²⁵ Z. MALCZEWSKI SChr, *Duszpasterstwo polskie w Rio de Janeiro*. In: *Duszpasterz Polski Zagranicą*, 3 (1993), p. 425.

como da sociedade local, a um nível espiritual, moral, cultural e civilizacional mais elevado²⁶.

Convém – ainda que de forma sintética – falar das visitas pastorais que hierarcas poloneses fizeram à comunidade polônica brasileira. O primeiro que se encontrou com os compatriotas no Rio de Janeiro e em São Paulo foi o cardeal August Hlond, primaz da Polônia. A caminho de Buenos Aires, para o Congresso Eucarístico Internacional em outubro de 1934, o cardeal Hlond deteve-se no Rio de Janeiro. Aconteceu a mesma coisa no caminho de volta do Congresso, quando o primaz da Polônia se encontrou com a colônia polonesa em São Paulo e no Rio de Janeiro. Após o término do Congresso, o bispo Teodor Kubina, que acompanhou o cardeal Hlond, deteve-se no Brasil e por três meses visitou os núcleos poloneses no Sul do Brasil²⁷. O hierarca seguinte que se encontrou com a comunidade polônica brasileira, em 1950, foi o bispo Józef Gawlina²⁸. Em 1968 o bispo Władysław Rubin visitou os núcleos poloneses no país²⁹. A comunidade polônica brasileira vivenciou uma grande alegria em razão do encontro, em 1984, com o cardeal Józef Glemp, Primaz da Polônia e Protetor dos Poloneses Emigrados³⁰. Permanecendo no Rio de Janeiro, encontraram-se com a comunidade polônica: o bispo Jan Wosiński (1.7.1975), o arcebispo Jerzy Stroka (3.8.1978), o cardeal Franciszek Macharski (11.11.1990) e o bispo

²⁶ M. PARADOWSKA, *Wkład...*, op. cit., p. 225. – A experiência pessoal e a observação do autor no decorrer de 32 anos de trabalho no Brasil confirmam a opinião da autora.

²⁷ Z. MALCZEWSKI SChr, *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*, Lublin, 1995, p. 180.

²⁸ Ibidem, p. 181.

²⁹ Ibidem.

³⁰ J. Card. GLEMP, *Kościół i Polonia*, Poznań-Warszawa, 1986.

Zygmunt Kamiński (novembro de 1993)³¹. Alguns anos mais tarde, permanecendo no Brasil, encontraram-se com as comunidades polônicas: o arcebispo Zenon Grocholewski, do Vaticano (1996), e o bispo Stanisław Stefanek SChr (julho-agosto de 1996)³². O Arcebispo Szczepan Wesoły visitou várias vezes a comunidade polônica brasileira, a residente nas metrópoles (Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba), bem como a do interior do país³³. Todas essas visitas dos pastores poloneses “introduziam na comunidade polonesa a renovação do espírito de fé e dos laços com a Pátria”³⁴. Em agosto e setembro do ano passado, pela primeira vez veio ao Brasil o bispo Wiesław Lechowicz – delegado da Conferência do Episcopado da Polônia para a pastoral entre os emigrados poloneses. Durante a sua estada no país, participou do jubileu dos 60 anos de trabalho da Sociedade de Cristo em Curitiba e visitou alguns núcleos polônicos.

Falando da pastoral polônica, não se pode deixar de mencionar a existência da Missão Católica Polonesa no Brasil. O início da Missão ocorreu com a nomeação do seu primeiro reitor. Nas fontes a mim acessíveis não encontrei um documento específico que instituiu a Missão. Por proposta do arcebispo Józef Gawlina, protetor dos emigrados poloneses residente em Roma, no dia 4 de fevereiro de 1953 o Pe. Ludovico Bronny CM, visitador da Congregação dos Padres Vicentinos, foi nomeado pela Congregação Consistorial missionário dos emigrantes poloneses no Brasil. A nomeação foi assinada pelo cardeal Adeodato Giovanni Piazza, responsável por

³¹ Z. MALCZEWSKI SChr, *Obecność Polaków...*, op. cit., p. 182-183.

³² Z. MALCZEWSKI SChr, *W służbie Kościoła i Polonii*, op. cit., p. 98-206.

³³ Z. MALCZEWSKI SChr, *Polonii brazylijskiej obraz własny. Zapiski emigranta 1979-2006*, Curitiba, 2007, p. 58-61, 74-78, 176.

³⁴ Z. MALCZEWSKI SChr, *Obecność Polaków...*, op. cit., p. 183.

essa Congregação da Santa Sé³⁵. Tradicionalmente, nas condições da pastoral polônica, essa função tem sido identificada com a de reitor. A partir de então, toda correspondência endereçada ao Pe. Ludovico Bronny e aos seus sucessores tem sido dirigida como ao reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil³⁶.

Assim, pois, a data de 4 de fevereiro de 1953 deve ser considerada como o início da organização da pastoral polonesa no Brasil. Isso aconteceu graças aos incansáveis empenhos do arcebispo Józef Gawlina³⁷.

A maior dificuldade para o exercício da atividade pelos diversos reitores da Missão Católica Polonesa no Brasil tem sido a obtenção de adequados recursos financeiros. Falou desse problema o Pe. Eustachy Piasecki numa carta do dia 13 de março de 1956 ao arcebispo Gawlina³⁸. Por sua vez o Pe. João Pitoń, numa carta do dia 10 de julho de 1963 ao mesmo arcebispo, escrevia: “[...] as Reitorias sem recursos financeiros são uma utopia, e apenas as cargas são um absurdo que não pode existir por muito tempo”³⁹. Num tom semelhante escrevia o Pe. João Pitoń ao cardeal Stefan Wyszyński, Primaz da Polônia⁴⁰. Por um determinado período de tempo, a Província Norte-Americana da Sociedade de Cristo tem apoiado financeiramente a atividade do reitor Pe. Benedito Grzymkowski SChr. Esses recursos eram destinados em grande medida para cobrir as despesas do deslocamento até os núcleos polônicos, bem como para visitar os sacerdotes poloneses que trabalhavam em diversas regiões

³⁵ Arquivo dos Padres Vicentinos em Curitiba (a seguir: APV). Pasta: *Rektorat Polskiej Misji Katolickiej 1955-1962. Deklaracja ks. L. Bronnego CM z dnia 14 XII 1955; Lud*, 8.7.1953, p. 1.

³⁶ APV. Pasta: *Rektorat Polskiej Misji Katolickiej 1952-1963.*

³⁷ *Lud*, 8.7.1953, p. 1.

³⁸ APV. Pasta: *Rektorat Polskiej Misji Katolickiej 1952-1963.*

³⁹ APV. Pasta: *Rektorat Polskiej Misji Katolickiej 1962-1963.*

⁴⁰ *Ibidem*.

desse extenso país. O atual reitor (o sétimo na sequência), sendo cura da paróquia de São João Batista em Curitiba, para a atividade de reitor destina com frequência o salário de cura recebido da paróquia. Esporadicamente recebe alguma importância para cobrir despesas de viagens ou para a atividade editorial. No que diz respeito à atividade editorial, é preciso enfatizar que nos primeiros tempos da sua função de reitor o Pe. Benedito Grzymkowski SChr editou todos os meses, por três anos, o *Boletim da Missão Católica Polonesa no Brasil*. O atual reitor iniciou em 2009 a publicação do *Eco da Missão Católica Polonesa no Brasil*, um boletim bimensal dirigido aos sacerdotes e líderes polônicos, bem como a todos os missionários e missionárias oriundos da Polônia. Após um breve período de tempo o título desse boletim foi mudado para *Eco da Comunidade Polônica Brasileira*. Infelizmente, apesar dos apelos dirigidos aos leitores para que encaminhassem informações sobre a atividade polônica ou missionária, e não tendo uma resposta positiva a esses apelos, bem como em razão da falta de apoio financeiro, o último número desse periódico foi publicado em agosto de 2016. Esse boletim era na época a única publicação no Brasil em língua polonesa. Além disso, desde 2010 é publicado o periódico *Polonicus*, de perfil acadêmico e dedicado à problemática polônica e aos contatos Polônia-Brasil. Esse periódico é publicado duas vezes por ano em língua portuguesa. Em polonês são publicados também o sumário, o editorial e o resumo de cada artigo. No momento já está sendo preparada a 19ª edição desse periódico.

No entanto, eu gostaria de afirmar que, apesar das dificuldades financeiras com que se têm defrontado, os diversos reitores da Missão Católica Polonesa no Brasil têm procurado cumprir essa missão a eles confiada pela Igreja, tão específica e nem sempre fácil de ser executada.

No que diz respeito à pastoral específica que é justamente a pastoral polônica, ela é promovida na dimensão seguinte. Nas cidades grandes – onde residem os poloneses nascidos na Polônia ou os seus

descendentes fortemente ligados com a fé, a cultura e a língua polonesa – existem paróquias pessoais ou capelarias polonesas. As paróquias pessoais polonesas foram instituídas há algumas décadas e existem até o dia de hoje em: Curitiba (Paróquia de S. Estanislau Bispo e Mártir – verbitas, onde ultimamente a Missa em polonês é celebrada todos os domingos pelos padres da Sociedade de Cristo da casa provincial) e Rio de Janeiro (Paróquia de Nossa Senhora de Monte Claro – Sociedade de Cristo). Além das mencionadas paróquias pessoais existem capelarias polonesas em: São Paulo (desde o início dirigida pelos salesianos, e de dezembro de 1996 a 2016 pela Sociedade de Cristo; atualmente a capelaria não conta com um sacerdote permanente, e um dos missionários poloneses que atua na cidade celebra a Missa em polonês nos primeiros domingos do mês), Porto Alegre (inicialmente sacerdotes diocesanos e a seguir, por setenta anos, os padres vicentinos; por alguns anos a capelaria permaneceu sem um sacerdote, e há quatro anos se encontra aos cuidados do autor deste texto). Da mesma forma, em Curitiba, por décadas, os padres vicentinos, na igreja paroquial de S. Vicente de Paulo, celebraram todos os domingos a Missa em polonês. Há alguns anos deixaram de celebrar essa Missa em polonês, em razão do número muito pequeno de pessoas que apareciam todos os domingos em sua igreja.

No entanto, nas regiões onde vivem os descendentes dos imigrantes poloneses são dirigidas paróquias territoriais. Eu gostaria de aqui enfatizar que desde o início da vinda dos imigrantes ao Brasil não têm sido instituídas paróquias nacionais. Os bispos fundavam paróquias territoriais, em áreas muito extensas. As rotas de comunicação eram muito primitivas, muitas vezes restringindo-se a um caminho estreito aberto em meio à mata virgem.

Nas comunidades paroquiais onde vivem os descendentes dos imigrantes poloneses, a pastoral polônica depende em grande medida das necessidades dos próprios brasileiros de origem polonesa, bem como da criatividade e do engajamento do próprio sacerdote

polonês. É preciso ainda acrescentar que em muitas paróquias, bem como em coletividades polônicas, são promovidas aulas de língua polonesa, programas radiofônicos de perfil polônico, bem como existem conjuntos de folclore polonês⁴¹.

Quero citar uma observação do então Primaz da Polônia, cardeal Józef Glemp, que visitou os núcleos polônicos no Brasil e na Argentina em 1984. Após voltar à Polônia, ele publicou um livro no qual descreveu as suas observações:

[...] A integração das coletividades religiosas tem a vantagem de introduzir o bem de toda nação no bem comum do país. A negligência em proporcionar uma educação católica às crianças e aos jovens à maneira polonesa é a aceitação da mediocridade, o rebaixamento do nível da espiritualidade. No contexto brasileiro-argentino, não se pode negar que a catequese polonesa e o programa pastoral polonês, resultantes da base de uma cultura milenar, fornecem a garantia de se atingir uma maior maturidade cristã, o que define uma contribuição positiva em prol da Igreja universal. [...] O sentido da pastoral polônica não consiste em preservar a todo custo a língua e os costumes poloneses, mas em desenvolver da melhor forma possível a graça da fé baseando-se na cultura religiosa polonesa e dessa forma dar testemunho da vida da Igreja – de uma forma digna de ser imitada e aceita. [...]. Onde a pastoral polonesa é frágil, enfraquece também a brasileira⁴².

É preciso afirmar que as paróquias pessoais polonesas, as capelarias polonesas, bem como as paróquias territoriais na área das quais residem os descendentes dos imigrantes poloneses fazem parte das estruturas da Igreja local. Permito-me citar um trecho do meu pronunciamento durante uma conferência organizada pelo Centro de

⁴¹ Z. MALCZEWSKI SChr, *Duszpasterstwo polskie...*, op. cit., p. 371.

⁴² J. Card. GLEMP, *Kościół i Polonia*, Poznań-Warszawa, 1986, p. 24-25.

Estudos Latino-Americanos (CESLA), da Universidade de Varsóvia, em dezembro de 1998:

[...] No âmbito do seu ministério pastoral, a Igreja no Brasil quis envolver todos os grupos sociais. Nos primórdios da colonização, em muitos casos os bispos chamavam a atenção dos padres estrangeiros para que na assistência aos seus compatriotas imigrantes não se esquecessem das coletividades locais (dos mestiços, dos caboclos ou dos chamados luso-brasileiros). Atualmente, a Igreja continua a fornecer a possibilidade de promover a pastoral étnica. Nos últimos anos os documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) têm enfatizado o valor de expressar a experiência da fé do povo em sua própria cultura. Tanto o povo como a comunidade e os evangelizadores são convocados ao aprofundamento da fidelidade, não somente ao Evangelho, mas também à própria cultura e história⁴³.

Nos primeiros anos da colonização polonesa a Igreja – através dos sacerdotes poloneses – desempenhou um papel unificador, foi o baluarte do polonismo. Atualmente os religiosos poloneses continuam a contribuir para a difusão da cultura polonesa, dos costumes religiosos, da tradição, do folclore, mas já em meio às gerações sucessivas dos descendentes dos imigrantes poloneses. Desde a eleição do cardeal Karol Wojtyła como papa, da sua visita apostólica ao Brasil e o seu encontro com a comunidade polônica brasileira em Curitiba no dia 4 de julho de 1980, temos observado um despertar da consciência da identidade polonesa em meio às pessoas de raízes étnicas polonesas. Essas pessoas buscam as suas raízes e ficam sabendo em que consiste a sua identidade, muitas vezes justamente dos sacerdotes poloneses. A maioria das pessoas de origem polonesa não conhece a língua polonesa. Não cabe aqui analisar as causas da

⁴³ M. MALINOWSKI (org.), *Rola duszpasterstwa polskiego w organizacji społeczności lokalnych w Ameryce Łacińskiej*, Warszawa, 1999, p. 30.

restrição do uso da língua polonesa na comunidade polônica no período dos últimos 70 anos. Os motivos, sobretudo de natureza política, têm sido muitos. É por isso que, no ministério pastoral em meio àqueles que não conhecem suficientemente a língua polonesa, existe a necessidade de chegar a eles com os valores culturais poloneses em sua língua pátria, ou seja, portuguesa. Para os padres poloneses que trabalham nas coletividades polônicas, o trabalho pastoral não se restringe estritamente a tarefas religiosas. O sacerdote deve não apenas evangelizar, mas também ser um líder social e um ativista polônico. Não deve apenas ensinar a oração, administrar os sacramentos, mas deve igualmente falar da Polônia atual e da sua cultura, empenhar-se por transmitir toda a riqueza da tradição espiritual polonesa. No interior do país, onde vivem os descendentes dos colonos poloneses, percebemos um forte sentimento de polonismo na família, que é fortalecido mais ainda onde há um sacerdote polonês. Infelizmente, constata-se com tristeza que nem todos os padres poloneses que trabalham entre os descendentes dos imigrantes poloneses compreendem dessa forma o seu ministério pastoral e o fato de que devem ser os embaixadores da tradição e da cultura polonesa⁴⁴.

Eu gostaria de citar aqui um trecho de um artigo do engenheiro Edmundo Gardolinski (nascido em São Mateus do Sul – PR, filho de imigrantes poloneses: seu pai, Mariano, foi agrimensor)⁴⁵, que foi construtor de numerosos aeroportos, prédios públicos, pesquisador e articulista polônico. Quero citar aqui o trecho de um texto seu que foi publicado em português no dia 25 de julho de 1958 no *Diário de Notícias*, em Porto Alegre:

⁴⁴ Z. MALCZEWSKI SChr, *Polonii brazylijskiej obraz własny...*, op. cit., p. 149-150, 194.

⁴⁵ Publiquei a biografia de Edmundo Gardolinski no livro *Słownik biograficzny...*, op. cit., p. 125-126.

A tendência, se não o sonho dos poloneses deve ser nesse caso apenas que cada descendente do elemento polonês saiba da sua origem, não se envergonhe dela e tenha uma visão favorável dos assuntos da pátria dos seus antepassados. Essa consciência positiva não apenas será suficiente, mas será a garantia da ligação com a Polônia de um indivíduo que é brasileiro, aqui se estabeleceu firmemente, mas, apesar disso, envolve de amizade e cordialidade a distante nação polonesa, como se fosse um distante mas querido parente. [...] O brasileiro de origem polonesa sensível aos assuntos poloneses nada perderá do seu brasileiro, por mais cordial que ele seja. Mais ainda: para o Brasil com certeza não é indiferente que um grupo que se insere em seu território e adquire os privilégios civis morais e legais disponha do cabedal de certos sentimentos, seja uma massa humana valiosa ou, pelo contrário, que rejeite inteiramente tais valores⁴⁶.

Durante a conferência por mim já mencionada acima e organizada pelo CESLA em outubro de 1998 sobre o tema “O papel da pastoral polônica na organização das coletividades locais na América Latina”, o então jovem cientista Mariusz Malinowski disse:

O papel da Igreja na vida organizacional da comunidade polônica é um problema digno de especial atenção. Através da Igreja realiza-se com muita frequência a ação das organizações polônicas. Especialmente no interior, onde não há condições para a instituição de uma base cultural polonesa, às vezes a única forma para a preservação do polonismo é o cultivo dos ritos relacionados com a tradição religiosa católica – do Natal e da Páscoa. Por sua vez nos núcleos onde graças à atuação dos líderes locais pode ser organizado algo mais – eventos sem a presença de um padre são impensáveis [...]. A pastoral polônica é um fenômeno interessante no contexto da história, porquanto ambientes tão jovens como as nações latino-

⁴⁶ E. GARDOLINSKI, *Polska grupa etniczna w Região Missioneira*. In: *Kalendarz Ludu*, Curitiba, 1958, p. 73.

americanas, e como elas compostos de um mosaico de multiculturalismo e exotismo, estão sujeitos a processos sociais cujas regras não têm extrapolado ainda a etapa de hipóteses. E não se pode esquecer disso ao falar do futuro da comunidade polônica na América Latina e da pastoral polônica com ela tão firmemente ligada⁴⁷.

Por sua vez o engenheiro André Hamerski, um líder da comunidade polônica brasileira, durante a mencionada conferência científica disse com profunda convicção:

[...] O trabalho do padre nas comunidades polônicas com o objetivo de fazer renascer e preservar a cultura polonesa é um autêntico exemplo de trabalho pastoral. [...] Os lemas do renascimento da cultura da religiosidade polonesa com frequência fazem brotar lágrimas nos olhos daquelas pessoas de origem polonesa que falam ou que falaram em polonês, com maior ou menor competência. Da história de algumas associações, clubes etc. fundados no Rio Grande do Sul resulta claramente que desmantelaram-se aqueles que, apesar do respeito à cultura polonesa, excluíram a Deus e a memória da religiosidade da nação polonesa. Nos últimos tempos, tem crescido muito o culto de Nossa Senhora de Monte Claro. Tem crescido igualmente o movimento que testemunha o significado da religiosidade dos imigrantes poloneses na instituição dos primeiros povoados. Essa é uma das funções da Braspol, organização que atua há apenas nove anos⁴⁸.

Complemento: em janeiro deste ano, a Braspol comemorou os 29 anos da sua atividade.

⁴⁷ M. MALINOWSKI (org.), *Rola duszpasterstwa polskiego...*, op. cit., p. 160 e 161.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 206-207.

No decorrer da mencionada conferência, o Prof. Władysław Miodunka, da Universidade Jagiellônica, expressou – na minha opinião – uma observação muito oportuna:

A comunidade polônica brasileira sente orgulho da sua identidade brasileira, mas espera também uma revalorização da sua identidade polonesa, espera o seu reconhecimento após os anos em que o termo “polaco” era uma definição pejorativa. Além disso, essa comunidade polônica, em seu conjunto, está pronta a preservar a sua identidade polonesa, que de forma alguma ameaça a identidade brasileira, até pelo contrário: ela completa essa identidade⁴⁹.

É justamente assim que percebo o papel da pastoral polônica, que ela não apenas desenvolva uma atividade na dimensão puramente espiritual, religiosa, mas também que se torne protagonista e protetora da renovação e da consolidação da identidade polonesa na atual comunidade polônica brasileira.

Concluindo a minha apresentação, gostaria de observar que nos últimos anos a coletividade polônica no Brasil, aliás da mesma forma como esse país de residência dos nossos colonos e dos seus descendentes, está passando por variadas e rápidas transformações. Não cabe aqui analisá-las detalhadamente. Quero apenas chamar a atenção para três realidades relacionadas com a comunidade polônica. A primeira diz respeito à diminuição da quantidade de Missas celebradas em língua polonesa. Embora continue existindo o apego da comunidade polônica brasileira à fé católica e a demanda pela participação em seu culto religioso, os valores relacionados com a nossa tradição religiosa polonesa e com os seus costumes devem ser transmitidos em língua portuguesa! O segundo fato é a diminuição do número dos sacerdotes que exercem o seu ministério nas

⁴⁹ Ibidem, p. 42.

comunidades polônicas. O terceiro fato é o crescimento do número de lugares e pessoas interessadas em aprender a língua polonesa.

RESUMO – STRESZCZENIE

Duchowni polscy pojawili się w Brazylii wraz z przybywającymi emigrantami. W początkach polskiego osadnictwa prowadziło działalność duszpasterską nie więcej jak 20 księży. Biskupi brazylijscy nie tworzyli oddzielnych parafii narodowościowych. Polscy księża obsługujący naszych osadników byli zobowiązani, szczególnie w Paranie, do ogarnięcia swoją troską także ludność osiedloną w pobliżu polskich kolonii.

Wraz z różnorodnym przeobrażaniem się rzeczywistości tego kraju, następuje również przemiana wśród potomków polskich osadników. Aktualnie, chociaż większość z nich nie posługuje się już (z wielu przyczyn) językiem polskim, to jednak nadal wyrażają wiarę i tradycje religijne odziedziczone po swoich przodkach.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E DO REFUGIADO

«Não se trata apenas de migrantes»

A fé assegura-nos que o Reino de Deus já está, misteriosamente, presente sobre a terra (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 39); contudo, mesmo em nossos dias, com pesar temos de constatar que se lhe deparam obstáculos e forças contrárias. Conflitos violentos, verdadeiras e próprias guerras não cessam de dilacerar a humanidade; sucedem-se injustiças e discriminações; tribula-se para superar os desequilíbrios económicos e sociais, de ordem local ou global. E quem sofre as consequências de tudo isto são sobretudo os mais pobres e desfavorecidos.

As sociedades economicamente mais avançadas tendem, no seu seio, para um acentuado individualismo que, associado à mentalidade utilitarista e multiplicado pela rede mediática, gera a «globalização da indiferença». Neste cenário, os migrantes, os refugiados, os desalojados e as vítimas do tráfico de seres humanos aparecem como os sujeitos emblemáticos da exclusão, porque, além dos incómodos inerentes à sua condição, acabam muitas vezes alvo de juízos negativos que os consideram como causa dos males sociais. A atitude para com eles constitui a campanha de alarme que avisa do declínio moral em que se incorre, se se continua a dar espaço à cultura do descarte. Com efeito, por este caminho, cada indivíduo que não quadre com os cânones do bem-estar físico, psíquico e social fica em risco de marginalização e exclusão.

Por isso, a presença dos migrantes e refugiados – como a das pessoas vulneráveis em geral – constitui, hoje, um convite a recuperar algumas dimensões essenciais da nossa existência cristã e da nossa humanidade, que correm o risco de entorpecimento num teor de vida

rico de comodidades. Aqui está a razão por que «não se trata apenas de migrantes», ou seja, quando nos interessamos por eles, interessamo-nos também por nós, por todos; cuidando deles, todos crescemos; escutando-os, damos voz também àquela parte de nós mesmos que talvez tenhamos escondida por não ser bem vista hoje.

«Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais!» (Mt 14, 27). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se também dos nossos medos*. As maldades e torpezas do nosso tempo fazem aumentar «o nosso receio em relação aos “outros”, aos desconhecidos, aos marginalizados, aos forasteiros (...). E isto nota-se particularmente hoje, perante a chegada de migrantes e refugiados que batem à nossa porta em busca de proteção, segurança e um futuro melhor. É verdade que o receio é legítimo, inclusive porque falta a preparação para este encontro» (*Homilia*, Sacrofano, 15 de fevereiro de 2019). O problema não está no facto de ter dúvidas e receios. O problema surge quando estes condicionam de tal forma o nosso modo de pensar e agir, que nos tornam intolerantes, fechados, talvez até – sem disso nos apercebermos – racistas. E assim o medo priva-nos do desejo e da capacidade de encontrar o outro, a pessoa diferente de mim; priva-me dum ocasião de encontro com o Senhor (cf. *Homilia na Missa do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, 14 de janeiro de 2018).

«Se amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem já isso os publicanos?» (Mt 5, 46). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se da caridade*. Através das obras de caridade, demonstramos a nossa fé (cf. Tg 2, 18). E a caridade mais excelsa é a que se realiza em benefício de quem não é capaz de retribuir, nem talvez de agradecer. «Em jogo está a fisionomia que queremos assumir como sociedade e o valor de cada vida. (...) O progresso dos nossos povos (...) depende sobretudo da capacidade de se deixar mover e comover por quem bate à porta e, com o seu olhar, desabona e exautora todos os falsos ídolos que hipotecam e escravizam a vida; ídolos que prometem uma felicidade ilusória e efémera, construída à

margem da realidade e do sofrimento dos outros» (*Discurso na Cáritas diocesana de Rabat, Marrocos, 30 de março de 2019*).

«Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão» (*Lc 10, 33*). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se da nossa humanidade*. O que impele aquele samaritano – um estrangeiro, segundo os judeus – a deter-se é a compaixão, um sentimento que não se pode explicar só a nível racional. A compaixão toca as cordas mais sensíveis da nossa humanidade, provocando um impulso imperioso a «fazer-nos próximo» de quem vemos em dificuldade. Como nos ensina o próprio Jesus (cf. *Mt 9, 35-36; 14, 13-14; 15, 32-37*), ter compaixão significa reconhecer o sofrimento do outro e passar, imediatamente, à ação para aliviar, cuidar e salvar. Ter compaixão significa dar espaço à ternura, ao contrário do que tantas vezes nos pede a sociedade atual, ou seja, que a reprimamos. «Abrir-se aos outros não empobrece, mas enriquece, porque nos ajuda a ser mais humanos: a reconhecer-se parte ativa dum todo maior e a interpretar a vida como um dom para os outros; a ter como alvo não os próprios interesses, mas o bem da humanidade» (*Discurso na Mesquita «Heydar Aliyev» de Baku, Azerbeijão, 2 de outubro de 2016*).

«Livrai-vos de desprezar um só destes pequeninos, pois digo-vos que os seus anjos, no Céu, veem constantemente a face de meu Pai que está no Céu» (*Mt 18, 10*). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se de não excluir ninguém*. O mundo atual vai-se tornando, dia após dia, mais elitista e cruel para com os excluídos. Os países em vias de desenvolvimento continuam a ser depauperados dos seus melhores recursos naturais e humanos em benefício de poucos mercados privilegiados. As guerras abatem-se apenas sobre algumas regiões do mundo, enquanto as armas para as fazer são produzidas e vendidas noutras regiões, que depois não querem ocupar-se dos refugiados causados por tais conflitos. Quem sofre as consequências são sempre os pequenos, os pobres, os mais vulneráveis, a quem se impede de sentar-se à mesa deixando-lhe as «migalhas» do banquete (cf. *Lc 16,*

19-21). «A Igreja “em saída” (...) sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 24). O desenvolvimento exclusivista torna os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. Verdadeiro desenvolvimento é aquele que procura incluir todos os homens e mulheres do mundo, promovendo o seu crescimento integral, e se preocupa também com as gerações futuras.

«Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo; e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos» (Mc 10, 43-44). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se de colocar os últimos em primeiro lugar*. Jesus Cristo pede-nos para não cedermos à lógica do mundo, que justifica a prevaricação sobre os outros para meu proveito pessoal ou do meu grupo: primeiro eu, e depois os outros! Ao contrário, o verdadeiro lema do cristão é «primeiro os últimos». «Um espírito individualista é terreno fértil para medrar aquele sentido de indiferença para com o próximo, que leva a tratá-lo como mero objeto de comércio, que impele a ignorar a humanidade dos outros e acaba por tornar as pessoas medrosas e cínicas. Porventura não são estes os sentimentos que muitas vezes nos assaltam à vista dos pobres, dos marginalizados, dos últimos da sociedade? E são tantos os últimos na nossa sociedade! Dentre eles, penso sobretudo nos migrantes, com o peso de dificuldades e tribulações que enfrentam diariamente à procura – por vezes, desesperada – dum lugar onde viver em paz e com dignidade» (*Discurso ao Corpo Diplomático*, 11 de janeiro de 2016). Na lógica do Evangelho, os últimos vêm em primeiro lugar, e nós devemos colocá-los ao seu serviço.

«Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10, 10). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se da pessoa toda e de todas as pessoas*. Nesta afirmação de Jesus, encontramos o cerne da sua missão: procurar que todos recebam o dom da vida em plenitude, segundo a vontade do Pai. Em cada atividade política, em cada

programa, em cada ação pastoral, no centro devemos colocar sempre a pessoa com as suas múltiplas dimensões, incluindo a espiritual. E isto vale para todas as pessoas, entre as quais se deve reconhecer a igualdade fundamental. Por conseguinte, «o desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento económico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo» (São Paulo VI, Enc. *Populorum progressio*, 14).

«Portanto, já não sois estrangeiros nem imigrantes, mas sois concidadãos dos santos e membros da casa de Deus» (*Ef 2*, 19). *Não se trata apenas de migrantes: trata-se de construir a cidade de Deus e do homem*. Na nossa época, designada também a era das migrações, reservado a poucos, mas construído sobre a exploração de muitos. «Trata-se então de vermos, nós em primeiro lugar, e de ajudarmos os outros a verem no migrante e no refugiado não só um problema a enfrentar, mas um irmão e uma irmã a serem acolhidos, respeitados e amados; trata-se duma oportunidade que a Providência nos oferece de contribuir para a construção duma sociedade mais justa, duma democracia mais completa, dum país mais inclusivo, dum mundo mais fraterno e duma comunidade cristã mais aberta, de acordo com o Evangelho» (*Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 2014*).

Queridos irmãos e irmãs, a resposta ao desafio colocado pelas migrações contemporâneas pode-se resumir em quatro verbos: *acolher, proteger, promover e integrar*. Mas estes verbos não valem apenas para os migrantes e os refugiados; exprimem a missão da Igreja a favor de todos os habitantes das periferias existenciais, que devem ser acolhidos, protegidos, promovidos e integrados. Se pusermos em prática estes verbos, contribuímos para construir a cidade de Deus e do homem, promovemos o desenvolvimento humano integral de todas as pessoas e ajudamos também a comunidade mundial a ficar mais próxima de alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável que se propôs e que, caso contrário, dificilmente serão atingíveis.

Por conseguinte, não está em jogo apenas a causa dos migrantes; não é só deles que se trata, mas de todos nós, do presente e do futuro da família humana. Os migrantes, especialmente os mais vulneráveis, ajudam-nos a ler os «sinais dos tempos». Através deles, o Senhor chama-nos a uma conversão, a libertar-nos dos exclusivismos, da indiferença e da cultura do descarté. Através deles, o Senhor convida-nos a reapropriarmo-nos da nossa vida cristã na sua totalidade e contribuir, cada qual segundo a própria vocação, para a construção dum mundo cada vez mais condizente com o projeto de Deus.

Estes são os meus votos que acompanho com a oração, invocando, por intercessão da Virgem Maria, Nossa Senhora da Estrada, abundantes bênçãos sobre todos os migrantes e refugiados do mundo e sobre aqueles que se fazem seus companheiros de viagem.

Vaticano, 27 de maio de 2019.

Francisco

BREVE HISTÓRIA DA REPÚBLICA DA POLÔNIA E SUA INDEPENDÊNCIA ENTRE AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS

André Luiz de *SOUZA DIAS**

A República da Polônia é um país localizado no centro geométrico da Europa. A norte, é banhada pelo Mar Báltico e faz fronteira com Rússia (Oblast de Kaliningrado) e Lituânia. A sul, uma cadeia de montanhas composta pelos Cárpatos, Bieszczady, Tatry, Besquidos e Sudety, com as pitorescas Karkonosze, caracteriza o limite com a República Tcheca e a Eslováquia. O rio Bug, a leste, baliza a divisa com Ucrânia e Bielorrússia, ao passo que a separação com a Alemanha, a oeste, se dá por meio dos rios Óder e *Nysa Łużycka*. Com 312 679 quilômetros quadrados, a Polônia é o 69º maior país do mundo e o 9º na Europa. Seus mais de 38,5 milhões de habitantes a tornam o 34º país mais populoso do planeta.

O Estado polonês surge em meados do século X, mais precisamente em 966, quando Mieszko I, da dinastia Piast, converte-se ao cristianismo. Em 1025, seu filho Boleslaw Chrobry – O Corajoso recebe o Diadema Real do Imperador Otton III e estabelece a

* Tenente-Coronel de Infantaria do Exército Brasileiro, diplomado Oficial de Estado-Maior pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Brasil/2013) e pela Escola Superior das Forças Armadas (Espanha/2016). Mestre em Operações Militares (2004) e em Ciências Militares (2013), no Brasil, e em Política de Defesa e Segurança Internacional pela Universidade Complutense de Madrid (Espanha/2016). É o atual Comandante do 29º Batalhão de Infantaria Blindada, em Santa Maria - RS, nomeado para o biênio 2019-20.

monarquia medieval, formando um império forte, cuja capital era Gniezno. Infelizmente, tudo se deteriorou após sua morte. Em 1138, por força do testamento de Boleslau III, o país se dividiu em pequenos ducados, reunificando-se 200 anos depois, quando Ladislau I foi coroado em 1320.

Em meados do século XIV, o Rei Casimiro III – O Grande assumiu o governo e incrementou a economia do país. O campo da educação também mereceu destaque, com a criação da primeira universidade em Cracóvia, no ano 1364, que depois passou a denominar-se Universidade Jagiellona. Por todos os empreendimentos realizados, esse monarca ficou conhecido como “o Rei que recebeu a Polônia em madeira e a entregou em tijolos”. Ainda no mesmo século, a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos foi adquirindo gradativamente força, instalando-se de norte a sul do território polonês e afastando o país pouco a pouco da costa báltica.

Nesse contexto, e considerando que a independência lituana estava ameaçada, é promovida uma união entre o Reino da Polônia e o Grão-Ducado da Lituânia em 1385. Na oportunidade, o Grão-Duque lituano é batizado Władysław (Ladislau) e se casa com a Rainha polonesa Jadwiga (Edviges), dando origem à Comunidade Polono-Lituana (*Polish–Lithuanian Commonwealth*). Em 1410, as tropas polono-lituanas, lideradas por Ladislau de Jagiellão, enfrentam e esmagam as forças da Ordem Teutônica em Grunwald. A partir de então, há crescimento econômico, desenvolvimento cultural, expansão territorial e aumento do poder da nobreza.

O século XVI foi considerado o período áureo da história polonesa e o país tornou-se um dos maiores e mais ricos impérios da Europa. Foi justamente nessa época que o Rei Sigismundo III Vasa transferiu a capital de Cracóvia para Varsóvia. Os anos seguintes, entretanto, não foram bons, e a Polônia mergulhou em uma profunda crise. Contribuíram para este cenário o gradual esfacelamento da economia, o declínio da autoridade real e as perdas territoriais advindas de derrotas para a Suécia e a Ucrânia.

Para vencer essa complicada situação, foram promovidas reformas na educação, economia, igreja e no campo militar, culminando com a promulgação da “Constituição de 3 de Maio”. Esta Carta é considerada a primeira com características progressistas na Europa e a segunda no mundo. Infelizmente, apesar de todo o esforço, a Comunidade Polono-Lituana chegava ao fim. Prússia, Rússia e Áustria, três potências europeias à época, impuseram sucessivas partilhas ao território polonês (em 1772, 1792 e 1795), que, subjogado por completo, desapareceu do mapa por 123 anos, ao mesmo tempo em que abdicava do trono o rei Estanislau Augusto Poniatowski.

Durante o período de ocupação, mais de mil rebeliões eclodiram ao longo dos anos 1768, 1794, 1830, 1848 e 1863. Todas as tentativas de libertação foram implacavelmente abafadas e o conseqüente banho de sangue serviu para refinar e dar têmpera à identidade combatente do povo polonês. Somente em 1918, como resultado direto do término da Primeira Guerra Mundial, a independência floresceu e fez ressurgir na Europa Central uma Polônia soberana.

Isso foi possível porque Woodrow Wilson, então Presidente dos Estados Unidos da América (1913-1921), compreendeu que uma Polônia livre ao término das hostilidades seria necessária para a construção e a manutenção de uma paz duradora no Velho Continente. No dia 11 de novembro de 1918, em clima de contagiante euforia pelas ruas e cidades, a Alemanha derrotada assinou o armistício e o Conselho de Regência da Polônia entregou o poder civil e militar ao Marechal Józef Piłsudski, inaugurando a Segunda República. Essa data passou a ser o Dia da Independência da Polônia.

Consagrado veterano de batalhas e antigo prisioneiro de guerra russo e alemão, Piłsudski criou as chamadas legiões polonesas entre os anos 1914-1918, que são consideradas o embrião do futuro Exército Nacional. Entretanto, como é sabido, o fim da Guerra não garantiu a almejada paz. Conflitos com os países vizinhos e a guerra contra a

Rússia Bolchevique exigiram sacrifícios igualmente tremendos em prol da pátria recém-recuperada.

Esse último episódio, conhecido como a Batalha de Varsóvia, ocorreu entre 12 e 25 de agosto de 1920, quando o Exército Vermelho, comandado por Mikhail Tukhachevsky, se aproximou de Varsóvia, nos arredores da Fortaleza de Modlin, com o intuito de capturar a cidade e instalar um governo pró-soviético. Os poloneses entrincheirados na cidade conseguiram mobilizar milhares de voluntários, entre homens e mulheres. Piłsudski, líder de rara inteligência e refinado pensamento estratégico, em 16 de agosto comandou um contra-ataque que desorganizou a ofensiva soviética, repelindo as forças inimigas para leste, além do Rio Neman. Essa épica batalha passou para a história com o nome de “Milagre do Vístula”.

Como resultado, em 1921 foi assinada a Paz de Riga, dando aos poloneses novas fronteiras orientais, que durariam até 17 de setembro de 1939. Devido aos acontecimentos heroicos da Batalha de Varsóvia, 15 de agosto foi escolhido como o Dia das Forças Armadas da Polônia. O diplomata britânico Edgar Vincent D'Abernon descreveu a Batalha de Varsóvia como a 18ª batalha definidora da história mundial, pois não só ajudou a preservar a independência da Polônia, mas também parou a marcha bolchevique na Europa Ocidental.

O Dia da Independência da Polônia, comemorado desde 1920, foi reconhecido como Data Nacional somente em 1937. Na luta pela liberdade polonesa, outra grande personalidade despontou: Ignacy Jan Paderewski, um dos maiores pianistas do mundo no início do século XX. Eminentemente artista de ilibada reputação, influenciou decisivamente o Presidente estadunidense Woodrow Wilson, tornando real o renascimento de uma Polônia independente ao término da Primeira Guerra Mundial.

Posteriormente, Paderewski desempenhou as funções de Primeiro-Ministro e Ministro dos Negócios Estrangeiros no novo governo estabelecido. Representou seu país na Conferência de Paz de

Paris e na assinatura o Tratado de Versalhes em junho de 1919, acompanhado por Roman Dmowski, outro proeminente cidadão polonês.

Mais de mil anos de história são marcados, em grande parte, por relações difíceis com os vizinhos, quase sempre associadas a aspectos geopolíticos. Como consequência, é sentido o impacto de uma nova hecatombe. Ironicamente, a Segunda Guerra Mundial se torna oficial com a invasão do território polonês por alemães e soviéticos, que põem em prática as ações sorrateiramente arquitetadas no *Pacto Molotov–Ribbentrop*.

A eclosão de uma nova guerra em 1º de setembro de 1939, assim como a ocupação partilhada do território, adiaram, por quase meio século, um antigo sonho de liberdade. Foi uma época de terror, de campos de concentração e de extermínio, de tempos de Holocausto. Ao longo da Segunda Guerra Mundial, mais de seis milhões de poloneses morreram, metade deles judeus, rendendo à Polônia o indesejável título de o país com o maior número de vidas perdidas, considerando a proporção entre óbitos e a população total. Foi também polonesa a quarta maior contribuição de tropas para a Guerra, ficando atrás somente da União Soviética, do Reino Unido e dos Estados Unidos.

Durante o período de ocupação nazista, cabe destacar que a Polônia jamais se rendeu. O chamado Governo da República da Polónia no exílio (*Rząd Rzeczypospolitej Polskiej na uchodźstwie*) foi estabelecido sob a liderança do General W. Sikorski e refugiou-se na Romênia. Depois, estabeleceu-se na França durante entre os anos 1939 e 1940, primeiramente em Paris, depois em Angers. A partir de 1940, após a invasão alemã e a queda francesa, o governo mudou-se para Londres, permanecendo no Reino Unido até sua dissolução em 1990. Nesse ano, a insígnia governamental foi formalmente entregue a Lech Wałęsa, eleito Presidente da República por sufrágio universal em 23 de dezembro do mesmo ano.

Na Polônia ocupada, funcionava clandestinamente uma Representação do Governo de Exílio, com estruturas de justiça, administração, educação e partidos políticos. Contava também com um Exército Nacional (*Armia Krajowa – AK*), integrado por mais de 300 mil pessoas. O acontecimento mais importante desta fase foi o Levante de Varsóvia, que durou de 31 de julho a 03 de outubro de 1944, quando morreram 180 mil civis e 18 mil soldados, além de 25 mil feridos do lado polonês. Já os alemães computaram mais de 16 mil soldados mortos e milhares de feridos.

Não há dúvida de que a história da Polônia na Segunda Guerra Mundial foi escrita com suor, bravura e sangue, consubstanciada em um sem número de feitos gloriosos. Entretanto, a Conferência de Yalta entregou a Polônia à influência soviética. Ao término do conflito, cerca de 20% do território original foi perdido, ou seja, 77.500 km² a menos. Essa redução ocasionou, dentre outras coisas, um considerável fluxo migratório de poloneses das áreas subtraídas para diversas partes do mundo.

Nesse escopo, o Brasil foi privilegiado como um dos destinos escolhidos, o que garantiu a continuidade e a consolidação de um processo iniciado no século XIX. Como reflexo, hoje o País rejubila-se por possuir quase 2 milhões de descendentes poloneses, totalmente integrados à sociedade e que representam a terceira maior população com essa ascendência em todo planeta.

Durante a ocupação nazista, e enquanto vigorou o posterior regime comunista, as comemorações do Dia da Independência foram terminantemente proibidas, voltando a ocorrer somente após o colapso da União Soviética e dos países da antiga Cortina de Ferro. Nessa ocasião, as Revoluções de 1989 derrubaram o governo comunista polonês e uma nova constituição fez surgir a Terceira República.

Após a saída do Exército Vermelho do seu território e o fim do comunismo, a Polônia retoma sua caminhada rumo ao desenvolvimento e à prosperidade. Nesse período, cabe ressaltar o

papel do movimento social “Solidariedade” (Sindicato Autônomo Solidariedade - *Niezależny Samorządny Związek Zawodowy “Solidarność”*), surgido em 17 de agosto de 1980, em Gdańsk, tendo à frente Lech Wałęsa. Uma atuação verdadeiramente efetiva permitiu que seu líder fosse eleito o primeiro presidente do período pós-soviético. A soberania nacional levou o país a ingressar, em 12 de março de 1999, na Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN, assim como seu desenvolvimento econômico e consciência política permitiram a entrada na União Europeia em 1º de maio de 2004.

Nos dias atuais, a Polônia é uma nação orgulhosa de suas tradições e heranças culturais, com raízes profundas de idade milenar. Conheceu, ao longo do seu processo evolutivo, tempos difíceis, cuja superação de desafios fez surgir uma sociedade democrática que, alicerçada em um governo com instituições sólidas, busca permanentemente a segurança e a paz mundial, em um ambiente harmônico e de cooperação internacional.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor w zamieszczonym tekście dokonuje szkicowego przedstawienia historii Polski 966 r., kiedy książę Mieszko I przyjął chrzest, aż po współczesność. Według autora dzisiejsza Polska jest krajem dumnym ze swoich tradycji, historii i tysiącletniego dziedzictwa kulturowego. Polska, która doznała w swojej historii również momentów trudnych i bolesnych, wprowadziła system demokratyczny i jest zatroskana o bezpieczeństwo i pokój we współczesnym świecie.

BATALHA DE MONTE CASSINO: 75º ANIVERSÁRIO DA GRANDE VITÓRIA DAS TROPAS POLONESAS

*Israel BLAJBERG**

Iniciada em janeiro de 1944, após 123 dias de luta, terminou em 18 de maio de 1944, tendo sido um dos combates mais violentos da Segunda Guerra Mundial. A Batalha de Monte Cassino, também conhecida como a Batalha de Roma, teve a participação do II Corpo Polonês, sob o comando do General Władysław Anders, lutando lado a lado com soldados americanos, britânicos, neozelandeses, indianos e franceses.

No dia 18 de maio, às 9h45, uma patrulha do 12º Regimento de Lanceiros Podolski do II Corpo Polonês chegou às ruínas de Monte Cassino, hasteando a bandeira polonesa junto com a Union Jack no alto da montanha.

O mosteiro de Monte Cassino foi reduzido a escombros pelos bombardeios aliados, sendo reconstruído dez anos depois. Até hoje as cruzes e estrelas de David no cemitério militar polonês na encosta ao pé da montanha testemunham o preço pago pela vitória. Décadas depois, o Gen. Anders também foi sepultado no local, conforme vontade expressa em seu testamento, de repousar entre seus soldados.

Soldados Polono brasileiros também estiveram lá, sendo que hoje nenhum está mais aqui entre nós. Assim como a FEB, o II Corpo integrou o 8o. Exército britânico.

* Engenheiro, professor e tradutor. Jornalista e conferencista sobre temática brasileira, polonesa, judaica.

As tropas polonesas desempenharam um papel fundamental na batalha. Dentre os 54 mil soldados aliados que fizeram o sacrifício supremo da própria vida, 923 soldados poloneses tombaram, 2.931 ficaram feridos e 345 foram dados como desaparecidos em ação. Alguns dias após a vitória em Monte Cassino, as tropas aliadas romperam a Linha Gustav ao longo de toda a sua extensão.

Em 14 de junho de 1944, as tropas americanas entraram em Roma. Era o V Exército americano, sob o comando do Gen. Mark Clark, ao qual a FEB se incorporaria um mês depois, em 16 julho 1944.

RESUMO – STRESZCZENIE

W obecnym roku mija 75 rocznica bitwy pod Monte Cassino, gdzie polscy żołnierze walczyli o jego zdobycie. Dzięki ich zwycięstwu nad Niemcami została otwarta droga do Rzymu dla wojsk alianckich.

A IMPONENTE OBRA MISSIONÁRIA E CULTURAL DO PADRE GÓRAL

*Mariano KAWKA**

Há sessenta anos, no dia 14 de maio de 1959, falecia o Pe. José Joaquim Góral, ilustre membro da Congregação da Missão, que passou quase meio século da sua vida desenvolvendo profícua atividade missionária e cultural no Brasil.

Dez anos antes, no dia 23 de julho de 1949, a então Vice-Província polonesa da Congregação dos Padres Vicentinos no Brasil havia comemorado com grande solenidade o jubileu de ouro de um dos seus membros mais proeminentes, o Pe. Góral, que pelo seu trabalho e zelo trouxe orgulho à Congregação a que pertenceu.

O ilustre vicentino nasceu no dia 3 de setembro de 1873 em Królewska Wieś, perto de Pelplin, na Pomerânia. Realizou os estudos médios, filosóficos e teológicos no seminário dos Padres Vicentinos em Cracóvia. Foi ordenado sacerdote em 23.07.1899. Iniciou a sua atividade sacerdotal em Cracóvia, como catequista e capelão no Hospital S. Lázaro. Naquele período adoeceu de tuberculose. Foi professor de teologia e, em 1906, capelão num hospital de Lvov (que hoje se encontra na Ucrânia, mas naquela época fazia parte da Polônia). Em 1907 visitou a Palestina, a França e a Itália. Foi um dos primeiros missionários a acompanhar os emigrantes poloneses, tendo visitado os seus núcleos na Alemanha, Dinamarca, Bélgica e França. Comovido com a situação de abandono em que esses emigrados viviam, resolveu embarcar para o Brasil, onde padres poloneses da sua Congregação já trabalhavam desde 1903.

* Professor e tradutor, membro do Conselho Editorial de *Polonicus*.

Rumo ao Brasil

Dessa forma, após alguns anos de trabalho na terra natal, em 1911 o Pe. Góral viajou como missionário ao Brasil, onde trabalhou com dedicação em diversos postos, tendo deixado os vestígios indeléveis da sua virtude e do seu zelo.

Por dez anos trabalhou em Massaranduba e em Rio Vermelho, no estado de Santa Catarina. Em 1920 foi transferido para Curitiba, onde fundou o jornal bissemanal *Lud* (O Povo), do qual se tornou redator. Em 1921 assumiu as funções pastorais em Abranches, na época uma colônia polonesa nos arredores de Curitiba, paróquia em cuja direção permaneceu por 30 anos, até 1951. Ali, além do trabalho pastoral, dedicou-se à atividade cultural e editorial, exercendo ao mesmo tempo, de 1921 a 1931, as funções de diretor das Filhas da Caridade. No período de 1921 a 1932 foi também redator da revista mensal *Przyjaciół Rodziny* (Amigo da Família), editou o *Kalendarz Ludu* (Almanaque do *Lud*) e participou da organização da Sociedade *Oświata* (Educação).

Em 1939 reformou e ampliou a igreja de Abranches. Após 30 de trabalho nessa paróquia, com a idade de 78 anos se aposentou, mas continuou residindo na paróquia até o final de sua vida.

O ambiente

Sabe-se que a imensa maioria dos imigrantes poloneses que se estabeleceram no Brasil na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX (até a eclosão da Segunda Guerra Mundial) era constituída de camponeses agricultores, frequentemente com pouca ou nenhuma instrução. Os chamados intelectuais eram uma ínfima minoria (cerca de 0,5%). Entre estes, incluíam-se os padres que às vezes faziam companhia aos emigrados e lhes prestavam assistência.

Atendidas as necessidades materiais mais urgentes, nos diversos núcleos em que se estabeleciam esses imigrantes, frequentemente eles mesmos analfabetos, cuidavam de erguer uma igreja ou capela. A preocupação coletiva seguinte era abrir uma sociedade, na qual geralmente passava a funcionar uma escola para a instrução das crianças. Isso se devia à inexistência de escolas públicas a que pudessem ter acesso.

Assim, já em 1876, na colônia Órleans, foi aberta a primeira dessas escolas polonesas, cuja direção coube a Jerônimo Durski, por essa razão com justiça considerado o “Pai das escolas polonesas no Brasil”. Escolas desse tipo começaram a surgir nas diversas colônias polonesas. Os professores muitas vezes eram recrutados entre os próprios colonos que se distinguissem por um grau um pouco mais significativo de instrução.

Com o tempo o número dessas escolas polonesas se multiplicou a tal ponto que, segundo o historiador Ruy C. Wachowicz, na década de 1930 (em 1937), antes da “nacionalização” promovida pelo governo de Getúlio Vargas, o número delas chegava a 349. Na sua grande maioria essas escolas eram bilíngues, proporcionando a instrução a 12.283 crianças¹.

A partir do início do século XX começou a estabelecer-se no Brasil um grupo de intelectuais, constituído geralmente de ativistas e políticos do turbulento período daquele início de século. Estes em geral formavam um grupo de pessoas de convicções anticlericais e ideais socialistas, sendo também chamados “esquerdistas”. Ao mesmo tempo, chegam para prestar assistência aos imigrantes os Padres Vicentinos (1903), as Filhas da Caridade (1904) e as Irmãs da Sagrada Família (1906).

¹ WACHOWICZ, Ruy. C. *As escolas da colonização polonesa no Brasil*, pp. 84 e 87.

O aparecimento desses dois grupos influenciou a consolidação da vida social e cultural polonesa no sentido de lhe conferir uma organização central. No período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os esforços coletivos visavam sobretudo ao restabelecimento da independência da Polônia. Nessas condições, o esforço pela manutenção das escolas ficava marginalizado. Essa tarefa era relegada quase que exclusivamente às Filhas da Caridade e às Irmãs da Sagrada Família.

O surgimento da Polônia independente em 1918 contribuiu para a consolidação do movimento escolar e cultural em torno das duas correntes acima mencionadas. Assim, em 1920 os defensores do ensino laico fundaram em Curitiba a Sociedade de Escolas Polonesas *Kultura* (Cultura). Como reação a isso, em breve (em 1921) os Padres Vicentinos fundaram a Associação das Sociedades e Escolas Polonesas *Oświata* (Educação). Ambas as instituições tinham por objetivo promover a ação cultural e educacional no seio da comunidade polônica no Sul do Brasil. Elas se encarregavam da busca e do aperfeiçoamento dos professores, da produção de material didático etc. As divergências entre os dois grupos diziam respeito principalmente ao ensino religioso, que nas escolas orientadas pela *Kultura* era opcional e dependia da autorização da diretoria. As escolas congregadas na associação *Oświata*, sob a influência dos padres, consideravam o ensino religioso matéria obrigatória. A polêmica entre as duas facções encontrava eco nos órgãos de imprensa editados por ambas: o *Lud* (O Povo) a favor das escolas católicas, e o *Świt* (Aurora) a serviço da *Kultura*.

Ação sacerdotal incrementada

Foi no ambiente acima descrito que o Pe. Góral desenvolveu a sua ação. Ele teve participação ativa na organização da *Oświata*, entidade que chegou a presidir em 1931. Foi isso que deu alento à sua produção editorial. Boa parte de suas obras são brochuras de cunho

didático, o que demonstra o seu envolvimento com a atuação didático-pedagógica dessa instituição.

Sentindo em si a centelha do talento de escritor, logo começou a escrever artigos para o *Lud* e para o *Przyjaciół Rodziny*, bem como para jornais e revistas na Polônia e nos Estados Unidos. Além disso, através de publicações específicas, divulgou os valores cristãos entre todos. Os seus artigos e as suas orientações guiaram a muitos pelos luminosos caminhos do amor a Deus e do civismo.

Ao mesmo tempo, empenhou-se por salvar da destruição muitos documentos referentes à imigração polonesa no Brasil. Colecionava revistas, jornais, acervos documentais privados, anotações, fotografias, memórias etc. Reuniu tudo isso num acervo que deu início ao arquivo histórico dos Padres Vicentinos em Curitiba.

A vasta obra literária de um intelectual

A obra literária do Pe. Góral apresenta uma temática bastante variada, mas a página de ouro do seu trabalho na seara das letras foi sem dúvida o seu *Dicionário Português-Polonês* (1927) e o *Dicionário Polonês-Português* (1930), obra que prestou aos imigrantes um grande serviço na luta deles com as dificuldades linguísticas na nova pátria.

Entre as suas obras encontram-se ainda:

- *Zasady polskiej pisowni i interpunkcji* (Normas da ortografia e pontuação polonesa), 1922;
- *Mała gramatyka języka portugalskiego wraz z rozmówkami dla szkół i samouków* (Pequena gramática da língua portuguesa e manual de conversação para escolas e autodidatas), 1924;
- *Rozmówki polsko-portugalskie, podane z akcentem i wymową* (Manual de conversação polonês-português, com acentuação e pronúncia), 1928;
- *Św. Stanisław Kostka* (S. Estanislau Kostka), 1929;

- *Św. Tereza od Dieciątka Jezus* (Santa Teresa do Menino Jesus), 1929;
- *Srebrny jubileusz działalności Sióstr Miłosierdzia w Południowej Brazylii* (Jubileu de prata da atividade das Filhas da Caridade no Sul do Brasil), 1929;
- *Gramatyka języka portugalskiego* (Gramática da Língua Portuguesa), 1931;
- *Klucz do gramatyki portugalskiej* (Chave para a gramática portuguesa), 1932;
- *Katechizm religii katolickiej* (Catecismo da religião católica), 1932;
- *Historia Biblijna* (História Bíblica), 1932;
- *Manualik Dzieci Maryi* (Pequeno Manual das Filhas de Maria), 1935;
- *Anioł Stróż* (O Anjo da Guarda), 1937;
- *Gramática elementar da língua polonesa*, 1953.

Manifestações de reconhecimento

No dia 23 de julho de 1949, no bairro de Abranches, em Curitiba, onde continuou atuando desde a sua vinda ao Paraná, o Pe. Góral comemorou o jubileu de ouro de sua ordenação sacerdotal. A inusitada solenidade, preparada com incomum reverência pelo seu colaborador Pe. Simão Sojka, pelo Comitê paroquial e pelas Filhas da Caridade, foi uma justa homenagem às virtudes do homenageado, mas também uma manifestação de profundos sentimentos religiosos.

De acordo com um relato desse evento publicado pelo jornal *Lud*, a Missa solene, presidida pelo aniversariante, com a assistência de outros padres Vicentinos, foi o ponto culminante da homenagem. Na ocasião foram pronunciados dois sermões: em português pelo Pe. João Pałka, e em polonês pelo Pe. Estanislau Porzycki. A celebração foi abrilhantada pelo coral dos seminaristas, dirigido pelo Pe. José Zajac. Além dos religiosos citados, participaram também, em número

significativo, padres seculares, com o monsenhor Lamartine Correia de Miranda representando o arcebispo metropolitano, além de representantes dos padres capuchinhos e dos irmãos maristas. No final da celebração, o aniversariante concedeu a todos a sua solene bênção. Após a celebração religiosa, houve uma sessão solene na sociedade local e um almoço oferecido pelo comitê da igreja. À noite houve um outro banquete, para o comitê e para membros ilustres da colônia polonesa especialmente convidados, como o deputado estadual Bronislau Ostoja Roguski, o Dr. Edvino Tempski, o industrial Francisco Lachowski etc.²

As comemorações do jubileu também repercutiram na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, onde o deputado Roguski pronunciou um discurso em homenagem ao “Venerando Pároco de Abranches”. Em seu discurso, o deputado polônico destacou: “A missão cultural de que estava imbuído o insigne sacerdote frutificou em obras notáveis, de valor inestimável para aqueles que desejarem conhecer ou aprofundar seus estudos sobre a língua polonesa, ou, para os que, sendo brasileiros ou conhecendo o idioma de Camões, quiserem aprofundar a língua [...] de Mickiewicz e Chopin”³.

O deputado polônico concluiu o seu discurso solicitando que fosse consignado na ata dos trabalhos daquela data “um voto de congratulações pelo transcurso do jubileu de ordenação do venerando sacerdote – Padre José Joaquim Góral – [...] ilustrado autor de valiosas obras de aproximação cultural polono-brasileira [...]”⁴.

Tais manifestações de reconhecimento ocorreram exatamente dez anos antes da morte do Pe. Góral. Ele faleceu em Abranches, em 14 de julho de 1959, aos 86 anos de idade, 48 dos quais dedicados à

² *Lud*, n. 30 (135), de 27/07/1949, p. 1.

³ *Lud* n. 32 (137), de 10/08/1949, p. 1.

⁴ *Ibidem*, p. 5.

vida missionária no Brasil. Dentro de alguns dias completaria os 60 anos de ordenação sacerdotal.

A cidade de Curitiba quis perpetuar a memória desse filho de S. Vicente de Paulo, dando o seu nome a uma das ruas no bairro de Abranches, por ocasião do centenário da imigração polonesa ao Paraná, no dia 29/07/1970.

As homenagens citadas e outras expressões de reconhecimento conferem destaque à figura de um sacerdote que, nascido na Polônia, mas que cumpriu a maior parte da sua missão da vida no Brasil, foi capaz de construir pontes e vínculos de valor inestimável para a aproximação dos dois países e de valorizar a cultura de ambos, principalmente pelo cultivo dos valores religiosos e pela preocupação com a competência linguística.

Bibliografia

BIERNASKI, Lourenço. *Quem foram, o que fizeram esses missionários...* Curitiba: Gráfica Vicentina Editora, 2003.

LUD n. 30 (135), 27/07/1949.

MALCZEWSKI, Zdzislaw; Wachowicz, Ruy C. *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba: Vicentina, 2000.

ROGUSKI, Bronislau Ostoja. Jubileu sacerdotal do venerando pároco de Abranches. *Lud*, n. 32 (137), 10/08/1949.

URBAŃSKI, Edmund Stefan. *Sylwetki polskie w Ameryce Łacińskiej w XX i XX wieku*, t. I. Stevens Point: Artex Publishing Inc., 1991.

WACHOWICZ, Ruy. C. As escolas da colonização polonesa no Brasil. *Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa*, vol. II. Curitiba: Imprimax Ltda., 1970.

RESUMO – STRESZCZENIE

Artykuł przedstawia sylwetkę ks. Józefa Joachima Górala (1873-1959), członka Zgromadzenia Księża Misjonarzy św. Wincentego a Paulo, którzy w 1903 r., przybywając z Krakowa, dali początek swojej posłudze wśród emigrantów polskich w południowej Brazylii. Ks. Góral wyjechał jako misjonarz do Brazylii w 1911 r. i spędził w tym kraju 48 lat swojego pracowitego życia. Oprócz posługi duszpasterskiej rodakom, odznaczył się jako wychowawca i pisarz. Napisał szereg prac, spośród których najbardziej znany jest jego Słownik portugalsko-polski (1927) i Słownik polsko-portugalski (1930). Należy do grona najbardziej zasłużonych członków Zgromadzenia Księża Misjonarzy, którzy obecnie posiadają w południowej Brazylii swoją tzw. Prowincję Południową.

A PRESENÇA CAPUCHINHA E A POLONIDADE NO RIO GRANDE DO SUL

*Cláudio da COSTA**

Para muitos brasileiros, o ano de 2018 pode ser considerado somente mais um, com os previstos aumentos de impostos, feriados, contas a pagar, etc. Para outros tantos, um ano marcado por greves, constante disputa política, abusos do poder público, enfim, um ano de eleições. Por outro lado, há uma modesta parcela da sociedade brasileira, os polônicos – brasileiros de origem polonesa –, para os quais este é um ano especial. Momento de celebrar os 100 anos da reconquista da independência da Polônia.

O objetivo do presente texto é refletir sobre a atuação dos religiosos Capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul enquanto militantes da polonidade – identidade polonesa no Brasil –, por meio da exposição de suas atividades, mostrar como contribuíram para que a polonidade se mantivesse viva. Antes disso, há primeiro que historiar acerca da história polonesa, já que grande parte da população brasileira toma conhecimento do dito país somente pela sua inserção na História, como um dos principais palcos da terrível II Guerra Mundial.

A história polonesa tem como marco inicial o ano de 966, quando, pela conversão ao Cristianismo, adotada pelo mandatário Mieszko I, juntamente com as populações habitantes das cercanias do Rio Vístula, o país entrou para o “círculo da cultura ocidental”

* Mestre em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

(WRÓBEL, 2012, p. 07). A independência da Polônia, desde o início tratou-se de uma questão conturbada. Os reis poloneses ao longo do tempo envolveram-se em muitas guerras, por vezes anexando territórios e noutras perdendo suas recentes conquistas.

A paz com os reinos vizinhos era difícil, principalmente pela localização estratégica da Polônia, como elo terrestre entre o que hoje chamamos de Europa Central e Leste Europeu, além do acesso ao Mar Báltico. O relevo da Polônia não oferece grandes defesas naturais, sendo formado majoritariamente por planícies, fator facilitador para os invasores, além da produtividade da terra incitar a disputa pelos territórios (WESOŁOWSKA, 2012).

Despendendo muitos esforços, a nação polonesa, no período conhecida como República das Duas Nações (Polônia e Lituânia), vivia um florescimento cultural, e conseguiu segurar os territórios originais até por volta de 1772, quando os impérios vizinhos (Áustria, Prússia e Rússia) acordaram em abocanhar cada qual uma fração do território polonês. Nisso a “República perdeu 30% de seu território” (WRÓBEL, 2012, p. 16). A fim de evitar a “liquidação do país independente”, iniciou-se uma série de reformas estruturais, culminando na aprovação da Carta Magna polonesa¹ no dia 3 de maio de 1791. Posteriormente chamada de “Constituição de 3 de Maio”, documento pioneiro na Europa, que introduziu o princípio de Montesquieu da separação dos três poderes – judiciário, legislativo e executivo. (Ibid., p. 16-17).

Os rumores da nova organização do país ericaram as potências vizinhas. O medo de ver a Polónia reerguida levou os impérios vizinhos a intervirem uma segunda vez, e em 1793 a Polónia foi repartida novamente. O período foi marcado por diversas revoltas contra os invasores, onde se destacou a liderança do general Tadeusz

¹ Cf.: DILL, 2003, p. 05.

Kosciuszko². Após a prisão do líder “rebelde” pelos russos, em 1794, os impérios da Áustria, Prússia e Rússia, em 1795, dividiram o restante do território da Polônia entre si. A Polônia é riscada dos documentos cartográficos (mapas) e assim os invasores pensaram que seria para sempre (Ibid., p. 17-24).

Ao todo, foram 123 anos de cativo. O país reconquistou a independência somente no final da I Guerra Mundial, em 1918. Durante a primeira metade do século XIX da história polonesa, ocorreram diversas insurreições de cidadãos e principalmente por parte dos trabalhadores do campo. A opressão era tamanha em algumas regiões (sob dominação prussiana e russa) que a emigração apresentou-se como uma “fuga”. A segunda metade do século XIX caracterizou-se pela emigração em massa. Um dos destinos preferidos foi o Brasil, país que recebeu os primeiros imigrantes poloneses por volta de 1869-1870 (MARIN, 2014, p. 42-47; 57-60).

A missão da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap) no Rio Grande do Sul (RS) iniciou em janeiro de 1896 na sede da Colônia Conde D’Eu, atual cidade de Garibaldi. Provenientes da região de Sabóia (França) chegaram os freis missionários Bruno de Gillonnay e Leão de Montsapey, a fim de prover atendimento religioso às colônias italianas. Após fazer um reconhecimento da situação dos imigrantes na Colônia Conde d’Eu, averiguaram as colônias vizinhas – “Princesa Isabel” (Bento Gonçalves) e a “Colônia Caxias” (Campo dos Bugres). Pensando em garantir o sucesso da missão, de pronto trataram de recrutar jovens candidatos para a vida religiosa. Recebendo reforços da França, fundaram o Seminário Seráfico em Garibaldi dois anos após a chegada, em 1898. Neste mesmo ano, Frei Bruno convenceu a Província da Sabóia a transferir o curso de Filosofia e Teologia do Líbano para a nova missão no Brasil. No ano de 1902 “chegou a notícia de que a Missão do Rio Grande do

² Cf.: SCHILING, [s.d.], p. 13-16.

Sul havia sido elevada a Comissariado Provincial”, mostrando-se promissora. Porém, a missão capuchinha no RS só seria elevada ao título de Província Sagrado Coração de Jesus décadas mais tarde, em 1942, quando a instalação da Ordem já estava consolidada (MOLON, 2014, p. 05-09).

Pouco tempo depois do reconhecimento inicial da região em que iriam atuar, Frei Bruno de Gillonnay teria recebido uma carta do missionário jesuíta Pe. José von Lassberg³, advertindo-o de que em meio a tantos imigrantes italianos havia também imigrantes poloneses e que estes se encontravam em estado de abandono às margens do Rio das Antas. Sugerindo que fosse enviado um missionário capuchinho para atender tal contingente de fiéis, já que, mesmo na ausência de sacerdotes, reuniam-se para festejar os dias santos, praticar os sacramentos e rezar em sua língua materna. (WONSOWSKI, 1976, p. 33). As palavras do padre Lassberg ao passar pela região traduzem que a fé era o que lhes restava naqueles inóspitos barrancos: “Se a Religião não tivesse raízes tão profundas no coração dos poloneses, a queda seria ainda mais abismal e nunca eles me teriam aceito como o fizeram” (RABUSKE, 1978, p. 107).

Para os missionários franceses que atuavam na época, a comunicação fora da liturgia não era um problema com os italianos, pois sabiam o idioma destes. No caso dos poloneses, como de costume

³ Veio ao Brasil em 1897, para a cidade de Lajeado - RS para prestar atendimento aos imigrantes alemães. Porém, como era um poliglota, lhe foi permitido percorrer as colônias italianas e polonesas a fim de prover atendimento religioso como missionário itinerante. Lutou pelos imigrantes italianos e poloneses, a esses últimos em especial, já que havia estudado dois anos na Polônia. Provavelmente, tenha tido contato, durante esse período, com Frei Honorato Jedlinski, motivo de tê-lo indicado como candidato à missão Capuchinha no RS. (RABUSKE, 1978, p. 93-114; WONSOWSKI, 1976, p. 32).

antes do Concílio Vaticano II⁴, estes participavam da missa em latim sem nenhum problema. Mas a comunicação diária era um empecilho aos missionários, pois a língua polonesa lhes era de total desconhecimento. Estas foram as principais motivações pelas quais, em agosto de 1901, a pedido de Frei Bruno, chega ao RS o primeiro frade polonês, o “capuchinho da Galícia” – Frei Honorato Jedlinski (PAX ET BONUM, 2011, p. 253).

Francisco Victor Jedlinski (★03/11/1869 – †01/09/1952), natural de Przemysl, Polônia, filho de Casimiro Jedlinski e Paulina Malankiewicz, também conhecido pelo nome religioso de Frei Honorato, foi o primeiro capuchinho polonês a prestar atendimento religioso aos imigrantes poloneses no RS. “Um missionário incansável” que teve como meta alimentar a fé entre seus conterrâneos aqui radicados. Entre suas benfeitorias destaca-se a fundação de 25 escolas nos municípios de Veranópolis, Nova Prata, Mariana Pimentel, Nova Bassano, Antônio Prado, Guaporé, Vespasiano Corrêa, Dom Feliciano, São Marcos, Porto Alegre e Pelotas. (PAX ET BONUM, 2011, p. 253; STAWINSKI, 1976, p. 94; MARIN, 2014, p. 61). Em algumas localidades, além de prestar atendimento religioso durante suas visitas, mobilizou os imigrantes poloneses a organizarem-se em comunidade, auxiliando na construção de capelas (WONSOWSKI, 1976, p. 30). A influência junto a seus patrícios se deu, por vezes, de forma ordeira e voluntária, e por outras:

Foi resolvido na assembleia geral que as famílias polonesas da Capela de São Casemiro que

⁴ Importante reforma da liturgia da Igreja Católica. Entre as mudanças, em especial as celebrações passaram a ser realizadas na língua vernácula de cada local e não mais em latim. (Encíclica de JOÃO XXIII. Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a sagrada liturgia. Roma, 1956).

desejam assistência espiritual na Capela Mãe de Deus de Czestochowa, pela estada do sacerdote, devem depositar em mãos dos fabriqueiros 2000 réis por cada assistência espiritual e isso sem privilégio de ninguém do grupo. Assim, até que não se organizem em própria comunidade de sua Capela, nenhuma família da Capela de São Casemiro pode ser aceita como sócia nesta capela da Mãe de Deus de Czestochowa (KOZOWSKI, 2006, p. 30).

As palavras de Frei Honorato, registradas em ata durante reunião da comunidade do interior de Bento Gonçalves, na Capela Mãe de Deus de Czestochowa, datam de 1905. A postura do frade se apresenta, segundo Kozowski (2006), de forma a forçar a Capela de São Casemiro, situada do outro lado do Rio das Antas, atualmente Cotiporã - RS, a se organizar enquanto comunidade de uma vez por todas.

Frei Honorato também é lembrado por ter regularizado inúmeros casamentos e ter promovido a paz entre os núcleos de imigrantes por onde passou. (PAX ET BONUM, 2011, p. 253). Acredita-se que uma das questões de desavença entre os imigrantes foi a questão dos lotes de terra. Os primeiros a chegar receberam os melhores lotes. Conforme foram chegando outras levas de imigrantes, estes foram tendo de se contentar com o que restava, frações de terras menores e mais acidentadas. A população era crescente nas colônias, não havendo lotes suficientes para os filhos que casavam. Este foi um dos motivos que culminou na reemigração da maioria dos poloneses da Serra Gaúcha para outros lugares do estado. (STAWINSKI, 1976, p. 39-40, 119).

Outro possível motivo de desavença, da necessidade de buscar a paz entre os imigrantes poloneses, era pelas “divergências culturais existentes entre os grupos de poloneses emigrantes”. (COSTA, 2018, p. 35). Cabe lembrar que muitos vieram de diferentes

regiões da Polônia, falando não só vertentes diferentes da mesma língua, mas também possuíam variações nos costumes. A Polônia, na época, sofria influências culturais de três diferentes potências (Áustria, Prússia e Rússia). Uma das saídas encontradas por Frei Honorato Jedlinski para promover “o bom relacionamento” entre seus patrícios foi a da mediação religiosa aliada à música. “Conhecedor da alma polonesa, ensinou uma série de canções de cunho popular, sentimental e patriótico” assim como alimentou o costume de divertir-se em família (STAWINSKI, 1976, p. 92).

Sua forma de atuação pastoral, de caráter alegre e festivo, nem sempre foi interpretado com bons olhos pelos imigrantes, que achavam um tanto estranho um padre promover confraternizações que fugissem da rigidez litúrgica a que estavam habituados, motivações pelas quais foi acusado de ser profano e promover encontros de tal natureza. Julgado e considerado inocente, em 1902, não se deixou abater pelas acusações, continuando seu trabalho pastoral, que durou até inícios de 1906, quando regressou à Polônia (STAWINSKI, 1976, p. 92-93).

Mesmo após a saída do capuchinho Frei Honorato do Brasil, as comunidades polonesas do RS continuaram seguindo as suas orientações. Surgiram novos frades que desempenharam papéis de liderança entre os polônicos. Em mais de 100 anos de atuação capuchinha, destacaram-se quatro como os mais atuantes: Frei Ladislau Berehula, Frei João Wonsowski, Frei Adão Urbano Koakoski e Frei Alberto Stawinski. Este último o que mais se destacou na militância polônica.

Alexandre Berehula (★01/04/1885 – †12/08/1941), natural de Lwów - Polônia, emigrou para o Brasil com 11 anos de idade, juntamente com os pais, Theodorus Berehula e Anna Stachow, que se fixaram em Erechim - RS. O noviço ingressou na Escola Seráfica de Garibaldi em 1900. “Sempre se considerou polonês” e atendia pelo nome religioso de Frei Ladislau. Trabalhou em Sananduva, Porto Alegre, Paim Filho e Garibaldi na função de vigário paroquial. Era

tido como “bom conselheiro” pelos fiéis das comunidades polonesas de Faria Lemos (Bento Gonçalves), Nova Prata, Veranópolis e Casca, principais locais onde prestou atendimento espiritual (PAX ET BONUM, 2011, p. 231-232; STAWINSKI, 1976, p. 96).

João Ladislau Wonsowski (★25/08/1891 – 28/10/1964), natural de Veranópolis - RS, conhecido pelo nome religioso de Frei Paulo, filho de Casimiro Wonsowski e Joana Wisniewska, trabalhou em Veranópolis, Marau, Ipê, Ijuí, Flores da Cunha e Getúlio Vargas como formador, professor e diretor. Era um amante da vida no campo e do contato com a natureza. Dedicou-se a difundir técnicas agrícolas aos colonos. Foi “colaborador do *Correio Riograndense* e do jornal polonês *Lud*”. Deixou como legado uma monografia escrita em polonês, posteriormente anotada e traduzida por Frei Alberto Stawinski para o português, intitulada *Nos Peraus do Rio das Antas*⁵, importante obra que aborda aspectos da vida dos imigrantes poloneses em Alfredo Chaves (atual cidade de Veranópolis) em seus primórdios. A escrita baseia-se na vivência que teve visitando as famílias polonesas instaladas nas encostas do Rio das Antas, locais que percorria “a cavalo, de canoa ou a pé” (Ibid., p. 303).

Adão Urbano Koakoski (★19/12/1924 – †07/10/2010), natural de Vista Alegre do Prata - RS, filho de Francisco Koakoski e Mariana Grzebielucka Koakoski, adotou o nome de Frei Estanislau. Era licenciado e bacharelado em “Letras Clássicas” pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Foi diretor, secretário, professor, além de desenvolver trabalhos como capelão em diversos hospitais de Porto Alegre. De sua trajetória, destaca-se a atuação em prol da educação na cidade de Ijuí, onde contribuiu na “Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado” (FIDENE), lutando pela instalação da rede de ensino superior na região. “Foi condecorado pelo Consulado da Polônia

⁵ Cf.: WONSOWSKI, 1976.

Popular, de Curitiba, pelo trabalho de fortalecer os elos entre os imigrantes poloneses e a pátria mãe”. (Ibid., p. 284).

Victor Stawinski (★10/08/1909 – †28/05/1991), natural de São Marcos - RS, filho de Francisco Stawinski e Otília Strzelecki, conhecido pelo nome religioso de Frei Alberto. Entrou para o Seminário Seráfico de Veranópolis com 11 anos de idade, “fez o noviciado em Flores da Cunha” em 1925, e foi “ordenado presbítero por Dom João Becker” em 1933. Um ano após, assumiu o primeiro cargo como padre. Foi enviado à cidade de Sananduva para ser vigário paroquial, função que exerceu por dois anos. Em 1936, mudou-se para Veranópolis, assumindo as atribuições de reitor do Seminário Seráfico São José, vigário conventual e professor. Lecionou Filosofia, Religião, Música e diversas línguas. Em 1942, em Veranópolis, também lhe foi atribuído o cargo de Definidor Provincial e guardião do convento, atividades que exerceu juntamente com os cargos de reitor e professor. Meses após o término da II Guerra Mundial, em 18 de dezembro de 1945 foi o primeiro a ser eleito para o cargo de Ministro Provincial dos capuchinhos do RS. Mudou-se de Veranópolis para a cidade sede da Província, Caxias do Sul. Antes de entregar o cargo de Provincial, função que exerceu no triênio de 1945-1948, fez no último ano sua primeira viagem a Europa a fim de visitar confrades missionários gaúchos em Portugal e confrades na Sabóia, em especial por ter sido convocado para audiência com a Sua Santidade da época, Papa Pio XII.⁶

De volta ao Brasil, mudou-se para Porto Alegre e assumiu, em 1949, a paróquia Santo Antônio do Partenon. Juntamente com a função de pároco foi também capelão das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida (Aparecidinhas). Em 1952, foi enviado à

⁶ Informações obtidas do registro interno de atividades dos frades, Frei Alberto Stawinski. Arquivo da Secretária Provincial dos Capuchinhos do RS. Caxias do Sul: OFM-CAP/RS, [s.d.], FICHA, 01 p.; PAX ET BONUM, 2011, p. 161-162.

cidade de Camaquã, assumindo a capelania da Escola Normal São João Batista, na qual lecionou História da Educação e Filosofia, além de cooperar na paróquia e orientar a formação das Irmãs Bernardinas. Sua atuação em Camaquã durou cinco anos, e em 1957 voltou a morar em Porto Alegre a fim de ocupar os cargos de professor de Filosofia e capelão do Colégio Sévigne. Durante este período também assumiu a presidência da Conferência dos Religiosos do Brasil no RS (CRB-RS) (Idem).

Em 1961, voltou a Veranópolis como Definidor Provincial, além de reassumir os cargos de reitor e professor no Seminário Seráfico. Porém, mais uma vez seria somente de passagem. Em 1964, volta a Porto Alegre para ser guardião do Convento São Lourenço de Brindes e dirigir o 5º ano do curso de Teologia. Nesta mesma fase, acercou-se dos assuntos envolvendo a montagem da TV Difusora e no ano seguinte, 1965, foi aos Estados Unidos a serviço da TV Difusora dos Freis Capuchinhos a fim de arrecadar fundos e tecnologia para a execução do projeto. Morou em Nova Iorque (EUA) de 1965 a 1967 (Idem). É digno de nota lembrar que nesse período o Brasil passava pelos seus primeiros anos de ditadura militar, momento quando se fez por demais interessante buscar novas formas da comunicação em massa, além do rádio, no intuito de propagandear os “avanços” que o regime militar estava promovendo, melhor dizendo, os retrocessos humanísticos mascarados pelos avanços tecnológicos. Os contatos estabelecidos por Frei Alberto durante tal estada frutificaram a ponto de colocar a TV Difusora Porto Alegrense na História da Telecomunicação Brasileira, culminando na primeira transmissão em cores do país em fevereiro de 1972, ao transmitir com toda pompa a presença de militares e figuras ilustres durante a Festa da Uva da cidade de Caxias do Sul.

Ao regressar ao Brasil, em novembro de 1967, foi enviado para a cidade de Marau a fim de lecionar aos estudantes e dirigir o Seminário Seráfico São Boaventura, função que exerceu por pouco tempo. No ano seguinte, 1968, voltou a Veranópolis. Aproveitando a

fluência na Língua Inglesa, adquirida em sua estada no estrangeiro, lecionou Língua Inglesa, além de Liturgia, a todas as séries de estudantes do Seminário Seráfico de Veranópolis. O caráter itinerante que marcou a vida religiosa de Frei Alberto se modificou a partir de 1971, quando foi incumbido de organizar o Instituto Histórico dos Capuchinhos do RS e compilar a História da Província.⁷

Em 1972, faz uma nova viagem à Europa a fim de pesquisar sobre a Missão dos Capuchinhos no RS nos arquivos da Província de Sabóia (França). Desta vez pode conhecer a pátria mãe pela qual por tanto tempo militou e incentivou o apeço no coração de tantos brasileiros – a Polônia. Sua estada no país durou cerca de um mês e teve como percurso a passagem por diversas cidades. Conheceu desde a região sul aos pés dos Montes Tatras, à região norte, banhada pelo Mar Báltico, a capital Varsóvia e a histórica Cracóvia, entre outras. Momentos em que visitou os conventos capuchinhos e estudou a situação da Igreja Católica no país.⁸

Na cidade vizinha de Cracóvia, Nowa Huta, graças à sua fluência na língua polonesa, teve a oportunidade de concelebrar uma missa na primeira igreja, ainda em construção, da cidade “forjada para servir de cidade operária modelo”, conhecida como “cidade símbolo do comunismo” (ZAMOYSKI, 2010, p. 322). A Polônia vivia neste período no regime comunista e a conclusão da “construção da primeira igreja, Arka Pana (Arca do Senhor), em 1977, demonstrava que o fator religioso assemblado à identidade nacional eram presságios de novos tempos”. A construção de um templo significava, antes de tudo, uma afronta ao regime político vigente. Os novos tempos consolidaram-se com a eleição de um polonês ao mais alto cargo dentro da hierarquia da Igreja Católica. Em 1978, o polonês

⁷ Informações obtidas da autobiografia. Fundo Frei Alberto Victor Stawinski. Arquivo do Museu dos Capuchinhos (MUSCAP). [s.d.], 03 p.

⁸ Idem.

Karol Wojtyła é eleito Papa, conhecido como João Paulo II (COSTA, 2018, p. 38-39). Frei Alberto regressou ao Brasil e mudou-se para Caxias do Sul, dessa vez de forma definitiva, a fim de seguir o trabalho no Instituto Histórico⁹ dos Capuchinhos do RS. A partir de 1984, também ocupou o cargo de Juiz do Tribunal Eclesiástico de Porto Alegre, funções que exerceu até o fim de sua vida.

Alberto Victor Stawinski, como era também conhecido, desde a juventude dedicou-se a militar em prol da polonidade, motivo pelo qual até hoje é lembrado pela comunidade polonesa do Brasil. Durante sua passagem pela cidade de Camaquã - RS dirigiu um programa religioso em polonês no rádio e em Porto Alegre, por diversas vezes pregou novenas na Igreja de Nossa Senhora de Monte Claro, assim como desenvolveu atividades polônicas em outros locais. Mas foi a partir dos anos de 1970 que intensificou seu trabalho de produção intelectual em prol da polonidade. Somente na década de 1970 publicou três livros sobre a imigração polonesa, além de proferir diversas palestras e organizar encontros.¹⁰

Seu livro *Primórdios da imigração polonesa no RS*¹¹ é considerado um clássico sobre a problemática da imigração polonesa no Brasil. A presente obra foi lançada no ano seguinte ao Centenário da Imigração Polonesa no RS (1975). O empenho junto ao comitê do centenário e a publicação do livro renderam a ele a “Medalha de Ouro” pelo governo do Estado por suas contribuições à cultura. Os dois outros livros sobre imigração polonesa, publicados na mesma década, foram - *Josué Bardin: História e religião das colônias polonesas*¹² e a tradução para o português da monografia *Nos Peraus do Rio das Antas*¹³. Dentre suas

⁹ O Instituto Histórico dos Capuchinhos do RS, por motivações internas, nunca chegou a ser oficializado publicamente.

¹⁰ Op. cit.

¹¹ Cf.: STAWINSKI, 1976.

¹² Cf.: STAWINSKI, 1981.

¹³ Cf.: WONSOWSKI, 1976.

traduções do polonês para o português há de destacar uma coleção de cantos natalinos (*Koleđy*), os quais mimeografava e distribuía aos interessados. Outra importante tradução do polonês foi o livro *Conheci o bem-aventurado Maximiliano Maria Kolbe*¹⁴, além de outros textos.¹⁵

Deixou um legado não só para os brasileiros de origem polonesa, mas inclusive para a história da imigração no RS, como um todo. Amante de diversas manifestações culturais, falava seis línguas estrangeiras (grego, latim, inglês, polonês, italiano e francês), além do vernáculo (português). Como última obra publicada em vida, presenteou com o *Dicionário Vêneto Sul-Riograndense/Português*¹⁶, pelo qual veio a receber, em 1988, o troféu “Caxias 112” pelos serviços prestados à cultura regional.¹⁷ Lembrado pela Ordem como um frade de “rara fidelidade”, “rígido e exigente na juventude, terno e amável na velhice”, um servo fraterno que anunciou, testemunhou e encarnou o “carisma capuchinho” de forma exemplar. O amor “à Igreja e ao povo polonês marcaram seus princípios de vida” (PAX ET BONUM, 2011, p. 162).

Por meio da análise das trajetórias dos religiosos capuchinhos junto às comunidades polonesas do RS, conclui-se que sua atuação promoveu a restituição da identidade do grupo. Suas atuações enquanto lideranças proporcionaram a manutenção da religiosidade e a promoção da polonidade por meio das visitas pastorais e trabalho de reaproximação com a cultura original, como no caso do Frei Jedlinski, que se empenhou em ensinar música aos imigrantes, ou o trabalho de preservação da memória desempenhado por Frei Wonsowski, e a compilação histórica de Frei Stawinski.

¹⁴ Cf.: MŁODOŻENIEC, 1980.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Cf.: STAWINSKI, 1987.

¹⁷ Idem.

Referências

COSTA, Cláudio. *Uma representação polônica pela materialidade*. Dissertação de Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Caxias do Sul – UCS. Caxias do Sul; 2018. 134 f.

DILL, Aidê Campélllo. *Constituição de 1791 – Uma nova era*. Nova Prata: BRASPOL/Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2003, p. 04-09.

KOZOWSKI, Victor Inácio. *Os poloneses da Colônia de Alfredo Chaves/Guaporé*. Bento Gonçalves: Ed. do autor, 2006, 283 p.

MARIN, Iraci José. *Imigrantes poloneses afundados num mar italiano*. Caxias do Sul: Ed. Maneco, 2014, 180 p.

MŁODOŻENIEC, Juventino Maria. *Conheci o bem-aventurado Maximiliano Maria Kolbe: o homem que deu a vida pelo próximo*. Franciscanos Conventuais: Brasília, 1980, 233 P.

MOLON, Moacir Pedro. *Trajetória dos Capuchinhos no Rio Grande do Sul*. In: *Revista Le Musée*. Caxias do Sul: MUSCAP. Ano I; Nº 01, 2014, p. 05-09.

PAX ET BONUM. *Celebrar a Vida – Órgão Oficial da Província Sagrado Coração de Jesus - Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Ano 59; Nº 204, agosto de 2011, 13ª Ed., REVISTA. 408 p.

RABUSKE, Arthur. *Os inícios da colônia italiana do Rio Grande do Sul em escritos de jesuítas alemães*. Caxias do Sul/Porto Alegre: UCS/EST, 1978, 126 p.

SCHILING, Voltaire. *Polônia: A luta pela liberdade*. Cadernos de História; Memorial do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Gráfica do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, [s.d.], 30 p.

STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875 - 1975)*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS, 1976. 256 p.

_____. *Dicionário Vêneto Sul-Riograndense/Português*. Porto Alegre: EST; 1987. 322 p.

STAWINSKI, Alberto Victor; BUSATTA, Félix F. *Josué Bardin: História e religião das colônias polonesas*. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS, 1981. 112 p.

WEBER, Regina. Agentes e intelectuais étnicos entre os poloneses. In: *Tempos Históricos*. Vol.19; UFP, 2015, p. 253-273.

_____. Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações. In: *Revista Diálogos*. UEM: Maringá. Vol.18; Nº 2, mai/ago, 2014, p. 703-733.

WESOŁOWSKA, Alicja. *Polska w oczach geografa* (Polônia no olhar do Geógrafo). Warszawa: Wspólnota Polska, 2012, 28 p.

WONSOWSKI, João Ladislau. *Nos Peraus do Rio das Antas*. Caxias do Sul/Porto Alegre: EDUCS/EST, 1976, 78 p.

WRÓBEL, Roman. *Historia Polski w kilku odstępach* (História da Polônia em várias cenas). Warszawa: Wspólnota Polska, 2012, 32 p.

ZAMOYSKI, Adam. *História da Polônia*. Lisboa: Edições 70, 2010, 410 p.

RESUMO – STRESZCZENIE

Obecność kapucynów wśród polskich osadników w Rio Grande do Sul to tematyka poruszona przez autora w publikowanym powyżej artykule. W ponad stuletniej historii autor wymienia najbardziej zaangażowanych kapucynów w pracy duszpasterskiej wśród emigrantów polskich. Wymienia pierwszego kapucyna, który przybył z Polski, aby zapewnić opieką duszpasterską polskim osadnikom. Był nim O. Honorato Jedlinski. Kolejnym był również przybyły z Polski O. Władysław Berehula. Kolejni to już urodzeni w RS, ale z sercem oddani polskiej społeczności: O. João Wonsowski, O. Adão Urbano Koakoski i Alberto Stawinski. Wymienieni kapucyni nie tylko zaspakajali potrzeby religijne, ale także utwierdzali polskość wśród polskich emigrantów i ich potomków.

AGREMIÇÕES ÉTNICAS Origem, itinerário, razão de ser

Tomasz LYCHOWSKI

No final do século XIX e início do século XX, aportou ao Brasil uma grande leva de imigrantes de várias nações. Italianos, alemães, japoneses, poloneses etc. Eles vieram em busca de uma vida melhor, ou seja, saíram de uma situação de indigência e de crises em seus países. E, por isso, eram também psicologicamente fragilizados. O que os impulsionava era a esperança de dias melhores numa terra nova. Na terra prometida.

O começo era duro, difícil. Clima diferente, língua diferente, costumes diferentes. Isso os fez procurar os seus conterrâneos e fundar agremiações, onde pudessem reencontrar e cultivar as suas raízes étnicas. A sua identidade de origem. No dia a dia, o impacto do novo era muito poderoso e fazia balançar o seu equilíbrio emocional já bastante precário. Nas agremiações, eles se apoiavam mutuamente. Lá, encontravam não apenas o familiar perdido, mas também ajuda concreta. Era o seu Oásis no início da vida de imigrante.

Ao contrário de outras etnias, os poloneses chegavam ao Brasil como apátridas. Não tinham a sua representação diplomática e, portanto, não podiam contar com esse auxílio. Até 1918, a Polônia não existia como país soberano, e a partir de 1939 também não podia mais contar com essa ajuda. Com isso o papel das agremiações polonesas no Brasil era de suma e dramática importância.

À grande imigração de fins do século XIX e do início do século XX seguiu-se a que ocorreu durante e após a II Guerra Mundial. No Brasil hospitaleiro, aportavam os naufragos dos países devastados pela guerra. Já não eram apenas imigrantes, mas também refugiados de guerra, impedidos de voltar a sua pátria de origem,

dominada por um novo invasor. Além de uma opção econômica, tratava-se também de uma escolha política.

Eu era um desses imigrantes. Cheguei ao Rio de Janeiro no início de 1952, com 17 anos de idade. Tinha vindo do interior do Estado do Rio, onde meu pai tinha falecido em consequência de sua longa passagem por campos de concentração, após apenas um ano de Brasil.

Cheguei com uma pequena mala de mão e fui acolhido por nossos amigos Chmielewski. Foram eles também que, através dos Prof. Fichlowitz, me conseguiram o meu primeiro emprego no Rio. Comecei logo a frequentar a Missa polonesa em Botafogo e a participar das atividades na Sociedade Polônia. E aí, experimentei as situações acima descritas, ou seja, o contato com a língua polonesa, o convívio com os meus conterrâneos. Senti-me em casa. Entre os seus. Recebi apoio material e gestos concretos de solidariedade. Provas de amizade.

A partir daí, e de forma semelhante a muitos outros imigrantes, iniciou-se o itinerário da lenta inserção na nova realidade. Os amigos já não eram apenas poloneses, mas também brasileiros. A arte, a música e a literatura brasileiras começavam a me conquistar. Comecei a me interessar pela política de minha nova pátria. Em alguns, esse processo leva à assimilação. Eles perdem a sua identidade polonesa e se tornam neobrasileiros. Fenômeno compreensível e aceitável se o entendermos como uma fuga de um passado dramático. A tentativa de uma ruptura radical com experiências vividas durante a guerra.

O ideal, no entanto, é você estar aberto para as duas culturas, a que você trouxe e a que você recebeu de presente. E ser portador de ambas. Às vezes, isso é dificultado quando o filho de imigrantes se casa com uma brasileira e o contato com a cultura de sua origem fica mais distante. A luta diária pela sobrevivência também pode afastar desse convívio, que no início de sua vida de imigrante era de vital importância. A verdade é que, agora, você já não depende tanto desse

contato com pessoas e coisas de sua terra de origem como antigamente. E os filhos e netos de imigrantes já estão totalmente integrados à nova realidade.

Isso se espelha na evolução das agremiações étnicas. Algumas, tendo condições para tanto, se transformam em clubes recreativos, com piscinas e quadras de vôlei. E comida típica. Aquele apelo inicial não existe mais. Elas não são mais aquele elo vivo e essencial entre a terra natal e o Brasil. Mas, geralmente, o sentimento pátrio perdura na alma do imigrante e continua batendo no seu coração. Um interesse pela cultura da Polônia. Em muitos casos, no entanto, a língua pátria, que tanta importância tem para a identidade étnica, deixa de ser o veículo de comunicação natural.

Esse itinerário existencial de um imigrante acaba influenciando o itinerário das agremiações étnicas. Cobra delas uma adaptação em termos de objetivos. Um *upgrade*. Os objetivos que nortearam a fundação das agremiações étnicas nas ocasiões históricas acima citadas já não correspondem às necessidades atuais. Em primeiríssimo lugar, trata-se de uma realidade estatística totalmente diferente. Da numerosa imigração daquele tempo, sobraram poucos. As carências que impulsionavam a fundação de agremiações também não existem mais. Então, não se pode falar de objetivos iguais ao comparar as agremiações históricas e as ora existentes. A cruel realidade é a seguinte: somos um grupo étnico em extinção.

E, sendo um grupo étnico em extinção, temos de enfrentar com coragem essa dura realidade quando planejamos o futuro.

Parece-me que, apesar de tudo, a marca “Polonidade” continua intacta. A troca cultural entre a Polônia e o Brasil será sempre viável e desejável. Mesmo já não existindo como uma agremiação étnica, os bens materiais acumulados (uma belíssima sede, potencial de renda econômica), poderão servir a esse objetivo. Promover a cultura polonesa no Rio de Janeiro através de eventos e de viagens à Polônia poderá vir a ser o real e realizável objetivo de um futuro próximo. Afinal, agora já temos uma representação diplomática

que dispõe de recursos governamentais e pode facilitar bolsas de estudo na Polónia e um intercâmbio cultural mais intenso. Mundo afora, existem vários Institutos de Cultura Polonesa, e um instituto desses seria muito bem-vindo no Rio de Janeiro.

Assim, a presença polonesa nessa bela capital, sem prejuízo de sua ação beneficente, seria garantida. Não apenas para cidadãos poloneses e seus descendentes (em número cada vez menor), mas também por brasileiros que se sentem atraídos pela cultura e pela história desse país longínquo localizado às margens do rio Vístula.

Rio, 25 de março, 2019

RESUMO – STRESZCZENIE

Być emigrantem przybyłym z walizką i spotkać w obcym kraju rodaków otwartych i solidarnych jest szczególnym doświadczeniem. Tak można naszkicować wstępne zdania tekstu Tomasza Łychowskiego. Autor poprzez swoją narrację przybliży czytelnikowi społeczność polonijna w Rio de Janeiro. Niestety, pokolenie emigracyjne się kurczy. Nie ma dopływu nowej, licznej fali emigracyjnej. Bogactwo kulturowe Polonii przybliży Brazylijczykowi kraj nad Wisłą. Przyjaźń, różnorodne kontakty między Polską, a Brazylią winny się przyczyniać do jeszcze większego zbliżenia naszych krajów.

MENEGO
UM EXCERTO DO LIVRO DAS RECORDAÇÕES

Cyprian NORWID*

As fábulas vos levo, escutai, crianças!
Krasicki

Foi na primavera de 1843, na Riva degli Schiavoni ou, conforme uma inscrição ainda não apagada, na Riva degli Slavi; naquele comprido calçadão de granito rachado pelos canais verdes e ligado pelas pontes brancas, onde milhares de embarcações têm seu ancoradouro. Ali, na alvorada, em neblina, saem os pequenos barcos de pesca com as velas latinas, triangulares, em que está desenhado com a severidade bizantina São Marcos, ou Pedro, ou Paulo, ou outro apóstolo, e dá impressão de ter saído da riva e se afastando nas ondas... Ali, à luz do dia se veem as cores de Veronese, Tintoretto, Ticiano... Os turcos, gregos, armênios e diferentes eslavos, de trajas diferentes, de diferentes sotaques, passeiam observando seus navios. Ali, ao luar, os navios desaparecem na

* Cyprian Kamil Norwid (1821-1883), considerado um dos maiores poetas poloneses, foi também prosador, dramaturgo, ensaísta, pintor, escultor e filósofo. A narrativa *Menego* (publicada primeira vez em 1850) é baseada nos fatos reais ocorridos durante a estadia do poeta em Veneza, no ano de 1843, registrando o seu último passeio com um amigo, pintor Tytus Byczkowski, que no dia seguinte cometeu o suicídio.

grande escuridão, e onde a claridade lunar prateou as ondas, um machado brilhante, prendido na proa da gôndola, se define com o seu perfil denteado, depois um remador meio nu, de barrete frígido, depois uma cabina com vidro de cristal coberta de crepe, depois mais uma figura de remador, e depois o brilho da onda, repelida para a luz da lua pela guelra do remo... e assim passam as gôndolas.

Foi ali, que no ano de 1843 eu passeava com B., conversando sobre o Palácio dos Doges e os tesouros de arte nele depositados; ele duvidava que Ganimedes levado nas garras de Júpiter fosse uma obra de Fídias, e tinha razão... Depois, quando estávamos descendo já da última ponte para a Piazzetta, ele chamou a minha atenção à riqueza das invenções dos capitéis que sustentam o Palácio dos Doges, e começamos a olhar todos eles em seus detalhes... Que será a figura que sai das folhas murchas, cujo perfil amarelado se projeta na escuridão do teto?... ou aquela do elmo?... ou aquela com cintura delgada tentando desvencilhar-se da pedra... Teria sido o arquiteto a desenhá-las, ou um escultor as havia criado cada dia conforme a inspiração: ali pensando sobre o céu, ali sobre a terra, ali sobre um cidadão conhecido da República, e acolá sobre Adão e Eva, e ali sobre o patrono seu e da sua esposa, ou sobre um grande comerciante que veio do extremo Oriente de navio carregado de pau-de-cheiro e pau-de-tinta, e pedras preciosas para os carimbos do Senado da República, e de papagaios verdes para as mocinhas...

– Eu também entenderia assim – me respondeu B. –, tanto mais que as plantas dos arquitetos da antiguidade não eram desenhadas com todos os detalhes, exemplo do que vemos nos fragmentos das plantas romanas, hoje encaixadas nas paredes do Capitólio. Estas plantas são mais simples do que as figuras geométricas elementares.

– Uma incapacidade – respondi – justificada de alguma forma por Panteão, Coliséu, Fortuna Virilis, Vesta, Templo da Paz, etc. B. sorriu tristemente.

Eu continuava a minha fala:

– Se um dia forem encontradas estas plantas coloridas com tanto requinte, as que hoje enchem as exposições, será preciso cem novos Vitruvius, cem vezes mais ousados em suposições, para dar ideia aos contemporâneos de que tipo de monumentos nem os vestígios sobraram na terra! Mas aqui, olha, nada ficou perdido do verdadeiramente belo, porque tudo guarda em si uma faísca da eternidade, o amor! O edifício precisa ser belo para dar uma bela ruína. A ruína precisa ser bela, para que possa durar até o fim, até o alicerce da sua construção e a primeira disposição da planta, até a primeira pedra em que as lendas vão sentar em pesadas coroas de louro, até o fundo debaixo da pedra com as medalhas velhas guardadas em vasos e pergaminho amarelado com a descrição da ideia inicial! *Roma, quanta fuit, ipsa ruina docet.*

– Você acha, então, que nada se perde?

– Nada do que foi concebido com amor.

B. sorriu de novo. Entrávamos na praça e escurecia, e no corredor que contornava o seu quadrilátero começava uma movimentação, os cafés ficavam acesas e esperava-se a música aqui tocada a entardecer pela banda militar, geralmente composta pelos tchecos. B. me mostrou um café que costumava frequentar, como se tivesse nascido veneziano. Ali entramos. Havia poucas pessoas porque era um café bem simples. Um grego de casaca vermelha e um judeu de jeito oriental jogavam xadrez; um veneziano escrevia carta...

– Este menino me conhece, já vai vir, chama-se Dominique – e então B. o chamou: "Menego!" (o que numa abreviação veneziana deve significar *Domenico*).

Trouxeram-nos café e charutos venezianos bastante ruins.

B. estava na casa dos sessenta. Primeiro passou na academia de Dresden, onde, apenas um gênio mediano, mas com um amor singular pela arte, fez progressos consideráveis diante do que era capaz de fazer e do que as circunstâncias lhe permitiam. Naquela cidade ele fez um quadro que representava *A feitiçaria* das antigas

profetisas germânicas, bem como muitos desenhos de conteúdo diverso. Depois trabalhou em Munique; em todo lugar com muita dificuldade, e uns dez anos passados, e enfrentando as adversidades mórtíferas... Em todo lugar, o que é um defeito dos nossos artistas, ou antes, a sua culpa, em todo lugar ele se rendia com facilidade às tradições locais, com uma obediência eslava rendia-se a cada escola. Era um exemplo de paciência, de determinação, de humildade – praticadas com maior justeza do que compreensão. Estava pensando justamente nisso quando B. me interrompeu:

– Coisa estranha! ainda não consigo entender aqui direito estas obras primas da velha escola veneziana. O descuido com o desenho que Cornelius não iria perdoar, uma singular arbitrariedade no jogo da luz, a composição como que tirada das ruas, mas são coisas grandes! Uns Cornelius, sim! e o próprio Kaulbach presunçoso, poderiam aprender muito disso. Quem sabe? – acrescentou em seguida – talvez lá no Norte nos ensinem de modo algo diferente. Lembro-me que na Igreja de São Luís (em Munique), quando pintava *O Julgamento final* ao lado de Cornelius, e justamente se fazia o grupo com a imagem de Hérodes (quando as crianças assassinadas intercedem por ele), quando o imperador moscovita entrou no edifício com seu séquito, porque naquele tempo passeava nesta cidade e, às vezes, ia ver obras de arte. Então, todos nós ficamos pensando sobre aqueles velhos pintores que apanhavam os modelos diretamente da vida, e sobre o que se costuma ler como que algumas lendas... E agora vejo aqui que todos os velhos quadros parecem tão atrelados à vida...

– E com que você está trabalhando nesses tempos agora?

– Ufa! – B. resmungou triste – toco, às vezes, violino... venha me visitar um dia, vou tocar para você, no fim da tarde... parece-me que cheguei a compor algo.

Pois realmente B. tocava violino com notável destreza.

– Mas não – interrompeu – porque não estou aqui sozinho. Aqui, à Itália, me trouxeram os senhores condes. Comecei também um

pequeno quadro, quero fazer um pescador com os seus filhos, e quero que seja no final da tarde, e que dê para ver que ele trabalhou o dia inteiro, e ainda que segurasse na mão uma coisa pescada... concha vazia! E quero que, com essa concha ele estendesse a mão mendicando. Um quadro desse que estou fazendo e já falta pouco para terminar.

Ai B. se levantou da cadeira chamando: “Menego!” – e como não foi com acento veneziano, mas polonês, alongando menego, o menino entrou no jogo: “Como, senhor? Como, o senhor está se afogando... (porque *me nego* – no dialeto veneziano significa “me afogo”), como? – repetiu mais uma vez – se hoje as gôndolas não entraram na Igreja da São Marcos e o chão do café está seco”.

– *Buffone* – respondeu B. – *buffone!* – e saímos do café...

*

No dia seguinte ao anoitecer trouxe-me esta carta:

Os senhores Condes mudaram os planos; devemos sair em breve, talvez amanhã à noite; não tenho certeza, mas pode ser que seja amanhã. Já v i s i t e i tudo (!), menos a ilha, comprida ao sul, que se vê da tua janela, onde, como você diz, Lord Byron passeando a cavalo escrevia Mazepa, porque não sei o nome da ilha. Se sobrar o tempo irei lá de gôndola. Queria também me despedir de você, talvez passe em tua casa; senão, como você costuma frequentar a ilha, por que não vai amanhã de barco, antes que o sol queimar? Adeus...

Byczkowski

NB. Ao fazer as malas encontrei um lenço, que nos primeiros anos da minha emigração, em Dresden, o nosso grande Lord Byron me ofereceu. É a única coisa que posso deixar como lembrança. Lamento de não tocar violino para você...

Antes que o sol começar a queimar, no dia seguinte, segui rumo a Lido. O Lido é uma faixa comprida da terra, em que, de um lado, plano, bate o mar aberto, e do outro, a costa artificial de pedra talhada repele as ondas menos fortes das lagunas. Para chegar à beira mar, especialmente aonde os estrangeiros costumam observar a paisagem, é preciso primeiro passar pelo prado verde, que sendo outrora, ainda nos tempos da República, um cemitério dos ricos comerciantes judeus, até hoje brilha aqui e acolá com as pedras com inscrições apagadas. Nelas a trilha se quebra ou passa ao lado, seguindo na relva e, depois, se perde no cascalho da praia. Ao chegar ali, encontrei o gondoleiro; estava em pé junto ao punhado de roupa; ao seu lado um empregado da polícia e duas damas inglesas com álbuns na mão. B. pagou o gondoleiro e disse-lhe que quer curtir o banho... mas foi fundo demais nas ondas.

O seu túmulo está no Lido.

Tradução de Henryk Siewierski

RESUMO – STRESZCZENIE

Cyprian Kamil Norwid pozostaje jeszcze mało znanym w Brazylii. Prof. Henryk Siewierski, współtwórca departamentu literatury i języka polskiego na Uniwersytecie w stołecznej Brasílii (UnB) postarał się o to, aby patronem tej jednostki akademickiej był właśnie Cyprian K. Norwid.

Autor przetłumaczył na język portugalski fragment wspomnień Cypriana K. Norwida z pobytu w Wenecji w tym celu, aby wzbudzić zainteresowanie czytelników brazylijskich, polonijnych twórczością jednego z największych poetów polskich, do jakich należy bez wątpienia nasz wielki Norwid.

PINDEL, Tomasz. *Za horyzont – Polaków latynoamerykańskich przygody* (“Para além do horizonte – As aventuras dos poloneses latino-americanos”). Kraków: Wydawnictwo Znak, 2018, pp. 386.

Mariano KAWKA*

LAÇOS POLONESES COM A AMÉRICA LATINA

Esta nova obra sobre a presença dos poloneses na América se inicia com alusões a algumas figuras míticas, como Jan de Kolno, que teria chegado ao litoral norte-americano (dos atuais Estados Unidos) já em 1476, ou Gaspar da Gama, um judeu nascido em Toruń que teria viajado com Cabral na sua expedição ao Brasil. Na realidade, o primeiro polonês com presença historicamente confirmada no Brasil foi Krzysztof (Cristóvão) Arciszewski, que esteve no litoral do Nordeste brasileiro, a serviço dos holandeses, já na primeira metade do século XVII.

Os poloneses só descobrem a América a partir da primeira metade do século XIX, justamente quando a Polônia havia sido atingida pela tragédia histórica das partilhas pelas potências vizinhas (Áustria, Prússia e Rússia) e quando na América começaram a surgir os Estados independentes. Eles então emigram, num movimento que inicialmente envolveu indivíduos, e depois grandes grupos de emigrados, movidos por necessidades absolutamente básicas: a fuga das condições difíceis em que se encontrava o seu país e a busca de uma nova pátria onde pudessem fixar residência e viver.

O livro aborda, então, as peripécias polonesas na América Latina, em diversos países visitados pelo autor, que comenta figuras diversas de emigrados, no decorrer dos últimos dois séculos.

O relato se inicia pelo **Chile**, onde a colônia polonesa não é muito numerosa (600-700 pessoas), mas é nesse país que se destaca a personalidade marcante de Ignacy Domeyko (1802-1889), geólogo e naturalista que ali viveu por meio século. Forçado a emigrar por ter participado do Levante de Novembro de 1830, Domejko só voltou à Polônia uma vez, um pouco antes de morrer. Tendo estudado na Universidade de Vilnius e em Paris, foi contratado como professor de mineralogia na localidade de Coquimbo. Posteriormente se mudou a Santiago, para trabalhar na Universidade do Chile, onde se tornou reitor (1867) e promoveu uma reforma do ensino. O autor também apresenta algumas personalidades da colônia polonesa chilena de imigração mais recente, posterior à Segunda Guerra Mundial.

Ao escrever sobre os poloneses no **Brasil**, o autor inicia com as figuras do Pe. Antônio Zieliński e de Edmundo Sebastião Woś Saporski, falando das iniciativas colonizadores deles, especialmente do segundo. Faz uma ampla análise da conjuntura polonesa na época das partilhas, da situação então reinante no Brasil e dos fatores que estimularam a emigração. Apresenta depois a difícil fase da acomodação ao novo ambiente e as condições de vida e de trabalho no novo país. O autor visitou alguns dos núcleos polônicos mais importante no Brasil, como Curitiba e seus arredores, ou Guarani das Missões, no Rio Grande do Sul. Aborda a vida cultural e organizacional, como as escolas e as sociedades, os jornais etc., e até os sonhos ou ambições de alguns de fundar uma possível colônia polonesa no Sul do Brasil e o golpe que essas iniciativas, realistas ou utópicas, sofreram com os decretos de nacionalização de Getúlio Vargas no final dos anos 30 do século passado.

Da comunidade polônica em época mais recente são destacadas algumas figuras, como as do poeta Paulo Leminski (1944-1989) e de Zbigniew Ziembinski (1908-1978), com o seu importante papel no desenvolvimento do teatro brasileiro. Também merece a atenção especial do autor a atuação de algumas organizações atuais,

como a Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (BRASPOL), ou a presença em Curitiba do Parque João Paulo II.

Nas relações com a **Argentina**, a personalidade polonesa simbólica parece ser o escritor Witold Gombrowicz, que ali se estabeleceu em 1939. Mas a imigração polonesa ao país se iniciou com alguns participantes do Levante de Janeiro de 1863. Outros vieram após a revolta de 1905, sufocada pela Rússia. A imigração camponesa se inicia em 1897, quando foi fundada na província de Misiones a povoação de Apóstoles, juntamente com ucranianos provenientes da Galícia. Ali os colonos se dedicaram ao cultivo da erva-mate. Até o final do século XIX já se haviam estabelecido na Argentina mais de 70 mil imigrantes, dos quais 40 mil eram judeus. Nos anos 40 do século passado os poloneses, cerca de 110 mil, formavam o terceiro maior contingente imigratório do país (após os italianos e os espanhóis), estabelecidos principalmente em Buenos Aires e Misiones. Diferentemente do Brasil, na Argentina predominavam os operários, que, em razão da natureza do seu trabalho, geralmente não tinham residência fixa. Houve ali também o episódio de uma máfia dedicada à prostituição, que trazia principalmente judias da Polônia, mas que, pelas circunstâncias, eram conhecidas como “polacas”.

Após a Segunda Guerra Mundial estabeleceram-se na Argentina cerca de 15 mil poloneses, uma parte deles pertencente à aristocracia (famílias como Orłowski, Sobański, Okęcki). O órgão de imprensa mais importante da colônia polonesa na Argentina é o *Głos Polski*, fundado em 1922. A vida associativa se congrega em torno do Dom Polski, onde também se situa a Biblioteca Ignacy Domeyko. Alguns poloneses na Argentina se distinguiram em áreas específicas, como p. ex. Wiktor Ostrowski, engenheiro de profissão, mas praticante do montanhismo e divulgador do “andinismo”. A assistência religiosa, também na Argentina, foi percebida como uma necessidade humana fundamental. Nesta área se distinguiram os

padres verbitas e os frades bernardinios (franciscanos), com o seu centro pastoral em Martín Coronado, fundado em 1958.

No início dos anos 90 do século passado houve na Argentina uma tentativa de incrementar a vida associativa englobando também outros países da América Latina, com a fundação da Unia Stowarzyszeń i Organizacji Polskich w Ameryce Łacińskiej (USOPAL), com o apoio, principalmente, do bem-sucedido empresário Jan Kobylański, uma figura controversa, que, em razão da sua postura ideológica acabou sendo prejudicial para o projeto. A USOPAL deixou de funcionar em 2016. Atualmente, as relações polono-argentinas se realizam em níveis diversos, por exemplo através de cursos de língua polonesa, ou traduções e publicações da literatura polonesa, frequentemente através de iniciativas individuais.

A presença dos poloneses na **Guatemala**, informa-nos o autor, é extremamente diminuta. No final do século XIX estabeleceu-se nesse país um grupo de refugiados políticos, participantes dos levantes, bem como de operários, que viajaram em companhia de alemães. Em 1939 a colônia polonesa contava cerca de 200 pessoas, sendo 99% judeus. O autor dedica espaço a duas personalidades: Adam Praun-Tarnawski, um participante do Levante de Varsóvia (1944), e, principalmente, Andrzej Bobkowski (1913-1961), um escritor que passou na Guatemala os últimos 13 anos da sua vida e que se notabilizou ali por ter fundado um clube de aeromodelismo. Seus textos parecem repassados de misantropia e de uma ideologia racista.

O movimento emigratório da Polônia ao **México** foi reduzido. O autor inicia o seu relato apresentando a figura de Elena Poniatowska, jornalista e escritora nascida na França, uma descendente de Józef Poniatowski, um sobrinho de Stanisław August Poniatowski. Entre os primeiros poloneses que se estabeleceram no país encontra-se Karol Beneski, nascido nos anos 90 do século XVIII. Ele participou da campanha de Napoleão e esteve no México como

militar nos anos posteriores à independência do país, ao lado do imperador local. Em 1836 participou da expedição contra o revoltado Texas e ali cometeu suicídio. Em 1865 desembarcou no México um contingente polonês sob comando francês, do qual fizeram parte os escritores conde Stanisław Wodzicki e Konrad Niklewicz, ambos participantes do Levante de Janeiro (de 1863). Eles participaram do projeto de Napoleão III de dominar o México entronizando ali o arquiduque austríaco Maximiliano, projeto que ruiu em 1866.

Emil Habdank Dunikowski (1855-1924) e Witold Szyszło (1881-1963) foram dois viajantes poloneses que no início do século XX estiveram no México. Ambos passaram um bom tempo no país e deixaram por escrito a experiência dessa aventura. O jornalista e escritor Melchior Wańkowicz (1892-1974) esteve no México como repórter em 1926, num período de migração intensificada da Polônia ao México, mas de prevalência judia. Calcula-se que no período de entreguerras emigraram a esse país uns 4.500-4.800 cidadãos poloneses, dos quais 95-96% eram judeus. Na década de 1920 o químico e engenheiro Antoni Beździk fundou a Sociedade “Polonia”, que também prestava assistência aos poloneses e judeus. As relações diplomáticas entre o México e a Polônia foram estabelecidas nos anos 1928-1930.

Em 1940 o general Władysław Sikorski fez uma visita ao México e acertou com as autoridades locais a aceitação de refugiados poloneses retirados da União Soviética. Em julho e novembro de 1943 vieram dois transportes, trazendo mais de 1.400 pessoas (sendo 527 crianças e 260 órfãos), que se fixaram na abandonada Fazenda Santa Rosa, perto da cidade de León. Em 1946 esse campo de refugiados foi fechado. Uma parte dos seus moradores foi aos Estados Unidos, outros permaneceram no México. O escritor Teodor Parnicki (1908-1988) viajou ao México em 1944 junto com o grupo que se fixou em Santa Rosa e permaneceu no país até 1967. Mieczysław Zarębski (1924-1999) estabeleceu-se no México em 1953 como empresário. Por 25 anos

trabalhou como agente da CIA. Edward Stachura, escritor e tradutor de escritores latino-americanos, esteve no México pela primeira vez entre maio de 1969 e março de 1970, e pela segunda vez em 1975, por um período de três meses. O dramaturgo e escritor Sławomir Mrożek viajou ao México em 1989 e ali permaneceu por sete anos, até 1997. Ele comprou perto de Puebla uma fazenda, que era administrada por sua esposa mexicana. Nos últimos anos observa-se alguma movimentação nos contatos polono-mexicanos, nos dois sentidos, motivados por interesses profissionais e culturais etc.

O autor inicia o relato sobre o **Haiti** com uma referência à visita do papa João Paulo II ao país em 1983, o que estimulou a revolta contra Jean-Claude Duvalier. Historicamente as relações polono-haitianas se iniciam com um contingente de soldados poloneses enviados ao país em 1801 para sufocar a revolução da população negra local. Essa intervenção resultou numa tragédia. Dos cerca de 5.300 militares, 4 mil morreram, não apenas nas lutas, mas também como vítimas da febre amarela. Trezentos voltaram à Europa, quinhentos passaram ao serviço dos ingleses, duzentos emigraram para Cuba e para os Estados Unidos e uns quatrocentos ficaram no país, sendo aceitos pelo novo governo. Haiti tornou-se o primeiro país independente na América Latina. Durante as lutas pela independência, segundo alguns autores, uma parte dos poloneses já havia tomado o partido dos haitianos.

Faustino Wirkus, um cidadão americano de origem polonesa, desembarcou no Haiti com os soldados americanos que ali intervieram no início do século XX. O controle americano durou de 1915 a 1934. Wirkus aprendeu a língua local (o crioulo) e estabeleceu-se na ilha de Gonâve, da qual se tornou rei, com o nome de Faustino II. Ele governou a ilha de 1927 a 1929, quando os americanos lhe retiraram o poder. Wirkus relata que teve encontros com descendentes dos soldados que participaram na expedição napoleônica no início do século XIX. Na segunda metade do século

Resenhas

XX alguns emissários da Polônia (repórteres, pesquisadores, viajantes, artistas) iniciaram um ciclo de pesquisas sobre os pioneiros poloneses no Haiti, especialmente na icônica localidade de Cazale.

A COMUNIDADE POLÔNICA DE PORTO ALEGRE FESTEJA A RECUPERAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA POLÔNIA

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

A comunidade polônica da capital do Rio Grande do Sul festejou a primeira parte das solenidades planejadas para comemorar os 100 anos da recuperação da independência da Polônia. No dia 10 de novembro, na sede da Sociedade Polonesa, realizou-se a abertura da exposição bilíngue “E isso é a Polônia!”, preparada pela Associação “Wspólnota Polska”. Posteriormente houve uma sessão relacionada com o centenário da recuperação da independência da Polônia. O presidente da Sociedade, Mariano Hossa, saudou todos os presentes, após o que o Dr. Vitoldo Królikowski apresentou um esboço da história da Polônia. O pároco polônico apresentou aos polônicos e aos amigos brasileiros presentes no salão o surgimento do Comitê Nacional Polonês no Rio de Janeiro, bem como a sua ação e a coleta de dinheiro entre os emigrados poloneses, inclusive em Porto Alegre, em prol do Tesouro Nacional e em apoio ao Exército Polonês que estava se formando na França. Em seguida todos cantaram o Hino Nacional da Polônia. Após o jantar um conjunto folclórico apresentou algumas danças regionais, e seguiu-se um baile comemorativo.

No domingo 11 de novembro os polônicos se reuniram na Igreja Polonesa para durante a solene Missa rezar pela Polônia, pela comunidade polônica brasileira e pela Sociedade Polonesa, que estava comemorando os 122 anos da sua atividade organizacional na cidade. Após o alçamento da bandeira polonesa e do estandarte da mencionada organização polônica, cantamos o Hino Nacional Polonês. No seu sermão, o pároco apresentou aos presentes os empenhos e as lutas dos poloneses pela independência, bem como o

engajamento financeiro dos emigrados poloneses no Brasil em apoio à Pátria distante. Na reflexão, não podiam ter faltado alusões a políticos e diplomatas brasileiros deste país amigo que apoiaram as aspirações dos poloneses pela independência. Para encerrar, cantamos o “Deus, que a Polônia...”. A maioria dos fiéis era constituída por pessoas de sucessivas gerações dos antigos imigrantes, que já não conhecem a língua polonesa, mas que cantam com entusiasmo e emoção os cânticos religiosos poloneses.

Logo após a Missa houve ocasião para uma foto comum (embora nem todos se tivessem apresentado), bem como para um encontro e um bate-papo num café da manhã servido no salão paroquial.

O item seguinte da comemoração polônica foi a sessão solene na Assembleia Legislativa Estadual no dia 22 de novembro em honra dos 100 anos da recuperação da independência da Polônia.

Apesar da grande distância do país dos antepassados, os polônicos brasileiros em Porto Alegre preservam com orgulho o espírito cívico.

Sessão solene na Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul em honra do centenário da recuperação da independência da Polônia

Um evento incomum ocorreu no dia 23 de novembro de 2018 em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Eis que, pela primeira vez na história dessa Assembleia, uma sessão solene foi realizada em honra da Polônia e da comunidade polônica no estado. O deputado estadual de origem polonesa Maurício Dziedricki foi o idealizador desse importante acontecimento. O cerimonial da Assembleia é muito detalhado na obediência às suas regras internas. Especialmente para essa sessão solene veio da capital do País a Sra. Marta Olkowska, representante do embaixador da Polônia no Brasil. A senhora deputada Małgorzata M. Gosiewska veio diretamente de Varsóvia a

Porto Alegre para participar desse incomum evento cívico-polônico. Infelizmente, o avião em que ela viajava atrasou-se em uma hora. Apesar do estrito regulamento da Assembleia, foi possível atrasar em quase uma hora o início da sessão, para que a senhora deputada pudesse participar dela desde o início.

Na sala de sessões da Assembleia podiam ser encontrados representantes da comunidade polônica da capital, bem como vindos de diversas regiões do estado. Convém enfatizar que da cidade de Áurea, onde mais de 90% da população do município é constituída por descendentes dos colonos poloneses, vieram de ônibus, percorrendo mais de 400 quilômetros, juntamente com o prefeito, representantes da comunidade polônica local. O conjunto infantil de folclore polonês “Auresovia” devia apresentar algumas danças polonesas regionais. Naturalmente, já que estamos falando de folclore, não podia ter faltado o grupo do conjunto polônico de Porto Alegre.

Embora a sessão tenha sido realizada num dia de trabalho, a presença dos polônicos e de representantes de instituições estaduais testemunhava a importância do evento. O deputado João Fischer – Fixinha presidiu a abertura da sessão solene. Ele saudou as personalidades presentes, que anteriormente haviam sido convidadas para ocupar os lugares na mesa da presidência. Enfatizou especialmente a presença da senhora deputada Małgorzata M. Gosiewska, vinda da Polônia, e da Sra. Marta Olkowska, da embaixada da Polônia na capital do País. Após saudar todos os presentes na sala, passou a palavra ao deputado Maurício Dziedricki.

Em seu pronunciamento, o político de origem polonesa esclareceu o objetivo da sessão e apresentou os mais importantes acontecimentos da história da Polônia, os seus momentos difíceis, bem como a vontade e a luta pela sua soberania. Visivelmente emocionado, lembrou que seus bisavós vieram da Polônia ao Brasil. Em seu discurso dedicou muita atenção à presença dos imigrantes poloneses no estado e à sua contribuição para as diversas áreas de desenvolvimento desse estado meridional. Enfatizou com orgulho o

seu polonismo e o trabalho das sucessivas gerações dos imigrantes poloneses que, sendo parte da sociedade brasileira, preservam com orgulho os valores e os costumes herdados dos seus antepassados. O deputado falou também com orgulho, como descendente dos imigrantes, da Polônia atual e moderna que se desenvolve, da qual – e nesse ponto se dirigiu aos polônicos presentes – devemos sentir-nos orgulhosos.

Após o pronunciamento do político, foi anunciado um intervalo para que os conjuntos folclóricos pudessem apresentar a beleza das danças polonesas regionais. Olhei para o rosto do deputado e vi que ele não ocultava a sua emoção vendo as crianças que dançavam, e depois os adultos. Neste ponto o cerimonial da Assembleia também fez uma exceção, porquanto, na definição do programa da sessão o tempo para a apresentação devia ser muito limitado, mas a hospitalidade, a cordialidade e a compreensão dos responsáveis pela Assembleia ultrapassaram as nossas expectativas.

Após a apresentação artística tomou a palavra a senhora deputada Małgorzata Gosiewska. Neste ponto também o cerimonial foi alterado, visto que os pedidos precedentes para que a deputada polonesa pudesse tomar a palavra não tinham sido atendidos. Diziam-nos que o cerimonial não previa isso e que não podiam mudar a tradição parlamentar. O presidente da sessão pediu à senhora deputada Gosiewska que tomasse a palavra. Foi de admirar que após tão longa viagem, de Varsóvia a Porto Alegre, ela demonstrasse a sua energia falando da luta dos poloneses por uma Pátria livre e soberana. A ocupação estrangeira contribuía para a emigração dos poloneses, que buscavam para si um lugar no mundo onde pudessem viver livres. Naquele período difícil para eles, o Brasil abriu as suas fronteiras, aceitando milhares de colonos. Os imigrantes poloneses, tanto camponeses como os envolvidos em diversas áreas de atividade, pelo seu trabalho procuraram mostrar-se gratos ao Brasil pela sua hospitalidade. A deputada mencionou alguns poloneses de mais méritos para o Brasil. Assinalou igualmente que a comunidade

polônica de hoje, que tem uma participação ativa na vida do País, não se esquece, no entanto, das suas raízes. Essa comunidade preserva os valores, as tradições que herdou dos seus antepassados. Agradeceu também ao Brasil, e de maneira especial ao estado do Rio Grande do Sul, por terem recebido os nossos emigrados. Lembrou o apoio do Brasil às aspirações polonesas à independência e expressou o agradecimento por isso. Felicitou o deputado Maurício Dziedricki pela sua eleição para o cargo de deputado federal e lhe desejou sucessos, convidando-o também a juntar-se ao grupo parlamentar Brasil-Polônia e a visitar a Polônia. O pronunciamento da senhora deputada foi traduzido para a língua portuguesa pelo pároco polônico da cidade.

Para o encerramento da sessão solene, crianças do conjunto folclórico levantaram o brasão polonês e entoamos juntos uma canção patriótica. Houve ocasião para uma troca de presentes entre os parlamentares, bem como para uma foto comum.

A seguir dirigimo-nos ao jardim da Assembleia, onde diante do busto do papa João Paulo II a deputada polonesa depositou uma coroa de flores brancas e vermelhas. Dessa forma prestamos uma homenagem ao grande polonês, que nos ensinou o patriotismo e convocou a uma adequada utilização da liberdade recuperada.

Permaneceram em nossa memória as recordações dessa importante festividade política e polônica em Porto Alegre em comemoração da independência recuperada.

As comemorações seriam continuadas no domingo próximo (25 de novembro) na capital do estado do Rio Grande do Sul, onde vivem mais de 600 mil pessoas de origem polonesa. Viva a Polônia! Viva o Brasil! Grande respeito à comunidade polônica brasileira!

A polônica Dom Feliciano recebe a visita da deputada Małgorzata M. Gosiewska

No segundo dia (23 de novembro deste ano) da sua estada em terra brasileira, em companhia da encarregada de negócios da Embaixada polonesa no Brasil, Marta Olkowska, e de um grupo de polônios e Porto Alegre, a deputada polonesa Małgorzata Gosiewska viajou a Dom Feliciano, distante 170 quilômetros da capital rio-grandense. Os colonos poloneses começaram a estabelecer-se naquela região do estado do Rio Grande do Sul em 1890. Anteriormente se haviam estabelecido ali camponeses da França e da Itália. Entretanto, em razão das condições geográficas e climáticas desfavoráveis, alguns anos depois eles abandonaram aquela região. No lugar deles começaram a ser estabelecidos imigrantes poloneses.

A história polonesa de Dom Feliciano é muito rica no que diz respeito à vida religiosa, organizacional e educacional. Atualmente, residem na área do extenso município mais de 12 mil habitantes, dos quais 75% são descendentes dos colonos poloneses. A vida polônica na cidade é muito intensa. A igreja de Nossa Senhora de Częstochowa (a paróquia oficialmente registrada leva o nome de Nossa Senhora de Częstochowa) é uma pérola sacra, graças à ornamentação do seu interior, obra do famoso artista polonês Aristarco Kaszkurewicz.

Pela primeira vez veio ao mencionado município uma representante do Parlamento polonês, bem como da Embaixada da Polônia em Brasília. A deputada Małgorzata Gosiewska, juntamente com as pessoas que a acompanhavam, iniciou a sua estada na cidade fazendo uma visita oficial à prefeitura, onde diante da sede das autoridades municipais foi saudada pelo prefeito Clenio Boeira da Silva, que se orgulha de ter uma esposa de origem polonesa e, com isso, duas filhas que tem o sangue polonês.

No seu gabinete o prefeito apresentou os seus mais próximos colaboradores, bem como expressou a sua admiração pelas tradições que os descendentes dos colonos poloneses se esforçam por preservar. A deputada expressou o seu respeito e a sua admiração diante de todos aqueles que no município preservam os valores trazidos pelos

imigrantes poloneses. Ela ofereceu ao prefeito uma lembrança da Polônia, e em troca o prefeito lhe ofereceu um cesto dos produtos produzidos na área do município.

A seguir uma professora apresentou uma breve história do conjunto de folclore polonês da Escola Municipal Pe. Constante Zajkowski. Em razão do pouco espaço no gabinete do prefeito e porque as crianças deviam dirigir-se ao ônibus que estava à espera delas para voltarem às suas casas distantes, com alegria elas aceitaram a proposta de uma foto comum com a deputada e as pessoas que a acompanhavam.

Na saída do gabinete do prefeito, numa parede estão localizadas as fotos dos ex-prefeitos. Chamou a minha atenção uma placa com os nomes (na maioria poloneses) daqueles que instituíram uma comissão que se empenhou para que Dom Feliciano se tornasse um município. Essa comissão foi presidida por um religioso polonês, o Pe. Estanislau Nowak, da Sociedade de Cristo.

Após o encontro oficial na sede da prefeitura, o administrador do município convidou para o automóvel oficial a deputada e a representante da Embaixada. Todos nos dirigimos para a igreja, que é ao mesmo tempo o santuário diocesano de Nossa Senhora de Częstochowa. Em companhia das pessoas que a acompanhavam, a deputada fez uma breve visita ao pároco local, o Pe. Przemysław Tomasz Januszewski, que nos convidou a uma visita ao santuário reformado. Ali o religioso polonês apresentou a história da imigração e da pastoral polonesa promovida durante o tempo das gerações em mudança, até os dias de hoje.

Após a visita ao santuário, o prefeito convidou a todos para um almoço num restaurante local. A ornamentação interior do restaurante expressa o característico mosaico cultural do estado, e percebem-se também muitos elementos poloneses, p. ex. uma camiseta com o nome do jogador Lewandowski. Isso é um sinal de que em Dom Feliciano há também simpatizantes do esporte polonês.

Após o almoço comum, viajamos em automóveis até uma colina local, onde se detiveram para um descanso os primeiros imigrantes poloneses. Esse lugar foi assinalado com a cruz do imigrante e por um monumento simbólico em honra da Padroeira de Dom Feliciano, Nossa Senhora de Częstochowa. Ali a deputada, em companhia do representante e líder polônico de Porto Alegre Sergio Sechinski, depositou uma coroa de flores brancas e vermelhas para homenagear o trabalho dos colonos poloneses. Após um momento de oração pessoal e de reflexão sobre a vida dos nossos colonos, dirigimo-nos ao encontro seguinte, à Casa da Cultura, edificada no estilo de Zakopane. A seu lado encontra-se uma típica e ampla loja com artigos do artesanato local, que faz referência a elementos poloneses. Na Casa da Cultura encontra-se uma biblioteca, um museu da imigração polonesa, salas para reuniões e cursos diversos que ali são promovidos, inclusive de língua polonesa e de danças regionais. Junto à Casa da Cultura atua o conjunto de folclore “Solidarność”.

Aos visitantes foi oferecida uma aguardente de menta, fabricada no local, já tradicional e conhecida em toda a região. A seguir, representantes do conjunto folclórico apresentaram aos hóspedes algumas danças regionais polonesas. Visto que durante o dia muitos jovens estudam nas escolas, a apresentação se restringiu a apenas alguns dançarinos. No entanto, é preciso enfatizar que um agrupamento polônico tão distante de outras coletividades polônicas no estado é capaz de, com o seu próprio esforço e o amor à cultura do país dos antepassados, preservar algumas das suas manifestações. O encerramento do encontro foi assinalado por uma foto comum.

Antes de deixarmos a cidade, dirigimo-nos ainda ao cemitério local, onde descansam os primeiros colonos poloneses, bem como dois dos seus pastores. A capela onde foram sepultados o Pe. Mateus Piech (+1902) e o Pe. Vítor Dewor (assassinado em 1942) está a exigir uma profunda reforma. Quem sabe se a coletividade polônica não deve dirigir-se com um pedido à Polônia, solicitando o apoio para que essa

capela permaneça como uma testemunha das lutas dos primeiros colonos poloneses e dos seus pastores, devotados até a morte.

Após a visita ao cemitério, onde há muitas inscrições tumulares com nomes poloneses, despedimo-nos do prefeito, muito comovido, visto que para ele a visita da deputada polonesa e da encarregada de negócios da Embaixada da Polônia foi de elevada importância, da mesma forma que para a cidade e o município. Pela primeira vez na história de Dom Feliciano, e especialmente já após as mudanças políticas de 1989, a cidade teve o privilégio de receber tão ilustres visitas.

Na volta a Porto Alegre, após percorrermos alguns quilômetros, detivemo-nos na pequena cidade chamada Chuvisca, diante da loja “Warsóvia”. A presença das senhoras na loja e o conversa delas em polonês despertaram o interesse do proprietário da loja, que saiu ao encontro delas na rua. Durante o diálogo com ele, ficamos sabendo que é uma pessoa de origem polonesa, que escreve versos e publica os seus textos no jornal local.

Há alguns dias encontrei, num dos portais poloneses na internet, um texto em que o autor faz uma crítica às visitas de parlamentares poloneses a núcleos polônicos espalhados pelo mundo. Após a leitura desse texto, tive a impressão de que seu autor nunca permaneceu algum tempo fora da Polônia nem visitou núcleos dos descendentes dos colonos poloneses, por exemplo no distante Brasil. Se falo do Brasil é porque, como sacerdote polônico, e também emigrante com quase 40 anos de permanência fora da Pátria, sei por experiência própria o que significa para os nossos núcleos receber alguém que vem da distante Polônia e dedica o seu tempo para se familiarizar com as condições de vida e com a situação em que os nossos polônicos se esforçam por preservar os valores e os costumes de um país que eles nem conhecem. Em agosto deste ano tive a possibilidade de observar de perto os rostos e de ouvir as conversas dos descendentes dos imigrantes poloneses nas colônias próximas a

Curitiba que foram visitadas pelo deputado polonês Jan Dzedziczak. Tais encontros dos representantes do Estado Polonês com os polônicos – já pertencentes a sucessivas gerações dos imigrantes – precisam ser observados pessoalmente, para que deles possam ser tiradas as apropriadas conclusões.

O evento de caráter político e polônico que vivenciamos no dia 22 de novembro deste ano durante a sessão solene na Assembleia Estadual do estado do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, para homenagear os 100 anos da recuperação da independência pela Polônia, mais uma vez me confirmou na convicção de quão importantes e necessárias para a coletividade polônica são tais visitas de representantes da Polônia. Como observador e sendo o intérprete da deputada nos encontros com o prefeito de Dom Feliciano, a respeito do que escrevo acima, tenho visto nisso mais um sinal de como é necessário que os políticos poloneses não se restrinjam a encontros com a comunidade polônica no Rio de Janeiro, em Curitiba ou em São Paulo. É preciso também visitar a chamada comunidade polônica no interior brasileiro, onde o polonismo em meio aos descendentes dos nossos colonos ainda é muito forte. Eles também merecem as visitas daqueles que são os responsáveis pela chamada política polônica. Tenho aqui em mente as comissões parlamentares especiais que existem no Parlamento ou no Senado da Polônia. Nesse contexto recorro o meu primeiro encontro com uma das coletividades polônicas mais distantes das outras. Eu ouvi então da boca de um dos líderes esta afirmação: “A Polônia se esqueceu de nós!”. Essa frase já me acompanha há anos, e tenho a esperança de que a Polônia não se esquecerá daqueles descendentes dos colonos que residem fora dos grandes centros urbanos e que ainda se utilizam da língua polonesa, ainda que arcaica, visto que foi essa a língua que aprenderam e foi essa a língua que seus antepassados trouxeram consigo há 140 ou mais anos... A comunidade polônica no estado do Rio Grande do Sul ainda vive com o espírito polonês, ainda que muitos talvez já não

falem a língua. Basta olhar para os seus rostos, conversar com eles, e então a gente se convence de que eles têm o polonismo esculpido em suas fisionomias, e de que também o trazem com orgulho em seus corações.

Comemoração religiosa e cívica de 100 anos da recuperação de independência da Polônia

Na manhã do domingo (25 de novembro de 2018), diante da Igreja Polonesa de Nossa Senhora de Monte Claro, que se encontra na parte norte da cidade, surgiu o colorido dos nossos belos trajes regionais. Aos poucos iam chegando grupos de polônicos que de diversas regiões do estado, tendo viajado até centenas de quilômetros, haviam decidido participar dos festejos da independência da Polônia juntamente com outros representantes da comunidade polônica. Entre os que se concentravam diante do santuário podiam ser encontradas delegações de cidades e localidades tão distantes como Áurea (mais de 400 km), Dom Feliciano (170 km), Caxias do Sul (200 km), Guarani das Missões (480 km), Nova Prata (180 km) ou Rio Grande (360 km). Tive a possibilidade de saudar um casal que, tendo sabido pela internet da nossa festa polônica, veio até da distante São Paulo (cerca de 1.200 km). É comovente o fato de que são pessoas já nascidas no Brasil, e pertencentes a diversas gerações dos imigrantes, que sentem a necessidade de expressar o seu polonismo através de uma celebração comum. Entre os polônicos que vieram, havia também dois padres polônicos: o Pe. Ostrowski (de Rio Grande) e o Pe. Decio Podenski (de Antônio Prado).

Os presentes no santuário mariano sentiram uma grande alegria e orgulho pela presença de dois deputados que representavam os parlamentos dos nossos países amigos: Małgorzata M. Gosiewska e Maurício Dziedricki. Era também visível a presença de Cassio Trogildo – representante da Câmara Municipal de Porto Alegre, bem como de duas irmãs religiosas polonesas: a irmã vigária e a irmã

ecônoma da Congregação das Irmãs Servas da SVM de Luboń, perto de Poznań.

Antes do início da solene Missa concelebrada, Sergio Sechinski, coordenador da comissão da Capelania, saudou em polonês e em português todos os presentes. Dirigiu palavras especiais de agradecimento à deputada Małgorzata Gosiewska, que tinha vindo especialmente de Varsóvia para o nosso encontro, bem como ao deputado Maurício Dziedricki, que nos apoiou nos preparativos para essa festa da comunidade polônica rio-grandense, bem como organizou a sessão solene na Assembleia Legislativa do estado para comemorar os 100 anos da recuperação da independência pela Polônia. Como sinal da nossa hospitaleira recepção e da nossa bela tradição, os deputados foram recebidos com pão e sal por representantes da nossa comunidade polônica.

A liturgia da santa Missa foi celebrada em língua portuguesa, e todos os cânticos foram em polonês. Mas na Liturgia da Palavra e na oração dos fiéis foram utilizadas alternadamente as línguas portuguesa e polonesa. O capelão da comunidade polônica em Porto Alegre presidiu a solene celebração e pronunciou um sermão que aludia à nossa fé e à nossa história. Estimulou as mulheres polônicas a sentirem orgulho da sua origem polonesa ainda que fosse pelo fato de que, logo após a recuperação da independência da Polônia, elas conquistaram o direito de participar das primeiras eleições ao Parlamento, o que foi um sinal da emancipação das mulheres polonesas, que a esse respeito precederam a França e a Inglaterra. Lembrando o pontificado de João Paulo II, o pregador enfatizou que em diversas oportunidades o papa tem ressaltado que era filho da nação polonesa. A seguir o pregador assinalou que, visto que os polônicos no Brasil sentem orgulho de S. João Paulo II, devem também imitá-lo no reconhecimento das suas raízes.

No final da santa Missa Sergio Sechinski leu as cartas que para a ocasião havíamos da Polônia:

**CHANCELARIA DO PRESIDENTE
DA REPÚBLICA DA POLÔNIA
Secretário de Estado
Adam Kwiatkowski**

Varsóvia, 23 de novembro de 2018.

*Reverendo
Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski SChr
Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil
Curitiba, Brasil*

*Reverendo Padre Reitor,
Caros Compatriotas
Prezados Senhores,*

Em nome do Presidente da República da Polônia, Senhor Andrzej Duda, saúdo cordialmente todos os Senhores e Senhoras reunidos no solene jubileu do Centenário da Recuperação da Independência pela Polônia em Porto Alegre. Agradeço ao Reverendo Padre Reitor e a toda a comunidade polônica no Rio Grande do Sul pelo convite para a participação nas comemorações dessa festividade.

Apresento expressões de respeito e gratidão a todos aqueles que por impulso do coração, por apreço ao bem e ao futuro da Polônia unem-se com os compatriotas no país de origem no ano em que a Nação Polonesa comemora em todo o mundo esse excepcional jubileu.

Alegro-me porque os compatriotas residentes fora da Pátria empreendem ações para recordar o caminho da recuperação da Independência e os heróis que pelo seu devotamento, pela sua coragem e dedicação fizeram com que após 123 anos de domínio estrangeiro a República da Polônia tivesse voltado ao mapa político do mundo. Expresso meu reconhecimento ao esforço que os Senhores e as Senhoras despenderam nos preparativos das comemorações deste ano, e especialmente da solenidade do descerramento do

obelisco e da placa comemorativa por ocasião do Centésimo Aniversário da recuperação da Independência pela Polônia, os quais demonstram como são importantes o cultivo da herança nacional, a memória da história e a preservação dos laços com a Terra Mãe.

A solenidade de hoje em honra da Polônia independente testemunha o apego dos Senhores e das Senhoras aos mais elevados valores e lembra igualmente a tradição do nosso país. Que essa festa seja a expressão do nosso respeito e reconhecimento àqueles a quem devemos a Polônia renascida e soberana.

Em nome do Presidente da República da Polónia, Senhor Andrzej Duda, e em meu próprio, agradeço a todos os que se fizeram presentes na solenidade de hoje para honrar a Pátria e os que tombaram, que derramaram o seu sangue em defesa de uma Polónia livre e soberana. Que a postura dos Senhores e das Senhoras sirva de modelo a todos os compatriotas e que fortaleça na jovem geração o espírito patriótico e cristão. Desejo-Lhes muita satisfação e alegria decorrentes da celebração comum do Jubileu, bem como maravilhosas impressões, que devem acompanhar o evento de hoje.

*Com expressões de respeito,
Adam Kwiatkowski*

* * *

**PRESIDÊNCIA DO SENADO
DA REPÚBLICA DA POLÓNIA
Stanisław Karczewski**

Varsóvia, 23 de novembro de 2018.

*Padre
Dr. Zdzislaw Malczewski
Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil*

Reverendo Padre Reitor,

Agradeço muito pelo convite para participar das solenidades relacionadas com as comemorações dos 100 anos da recuperação da Independência da Polônia. Eu gostaria de apresentar ao reverendo Padre os votos jubilares e transmitir as expressões de reconhecimento pelo envolvimento na organização da solenidade que completa a programação das comemorações organizadas na Polônia e entre os polônicos e poloneses no exterior.

Aprecio altamente o apego à Pátria e à tradição polonesa que os antepassados transmitiram aos atuais habitantes do Brasil de origem polonesa. A tempestuosa história da Europa dos séculos XIX e XX fez com que muitas gerações de poloneses optassem pela emigração. O trabalho e o esforço dos pioneiros da colonização, dos líderes que não faltaram nas fileiras dos emigrados poloneses e dos seus descendentes são visíveis até hoje em forma de organizações, paróquias e publicações que demonstram um grande apego ao polonismo.

Hoje é extremamente importante que os documentos – os lugares e as lembranças relacionadas com o polonismo, que constituem o patrimônio de muitas gerações de emigrados – sejam preservados da destruição e resguardados de forma que possam servir às gerações seguintes e constituam uma fonte de informações para os historiadores e os pesquisadores do polonismo no exterior, e para que continuem a ser a fonte viva da vida espiritual e social da comunidade polônica.

Em nome do Senado da República da Polônia, agradeço pela iniciativa de instituir uma nova recordação relacionada com a presença dos poloneses na América do Sul. Que o obelisco bilíngue descerrado em Porto Alegre sirva não apenas sirva para lembrar a presença dos emigrantes poloneses no Brasil, portadores das tradições polonesas da luta pela independência, mas também informe a cada transeunte a respeito da contribuição dos nossos compatriotas para a construção e a edificação do desse país.

Com grande satisfação percebo que, apesar da distância e da passagem do tempo, os laços que unem a comunidade polônica do Brasil com

a velha Pátria continuam sempre vivos e que os nossos compatriotas procuram cultivar as tradições e a língua polonesa e buscar informações sobre a história da Polônia – país do qual outrora emigraram os seus antepassados. Agradeço aos Senhores e às Senhoras pelo trabalho e pela dedicação despendidos em prol da preservação da herança nacional e histórica polonesa na América do Sul. Os Senhores e as Senhoras são os Embaixadores da Polônia no Brasil, uma parcela da nossa comunidade nacional que une os poloneses no exterior.

Queiram aceitar as minhas cordiais felicitações e os votos de muitos outros sucessos em prol da comunidade e da paróquia. Aos participantes da solenidade desejo uma alegre celebração e todo o sucesso.

*Com expressões de respeito,
Stanisław Karczewski*

* * *

ASSOCIAÇÃO “WSPÓLNOTA POLSKA”

Varsóvia, 25 de outubro de 2018.

*Reverendo Padre
Dr. Zdzisław Malczewski SChr
Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil*

Prezado Padre Reitor,

Em nome de toda a Associação “Wspólnota Polska” quero agradecer pelo convite para as solenes comemorações dos 100 anos da recuperação da Independência da Polônia em Porto Alegre. Infelizmente, em razão de compromissos anteriormente planejados não poderei participar pessoalmente dessa bela solenidade.

Quero apresentar ao Padre as expressões de reconhecimento e as felicitações aos organizadores desse evento e a toda a coletividade polonesa.

Apesar da distância que Os separa da Pátria Polônia, os Senhores não se esquecem desse difícil caminho à independência. É também graças à atividade dos Senhores que a identidade e a herança cultural polonesa se encontram sempre vivas em meio aos descendentes dos poloneses. Alegro-me por poderem contar com o apoio de pessoas como o Senhor Deputado Maurício Dziedricki e juntamente com ele edificar o bom nome da Polônia no Brasil.

Que esse festivo Jubileu seja para os Senhores um momento excepcional de união com a Polônia e os poloneses na Polônia e no exterior, uma ocasião para muitos momentos inesquecíveis, emoções e enlevos, bem como sirva de motivação para a continuidade das Suas ações.

Ao mesmo tempo asseguro que envidarei todos os esforços para me encontrar com os Senhores durante a visita planejada para a primavera do próximo ano.

*Com expressões de respeito,
Dariusz Piotr Bonistawski
Presidente da Associação “Wspólnota Polska”*

Por sua vez os eminentes parlamentares fizeram o descerramento de uma placa especial comemorativa do centésimo aniversário da recuperação da independência da Polônia. Eis o texto da placa:

CENENÁRIO DE RECUPERAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA
DA POLÔNIA
1918 – 2018

No ano em que a Polônia comemora o Centenário de resgate da sua independência, a Comunidade desta Capelanía exalta o espírito de fé, resistência e perseverança de tantas gerações, na oração e luta pela liberdade da sua Pátria, no qual a família e a Igreja sempre foram baluartes da polonidade.

Como herdeiros deste povo amante da liberdade e fé milenar, inspiremo-nos na interpretação das palavras de São João Paulo II de que

“A liberdade é dádiva do Criador, mas também, é tarefa de busca constante da sua própria conquista... como dimensão de existência humana, dimensão do ser pessoal e a dimensão do ser comunitário. “

Neste momento histórico, destacamos e reforçamos nossos vínculos com a Polônia, independente e soberana, sob a proteção de Nossa Senhora de Częstochowa.

Novembro 2018

Observando com atenção os rostos dos deputados Gosiewska e Dziedricki, podia ser lida neles uma grande emoção e alegria em razão da celebração comum. A representante do Parlamento da Polônia dirigiu aos fiéis presentes palavras de gratidão pela possibilidade de participar da festa polônica, bem como expressou a sua admiração pelo fato de em sucessivas gerações ainda permanece firme o espírito do polonismo. Ela pôde convencer-se disso visitando por dois dias os núcleos polônicos no interior do estado do Rio Grande do Sul, bem como no seu encontro com polônicos na capital do estado.

Embora a maioria dos presentes na igreja não falasse polonês, conhecia de cor muitos cânticos poloneses. Pode-se ter restrições litúrgicas, mas num momento tão histórico não podia ter faltado o canto comum do “Sto lat!” em honra da Polônia e do Brasil, para que pelos séculos seguintes ambos os países gozem da liberdade e da independência. Após a bênção que encerrou a Missa comum pela Polônia e pela comunidade polônica local, cantamos todos juntos, e com grande emoção, o “Deus, que a Polônia...”.

Após o encerramento da Missa pela Polônia, na rua diante da nossa igreja começou a se organizar um desfile de polônicos e brasileiros e simpatizantes da nossa comunidade, para juntos se dirigirem à Praça Pinheiro Machado. Os participantes do desfile, com bandeiras e cartazes, vestindo os coloridos trajes regionais, chamavam a atenção dos que passavam em carros e ônibus e dos transeuntes.

Após chegarmos à praça, onde havia sido erguido um obelisco comemorativo do centésimo aniversário da recuperação da independência da Polônia, iniciou-se a segunda parte da nossa comemoração.

Sergio Sechinski dirigiu aos numerosos presentes palavras de agradecimento pela presença e pela expressão da união com a Polônia. Pediu ao capelão polônico local que explicasse o motivo da construção do obelisco na praça municipal. Voltando-se aos presentes, o orador lembrou a sua viagem de automóvel à Argentina, realizada há muitos anos, quando na cidade fronteiriça de Itaquí percebeu em seu centro o “Teatro Przewodowski”. O teatro, que ali se encontra até hoje e que foi muito bem restaurado, é um sinal da presença polonesa. Foi construído pelos brasileiros daquela cidade em sinal de gratidão ao comandante do navio da marinha Estanislau Przewodowski, que defendeu a sua honra. (A descrição dessa história pode ser encontrada no meu livro “Ślady polskie w Brazylii / Marcas da presença polonesa no Brasil”, Varsóvia 2008, p. 296. A versão eletrônica dessa obra encontra-se na biblioteca do meu portal: www.polonicus.cm.br). Aludindo a esse fato histórico, observou que naquele dia a comunidade polônica estava colocando um sinal da sua presença na capital e no estado do Rio Grande do Sul, para com esse obelisco não somente assinalar a sua presença, mas também a união com o país de origem e expressar diante do Estado Brasileiro a gratidão por ter apoiado a Polônia em sua luta pela independência.

Seguiu-se a execução do Hino Nacional Brasileiro em violino, por um músico convidado. Depois Irene Szyszka executou o Hino Nacional Polonês em acordeão. Com esse incomum suporte musical, cantamos os nossos hinos nacionais. Em seguida discursou o deputado Maurício Dziedricki, o qual destacou com ênfase que, como descendente de imigrantes poloneses, estava representando naquele momento o estado do Rio Grande do Sul como membro do seu parlamento. Assinalando a presença do vereador Cassio Trogildo, assinalou que ele estava representando as autoridades da cidade para

expressar a gratidão pela contribuição dos imigrantes poloneses e dos seus descendentes em seu diversificado desenvolvimento. No seu discurso a deputada Małgorzata Gosiewska enfatizou que os poloneses lutaram por longos anos pela liberdade do seu país. Muitos pereceram em levantes, outros foram aprisionados pelos ocupantes ou levados à Sibéria. As polonesas que permaneciam nas casas transmitiam a seus filhos os valores nacionais e cívicos. Muitos poloneses, não querendo render-se aos ocupantes, escolhiam a vida de emigrados. No começo da sua vida de emigrados, os imigrantes que vinham ao Brasil também tiveram que lutar para sobreviver num país muito diferente. Enquanto os homens derrubavam a mata para transformá-la em campos cultiváveis, as mulheres ensinavam às crianças a língua e lhes transmitiam os valores poloneses. A representante do Senado polonês agradeceu à comunidade polônica pela sua permanência no polonismo, preservando as tradições nacionais, embora a maioria já não se utilize da língua polonesa. Neste ponto vale a pena recordar que em 1938, ao introduzir as leis da nacionalização, o presidente Getúlio Vargas contribuiu para o fechamento de escolas e de publicações e proibiu a utilização das línguas das minorias estabelecidas no País. Mas, embora tenha sido eliminada da vida social a língua polonesa, o polonismo se preservou por aqueles anos graças às fortes famílias polônicas e à pastoral polonesa.

Discursou também André Hamerski, presidente da “Braspol” no estado do Rio Grande do Sul, e agradeceu a todos por perseverarem no polonismo, mas também estimulou-os a visitar a Polônia, que é um país europeu moderno e em rápido desenvolvimento.

A seguir os deputados descerraram a placa comemorativa que foi colocada num bloco de granito, com o seguinte texto:

CENTENÁRIO DE RECUPERAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA
DA POLÔNIA.
1918-2018

Por ocasião das comemorações do Centenário de recuperação da independência da Polônia, neste ano de 2018, a Comunidade dos descendentes de poloneses do Estado do Rio Grande do Sul, orgulhosamente, registra e destaca a bravura de seus ancestrais patriotas, na luta pela soberania da Pátria Polonesa. Ao mesmo tempo em que se une à pátria-mãe, rende gratidão ao Estado Brasileiro, que na época, através da sua política e diplomacia – representadas sobretudo na pessoa do grande Amigo da Polônia, o ilustre brasileiro Rui Barbosa – pelo apoio internacional em prol da presença da Polônia, no mapa mundial de nações livres.

Através da preservação de nossas heranças históricas e identidade étnica, honramo-nos com a inclusão, do legado cultural trazido pelos nossos antepassados poloneses, no mosaico histórico e cultural rio-grandense.

Novembro 2018.

A deputada Małgorzata Gosiewska e Mariano Hossa, presidente da Sociedade Polônia, depositaram diante do obelisco uma grinalda de flores brancas e vermelhas.

Expressamos a cordial gratidão à arquiteta Anna Maria Hennes, que nos apoiou com o seu trabalho, preparando os adequados projetos do obelisco. Também expressamos o nosso agradecimento – através da pessoa da arquiteta Camila Warpechowski, coordenadora do departamento municipal responsável pelos monumentos e obras de arte localizados em lugares públicos – às autoridades municipais de Porto Alegre pela aprovação do nosso pedido e pela autorização para que o obelisco comemorativo fosse erguido na Praça Pinheiro Machado.

Para o encerramento da parte oficial dessa solenidade, um conjunto folclórico polônico de Porto Alegre apresentou algumas danças polonesas regionais. Para muitos participantes, a beleza dos novos e coloridos trajes regionais, adquiridos com recursos recebidos do Senado da Polônia, contribuiu para a sua alegria e para despertar um maior orgulho da origem polonesa. Houve também ocasião para fotos comuns com a deputada Gosiewska diante da nova marca da presença polonesa na cidade e no estado, que se desenvolveram

também graças ao pesado trabalho dos nossos imigrantes e das gerações que a eles se seguiram.

Aos poucos íamos deixando a praça, com um espírito renovado de amor à Pátria dos antepassados, bem como de gratidão ao Brasil pela aceitação dos colonos poloneses e pelo apoio às nossas aspirações de independência. Os polônicos vindos de cidades e lugares distantes foram recepcionados com um almoço na Sociedade Polônia, onde não faltou ocasião para diálogos, para o conhecimento dos novos compatriotas ou para o estabelecimento de novas amizades.

Aos organizadores desse empreendimento de colocar uma marca permanente de união com a Polônia que celebra a sua independência, bem como a todos que nos apoiaram, e a todos os participantes da festividade polônica, expressamos a gratidão e o respeito pela sua postura de permanência no polonismo, com a simultânea exteriorização do seu amor ao seu país, o Brasil.

Pela primeira vez na história da III República, a coletividade polônica de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul sentiu a alegria e a satisfação pela presença de uma representante do Senado da Polônia nessa festividade polônica. Aos poucos vamos percebendo que a Polônia começa a perceber e apreciar a presença da comunidade polônica no Sul do Brasil. São novos tempos para o fortalecimento dos laços da Polônia com a coletividade polônica que vive nesta parte do mundo. Nos últimos anos era vista de Varsóvia a comunidade polônica no Ocidente, os poloneses que vivem no Leste, mas parecia não despertar um interesse maior a coletividade polônica residente no Sul do globo terrestre. Temos a esperança de que a presença da deputada Małgorzata M. Gosiewska em meio à comunidade polônica de Porto Alegre e de algumas cidades do estado do Rio Grande do Sul possa abrir uma nova página de contatos Polônia-comunidade polônica no Brasil. Temos a esperança de que estejam soprando bons ventos das margens do Vístula na nossa direção meridional.

RESUMO – STRESZCZENIE

Spoleczność polonijna w brazylijskim stanie Rio Grande do Sul, poprzez swoich przedstawicieli przybyłych z różnych regionów do Porto Alegre, uczciła stulecie odzyskania przez Polskę niepodległości. Na uroczyste obchody przyła z Polski poseł Małgorzata M. Gosiewska, jak też ze stołecznej Brasílii Marta Olkowska – Chargé d' affaires Ambasady RP.

Deputowany stanowy Maurício Dziedricki (od stycznia 2019 r. deputowany federalny) zorganizował uroczystą sesję w parlamencie stanowym. Na placu Pinheiro Machado inaugurowany został obelisk z tablicą dla uczczenia tej szczególnej rocznicy.

HOMENAGEM À PROFA. DRA. JERUSA PIRES FERREIRA: ECOS DE UMA VOZ BRASILEIRA NA POLÔNIA

*Natalia KLIDZIO**



O dia 21 de abril de 2019, foi um domingo de profundo pesar pela morte e despedida de meio literário e cultural brasileiro da profa. Dra. Jerusa Pires Ferreira.

Escritora, ensaísta, tradutora, trabalhou como professora e pesquisadora na área de Comunicação, Semiótica, Cultura e Cultura Popular, tanto na PUC/SP como na USP. Com a especialidade em cultura popular e literatura dedicou-se a incontáveis projetos e estudos tematizando sobre oralidade, memória, artes. Os dados biográficos divulgados pela USP apontam que uma das suas obras mais célebres foi publicada pela Edusp, intitulada “Cavalaria em Cordel: o passo das águas mortas”, que faz uma relação da literatura de cordel com histórias de cavalaria do período medieval. Jerusa também foi tradutora das obras do pensador suíço Paul Zunthor, que tratavam de oralidade e cultura popular.

A professora Jerusa firmou relações acadêmicas não só com o meio brasileiro, mas também no plano internacional com universidades como as da França, da Espanha, da Rússia, do Canadá,

* Departamento de Estudos Portugueses/UMCS/Lublin/Polônia

da Polônia. Por esse caminho soube, como ninguém, travar amizades que ficaram para sempre.

Fiquei muito triste pela partida da querida Jerusa, principalmente, por saber o quanto ela amava a vida e as pessoas e também pelo grande interesse e valor que dirigia à Polônia. Particularmente, tive o privilégio de sua amizade, seu incentivo, apoio e companheirismo. Mesmo na distância, mantinha correspondência e palavras decisivas em alguns dos meus momentos. Incentivada por seu amigo da UnB - Universidade de Brasília, o Professor Henryk Siewierski, Jerusa visitou a Polônia em 2007 e, em comum, organizamos um encontro para os meus estudantes de Literatura Brasileira da Universidade de Varsóvia, que ocorreu nos dias 23 e 24 de abril de 2007. Trabalhamos as obras do escritor Milton Hatoum. Jerusa veio também para visitar os seus amigos poloneses, a médica Joanna e o professor Józef Kwaterko. A partir de então seus e-mails chegavam a mim, com o título "Notícias e saudades" e terminavam com a palavra "Carinhos". E-mails sempre tão calorosos, como: "Natália, (...) Gostei tanto daí que mesmo trabalhando sem tréguas me dá saudade. (...)" (26/09/2007). Ou então, como este: "...tenho muito carinho por você e sempre me recordo daqueles dias que passamos juntas, na primavera, por entre canteiros de amores-perfeitos, e ainda sob a supervisão de nosso bom Kwaterko !"(em 14/08/2010). Jerusa foi para mim, uma grande incentivadora durante meu doutorado: "Natalia, Cuide se mulher. Continue firme no projeto. Estou em Paris onde vim examinar uma tese e a reuniões de trabalho. Carinho, Jerusa". Motivava-me em meu trabalho na UMCS - Universidade Maria Curie Sklodowska, escrevendo mails como: "Lublin é um nome que para mim soa com bastante interesse. Li o Mago de Lublin de Bashevis Singer e sei coisas sobre a klein statle judaica daí. ..(...)". Muitas vezes quebrava o silêncio, com um e-mail que chegava curto, mas cheio de proteção como: "Querida Natália, Onde está e como está você? Carinho, Jerusa". Quando falava sobre a Polônia,

exalava tanto amor pelas cidades polonesas: Varsóvia, Cracóvia, Lublin...

É assim, recordando-a, que posso homenageá-la, Jerusa, pessoa pela qual guardarei para sempre todo o meu respeito, admiração e afeto e que, agora junto a minha tristeza com a da legião de amigos, colegas, estudantes, discípulos, escritores e familiares que aqui deixa temporariamente. O que nos conforta é que sua partida representa o reencontro com o seu grande amor, o também icônico Boris Schnaiderman. Descanse em paz, minha querida baiana!

Foto de <http://bocadoceu.com.br/jerusa-pires-ferreira/>)

RESENHA – STRESZCZENIE

21 kwietnia 2019 r. zmarła prof. Jerusa Pires Ferreira przedstawicielka brazylijskiego świata literatury. Odwiedzała Polskę względu na swoje zainteresowania naukowe. Autorka poprzez publikację tekstu pragnęła uczcić osobę, z którą się zaprzyjaźniła podczas jednego ze spotkań akademickich.

O PRESIDENTE ANDRZEJ DUDA ASSINOU A EMENDA DA LEI SOBRE A IDENTIDADE DE POLONÊS*

Informação relacionada com a lei do dia 16 de maio de 2019, a respeito da mudança da lei sobre a Identidade de polonês

O objetivo da emenda é a ampliação do âmbito que regula a lei da Identidade de polonês (em polonês: *Karta Polaka* – Cartão de polonês) para todas as pessoas de origem polonesa residentes no exterior. A emenda elimina a atual diferenciação dos direitos de pessoas de origem polonesa em razão da cidadania possuída por essas pessoas. A Identidade de polonês poderá ser conferida à pessoa: 1) que no dia da apresentação do pedido da expedição da Identidade de polonês e no dia da sua atribuição não possua a cidadania polonesa, ou 2) que não possua a permissão para a permanência contínua no território da República da Polônia, ou 3) que possua o status de apátrida.

Em consequência do âmbito subjetivo modificado, na lei foi introduzida uma série de mudanças redacionais, p. ex. foi eliminada a exigência de que uma organização polonesa ou polônica que apresentasse certificados confirmando o ativo envolvimento em prol da língua e da cultura polonesa ou da minoria nacional polonesa atuasse na área de um dos países de que se tratava no art. 2 da lei. Foi removida igualmente a exigência de possuir a cidadania de um dos países de que se tratava no art. 2 da lei, no caso do pedido da Identidade de polonês por uma pessoa cuja origem polonesa tivesse sido confirmada de acordo com as normas da lei do dia 9 de novembro de 2000 sobre a repatriação (Diário Oficial de 2018, n. 609 e

* www.prezydent.pl

1669). A emenda mudou também o título “Conselhos para os Assuntos dos Poloneses no Leste”, que analisava os recursos das decisões expedidas nas questões da Identidade Polonesa – para “Conselhos para os Assuntos dos Poloneses fora das fronteiras da Polônia”.

Além disso, foi introduzida a verificação obrigatória, no prazo de 30 dias, pela Agência da Segurança Interna, dos requerimentos introduzidos no registro sobre a expedição da Identidade de polonês ou sobre a prorrogação da sua validade, se diante do requerente ocorrem as circunstâncias definidas nas normas da lei que contribuem para a atribuição ou a prorrogação da validade da Identidade de polonês. A falta de apresentação de informações dentro desse prazo é reconhecida como equivalente à falta de circunstâncias que contribuem para a negativa da atribuição ou para a prorrogação da validade da Identidade de polonês. Foi introduzido também um prazo de 30 dias para que seja expedida pelo apropriado cônsul ou voivoda a decisão sobre a atribuição ou a negativa da prorrogação dessa validade (a partir do dia da apresentação da informação pelos órgãos competentes ou da decorrência do prazo para a sua apresentação). Os procedimentos relacionados com a atribuição e a anulação da Identidade de polonês iniciados e não concluídos antes do dia da entrada em vigor da lei serão conduzidos com base nas normas atuais.

A lei entra em vigor 30 dias a partir da sua promulgação.

RESUMO – STRESZCZENIE

Publikujemy oficjalną informację o podpisaniu ustawy przez prezydenta Andrzeja Dudę odnośnie Karty Polaka. Od chwili podpisania tej ustawy przez głowę państwa o wspomniany dokument będą mogły zabiegać osoby polskiego pochodzenia mieszkające poza Polską.

**CONGRESSO DA JUVENTUDE POLÔNICA
DA AMÉRICA DO SUL EM CURITIBA
(3-7 de julho de 2019)**

*Zdzislaw MALCZEWSKI Schr**

O mencionado evento, do qual participaram mais de 150 jovens polônicos do Brasil, da Argentina, do Chile e do Peru, foi organizado pela Associação “Wspólnota Polska” (Comunidade Polonesa). A iniciativa dessa organização, que desenvolve a sua atividade em prol da comunidade polônica, foi uma resposta às garantias expressas pelo Presidente do Senado da Polônia, Sr. Stanisław Karczewski, durante o V Congresso das Comunidades Polônicas e dos Poloneses no Exterior, que se realizou em setembro do ano passado, de que a partir de 2019 a câmara superior do parlamento polonês, juntamente com o governo, dedicaria mais atenção à Comunidade Polônica na América do Sul.

O Congresso realizou-se com o patrocínio do Presidente da Polônia, Sr. Andrzej Duda. O evento foi realizado igualmente com o apoio do Departamento de Cooperação com a Comunidade Polônica e os Poloneses no Exterior do Ministério das Relações Exteriores. Da abertura do Congresso participaram representantes desse Departamento: Iwona Kozłowska – Diretora do Departamento da Cooperação com a Comunidade Polônica e os Poloneses no Exterior, Regina Jurkowska – Chefe do Departamento da Comunidade Polônica e dos Poloneses no Exterior, Barbara Pawłowska – Especialista para assuntos da Identidade Polonesa no Departamento da Identidade de Polonês e da Repatriação, Piotr Nowotniak – I Conselheiro para

* Redator da revista *Polonicus*

assuntos legais no Departamento da Identidade de Polônês e da Repatriação, Dra. Hanna Krajewska – Diretora do Arquivo em Varsóvia, da Academia Polonesa de Ciências. A Associação “Wspólnota Polska” foi representada pelo seu Presidente Dariusz Bonisławski, juntamente com os seus mais próximos colaboradores: o Vice-Presidente Krzysztof Łachmański, Zenka Bańkowska – diretora de programação, Joanna Grabek – coordenadora dos projetos realizados na América do Sul. Os pronunciamentos foram traduzidos nos dois sentidos.

Além disso, participaram da abertura do Congresso: Marta Olkowska – Encarregada de negócios da Embaixada da Polônia em Brasília, Dorota Bogutyn – Cônsul-Geral interina da Polônia em Curitiba e Dorota Ortyńska – Vice-Cônsul da Polônia em Curitiba, bem como alguns presidentes de organizações polônicas. Da parte brasileira o Congresso contou com o apoio da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (Braspol), que surgiu há 30 anos, e o Reitor da Missão Católica Polonesa (MCP) no Brasil celebrou a Missa na igreja polonesa de S. Estanislau Bispo e Mártir, tendo viajado especialmente para o Congresso de Porto Alegre, numa distância de cerca de 800 quilômetros.

O Congresso foi inaugurado com a execução dos hinos da Polônia e do Brasil. A brilhou o Congresso com a sua presença o Vice-Governador do estado do Paraná, Darci Piana. Em seu discurso, esse político assinalou que tem profundos vínculos com a comunidade polônica, inclusive em casa, visto que sua esposa tem origem polonesa. Foi lida a mensagem de Adam Kwiatkowski, Secretário de Estado na Chancelaria do Presidente Andrzej Duda:

**CHANCELARIA DA PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA DA POLÔNIA
SECRETÁRIO DE ESTADO
Adam Kwiatkowski**

Varsóvia, 4 de julho de 2019.

*Aos Participantes e Organizadores
do Congresso da Juventude Polônica
Curitiba, Brasil*

*Caros Compatriotas,
Prezados Senhores e Senhoras,*

Em nome do Presidente da República da Polônia, o Senhor Andrzej Duda, e em meu próprio, cordialmente saúdo todos os participantes do primeiro Congresso da Juventude Polônica em Curitiba. Alegro-me porque os jovens participantes desse evento se tornam a voz polônica da América Latina, repletos de respeito às suas raízes polonesas, à tradição e à cultura polonesas. Estou grato porque, pela participação no Congresso, os Senhores e Senhoras expressam a Sua união com os Compatriotas residentes na nossa Pátria.

Os emigrados poloneses muitas vezes têm contribuído para a edificação de uma Polônia livre e soberana. Os nossos Compatriotas que viveram no exterior inscreveram-se nas páginas da história como pessoas corajosas, laboriosas, cheias de energia, mas sobretudo – como pessoas apegadas ao polonismo. Muitos deles comprovaram que eram capazes de realizar até as mais difíceis tarefas. As imponentes realizações dos cientistas, engenheiros e técnicos poloneses na América do Sul, como as de Ignacy Domeyko, Ernest Malinowski, Aleksander Brodowski ou Bronisław Rymkiewicz, permanecerão para sempre na nossa memória como modelos a ser imitados.

Estou convencido de que o Congresso da Juventude Polônica na América do Sul será um impulso para a descoberta de novas perspectivas de ação, e sobretudo – um estímulo para a cooperação, para o empreendimento de iniciativas que edificam o prestígio da Polônia na arena internacional, bem como para o fortalecimento dos laços com o país dos antepassados.

Em nome do Presidente da República da Polônia, o Senhor Andrzej Duda, e em meu próprio, agradeço aos organizadores do encontro de hoje pelo envolvimento, e aos pais e professores – pela educação da jovem geração no espírito do polonismo. Desejo a todos Vocês momentos inesquecíveis passados no círculo comum, bem-sucedidos debates e sucesso na vida pessoal e profissional.

Com expressões de respeito,

Adam Kwiatkowski

Em seguida foi lida a carta de Stanisław Karczewski, Presidente do Senado da Polônia.

**PRESIDÊNCIA DO SENADO
DA REPÚBLICA DA POLÔNIA
STANISŁAW KARCZEWSKI**

Varsóvia, 28 de junho de 2019.

*Aos Organizadores e Participantes
do Congresso da Juventude Polônica
na América do Sul*

Prezados Senhores e Senhoras,

Cordialmente saúdo a todos os Senhores e Senhoras vindos a Curitiba, tradicional capital da Comunidade Polônica no Brasil, para o primeiro Congresso da Juventude Polônica na América do Sul. Saúdo com especial cordialidade os heróis do Congresso – os jovens compatriotas da Argentina, do Brasil, do Paraguai, Uruguai e Chile, representantes de organizações sociais polônicas, amigos da Polônia. Quero felicitar os organizadores do Congresso da Juventude Polônica por essa valiosíssima iniciativa, que constrói e fortalece os laços dos jovens polônicos com o país, a cultura e a língua dos antepassados.

Os aglomerados polônicos espalhados pelo continente sul-americano constituem um peculiar reflexo da história das terras polonesas e da Polônia dos séculos XIX e XX: das lutas pela independência, da emigração econômica, da oposição aos sistemas totalitários, da luta pela solidariedade e dignidade do ser humano. A comunidade polônica na América Latina é uma parte muito importante do mapa da presença polonesa no exterior, é o registro do destino de indivíduos, famílias e comunidades de fiéis.

Pelo seu penoso trabalho, os emigrantes poloneses tiveram uma significativa contribuição para a edificação do bem-estar dos países da América do Sul. Os cientistas, engenheiros, arquitetos e artistas poloneses tiveram uma ativa participação na história de Estados modernos. Os seus descendentes, portanto Vocês, caros participantes do Congresso da

Juventude Polônica, conscientes das Suas raízes polonesas, são uma parcela importante das coletividades locais. Pelo cultivo das tradições polonesas e da língua, bem como pela atividade nas organizações sociais, Vocês enriquecem a cultura e a diversidade das Suas Pátrias. Sinto satisfação pelo fato de que a jovem Comunidade Polônica da América do Sul ter dado uma resposta tão positiva ao convite para participar do primeiro Congresso da Juventude Polônica.

Prezados Senhores e Senhoras, a força da Polônia é também a força da Comunidade Polônica e dos poloneses que vivem no exterior, em seus ambientes: nas famílias e escolas, nos locais de trabalho, nas comunidades de fiéis. O papel especial do Senado da República da Polônia na manutenção da identidade nacional dos poloneses que vivem no exterior provém da tradição do entreguerras de patrocinar os emigrados, e a renascida câmara superior exerce a proteção sobre os Compatriotas que vivem no exterior por iniciativa de Andrzej Stelmachowski, Presidente do Senado da primeira gestão, grande advogado e amigo da Comunidade Polônica na América do Sul. A convicção por ele alimentada de que é justamente o Senado que tem para tal proteção o especial mandato da nação, expresso em eleições livres, cujo trigésimo aniversário comemoramos nas últimas semanas, determinou que a nossa Câmara continue as tão gloriosas tradições da II República.

Desde o ano de 2016, a proteção do Senado à Comunidade Polônica recuperou a sua dimensão financeira. As amplas consultas então realizadas nos ambientes polônicos e poloneses no exterior, que tinham por objetivo o discernimento das necessidades da Comunidade Polônica e a elaboração de um modelo de cooperação, reconheceram que uma das necessidades básicas é a de oferecer uma atraente oferta às gerações jovens e mais jovens dessa Comunidade, principalmente em relação aos ambientes polônicos da América do Sul. Saíndo ao encontro dessas expectativas, o Senado da República da Polónia apoia as variadas iniciativas direcionadas à Comunidade Polônica sul-americana: que fortalecem a posição dos ambientes polônicos, que possibilitam o aperfeiçoamento na utilização da língua polonesa, o conhecimento da Polónia atual, da história e da cultura polonesas, que promovem o folclore polonês e o esporte polônico. Em julho do corrente ano estamos comemorando o cinquentenário dos festivais polônicos de folclore em Rzeszów. Com grande alegria recebi a informação de que do XVIII Festival Mundial dos Conjuntos Folclóricos Poloneses Rzeszów'2019 participarão três conjuntos do Brasil: o "Karolinka" de São Mateus do Sul, o "Mazury" de Mallet e o "Wisła" de Curitiba, cuja apresentação vai abrilhantar a solenidade da inauguração do Congresso.

A proteção do Senado à Comunidade Polônica é também a ativa participação da câmara superior na legislação da República da Polônia, que tem por objetivo o fortalecimento dos laços que unem a Comunidade Polônica com a Velha Pátria, apoiando os seus esforços pela preservação da língua polonesa e o cultivo da tradição nacional. Um efeito da harmônica cooperação das autoridades da República da Polônia é a emenda das normas da Lei da Identidade Polonesa, que entra em vigor no dia 14 de julho de 2019, por força da qual poderão pleitear esse documento todas as pessoas de origem polonesa residentes no exterior que no dia da apresentação do pedido da expedição da Identidade Polonesa e no dia da sua atribuição não possuam a cidadania polonesa.

Em nome do Senado da República da Polônia e em meu próprio, desejo a todos os participantes do Congresso da Juventude Polônica em Curitiba frutuosos debates, para que esse encontro no círculo dos compatriotas, as tarefas temáticas das oficinas, as consultas com representantes de instituições e repartições polonesas envolvidas na ajuda à Comunidade Polônica cumpram as expectativas de Vocês e tragam muita satisfação, para que resultem no estabelecimento de valiosos contatos e de cooperação. À Comunidade Polônica Sul-Americana formulo votos de que cada vez mais jovens reforcem as fileiras das organizações sociais polônicas, introduzindo o seu juvenil entusiasmo e a vontade da incessante descoberta da Pátria dos antepassados – da Polônia.

Atenciosamente

Stanisław Karczewski

Também foi apresentado foi o pronunciamento do presidente do Senado da Polônia por DVD. Após a leitura e a tradução para o português das correspondências citadas, os jovens as ovacionaram com estrepitosos aplausos. Em seus comunicados, intelectuais da Universidade de Varsóvia e da Academia Polonesa de Ciências enfatizaram o valor histórico que representa o desvelo pela preservação da herança cultural. A seguir o Reitor da MCP, Pe. Zdzisław Malczewski SCh, apresentou aos jovens um livro que descreve a história da Polônia e que em diversas línguas foi distribuído aos participantes da Jornada Mundial da Juventude em Cracóvia. Como membro do Conselho Consultivo Polônico junto à presidência do Senado da Polônia e participante das sessões desse

Conselho, aproveitei a ocasião para apresentar, em conversas com o diretor do Escritório Polônico do Ministério das Relações Exteriores, as necessidades da Comunidade Polônica no Brasil. Entre os vários projetos que apresentei, houve o pedido de que o Ministério das Relações Exteriores publicasse pelo menos 4 mil exemplares do livro *Guia pela história da Polônia* em língua portuguesa. O pedido apresentado foi realizado pelo Ministério e graças a isso cerca de 200 exemplares desse livro, apresentando a milenar história polonesa, foram distribuídos entre os jovens e esgotaram-se num piscar de olhos.

Por alguns dias a entusiasmada juventude polônica participou da rica programação do Congresso. Durante os encontros plenários, os jovens polônicos puderam obter dos organizadores vindos da Polônia muitas informações a respeito dos programas que a Polônia oferece para eles com o objetivo de aproximá-los da Pátria dos seus antepassados. Igualmente os delegados da juventude apresentaram aos participantes a realidade da sua atividade polônica e do desvelo pelo cultivo das tradições e dos costumes que herdaram dos seus pais ou das comunidades polônicas de que participam ativamente. Os jovens tiveram também a possibilidade de participar de oficinas, durante as quais enriqueceram os seus conhecimentos sobre a cultura e a tradição polonesas, com a possibilidade de as promover através dos modernos meios de comunicação.

Para os organizadores do Congresso da Juventude Polônica em Curitiba foi uma grata surpresa o número de mais de 150 participantes, representando já as sucessivas gerações dos nossos colonos poloneses, na sua maioria vindos de diversas regiões distantes do Sul do Brasil. Pessoalmente eu tinha as minhas dúvidas ao percorrer o trecho entre Porto Alegre e Curitiba. Eu pensava que, se houvesse no Congresso uns 50 jovens polônicos, já seria um sucesso, no entanto... esses jovens, conscientes da sua nacionalidade, mas ao mesmo tempo preservando o vínculo espiritual e sentimental com a Polônia, vieram a Curitiba num número três vezes maior do

que eu esperava. É preciso levar em conta não apenas as distâncias, mas também as despesas da viagem. Apesar dessas dificuldades, os jovens polônicos nos surpreenderam não apenas com a sua presença, mas também com a sua participação no Congresso e com a sua espontaneidade.

As manifestações da religiosidade dessa juventude revelaram-se em diversas ocasiões durante o Congresso. Na sexta-feira os jovens tiveram a ocasião de ouvir os comunicados de convidados da Polônia representantes da Universidade de Varsóvia e da Academia Polonesa de Ciências. Para o almoço, os jovens polônicos foram levados de ônibus aos arredores de Curitiba, onde outrora se estabeleceram os imigrantes poloneses. No período da colonização polonesa, essa região era denominada Nova Polônia. Após viajarmos cerca de 20 quilômetros por estrada asfaltada, entramos numa estrada vicinal que conduz à colônia Dom Pedro, onde uma família polônica, numa casa herdada dos seus antepassados, instalou um restaurante que se chama “Nowa Polska” e que serve pratos poloneses. Após o almoço, na parte da tarde os jovens conheceram o Parque S. João Paulo II, onde – em meio a um bosque de árvores tropicais preservadas – após a primeira visita apostólica do papa polonês em julho de 1980 foram instaladas sete casas construídas pelos primeiros colonos na região de Curitiba. Uma dessas casas foi levada ao Estádio Couto Pereira, no qual o Santo Padre se encontrou com a comunidade polônica brasileira e onde foi saudado segundo o costume polonês, com pão e sal. Atualmente essa casa é uma capela na qual o lugar central é ocupado pela Senhora de Monte Claro, bem como pelo altar de S. João Paulo II. O encontro no parque teve um caráter oficial. Para se posicionarem no palco situado nas proximidades da capela foram convidadas as pessoas vindas da Polônia, o Reitor da MCP e o Presidente da Braspol. A orquestra “Lira” executou os hinos nacionais brasileiro, polonês e argentino. O Presidente da Braspol, Rizio Wachowicz, saudou os organizadores do Congresso, bem como a juventude reunida. Depois dele discursaram diversas personalidades, enfatizando a importância desse

acontecimento tanto para a juventude polônica como para os nossos países amigos.

O Congresso da Juventude Polônica da América do Sul encerrou-se com uma Missa solene no domingo (7 de julho), na igreja polonesa de S. Estanislau Bispo e Mártir, em Curitiba, que foi presidida pelo Reitor da MCP no Brasil. Foi concelebrante o Pe. José Wojnar SChr, que no ano passado festejou os 60 anos de sacerdócio. Antes do encerramento da Missa, o Diretor Nacional da Associação “Wspólnota Polska” leu uma carta de Dariusz Bonisławski, Presidente dessa organização que apoia a Comunidade Polônica e que foi dirigida ao Reitor da Missão Católica Polonesa, na qual ele expressa o agradecimento, o respeito e admiração pelos padres poloneses que trabalham entre os imigrantes e seus descendentes e em meio à Comunidade Polônica no Brasil, porque foi graças a eles que não somente se preservou no país a fé dos nossos colonos e dos seus descendentes, mas também foram fortalecidas a tradição e as diversas manifestações da cultura polonesa. No fortalecimento da fé e na consolidação dos valores poloneses entre os polônicos brasileiros tiveram uma contribuição significativa os Padres da Sociedade de Cristo, que há 60 anos trabalham em meio a essa específica comunidade polônica que conta mais de 2 milhões de pessoas.

Publicamos mais adiante a mencionada carta.

ASSOCIAÇÃO “WSPÓLNOTA POLSKA”

Varsóvia, 28 de junho de 2019.

Reverendo

*Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski SChr
Reitor da Missão Católica Polonesa
no Brasil*

Reverendo Padre Reitor,

A História da Polônia dos séculos XIX e XX tem sido assinalada por um grande êxodo de poloneses que, além da inconformidade com o domínio estrangeiro e as perseguições das potências ocupantes, foram induzidos a viver no estrangeiro também por uma difícil situação econômica. Na sua peregrinação, os emigrados sempre contaram com a companhia do sacerdote polonês, de um padre que, ensinando as verdades da fé, ensinava-as em polonês, tornando-se com isso o guardião e o depositário da identidade nacional. Hoje, apesar das mudanças civilizacionais, a identidade nacional dos emigrados continua ligada com a identidade religiosa, e o padre e o mestre são figuras em torno das quais se concentra a vida polonesa na diáspora.

Segundo estimativas, a coletividade das pessoas de origem polonesa no Brasil pode chegar a dois milhões de pessoas. Os seus vínculos com a Polônia possuem diversos matizes, mas a consciência da origem polonesa continua viva, o que sem dúvida é também um mérito da Missão Católica Polonesa, dirigida pelo Padre Reitor.

O V Congresso Mundial das Comunidades Polônicas e dos Poloneses no Exterior, realizado no ano passado, reconheceu o apoio à Comunidade Polônica na América Latina como uma das suas prioridades, que traçam os objetivos da sua política para os próximos anos. Uma outra direção apontada pelo Congresso foi o postulado de apoiar os ambientes juvenis e do empenho para envolver uma representação maior da nossa jovem geração na ação concreta em organizações polônicas. Uma expressão prática dessas recomendações é o Congresso da Juventude Polônica da América Latina que se inicia em Curitiba no dia 3 de julho.

A organização de tão importante evento não teria sido possível sem o apoio organizacional que a Associação "Wspólnota Polska" recebeu das entidades parceiras no Brasil.

Quero apresentar ao Padre Reitor os mais cordiais agradecimentos pela ajuda na condução do Congresso, bem como desejar novos sucessos no trabalho pastoral.

Dariusz Piotr Bonisławski

Presidente da Associação “Wspólnota Polska”

O Diretor entregou também ao Reitor da Missão Católica Polonesa uma lembrança enviada por Stanisław Karczewski, Presidente do Senado da Polônia. Após a Missa, o Reitor da MCP deu uma entrevista à televisão Polonesa (TVP) a respeito da comunidade polônica brasileira, bem como da sua religiosidade.

Tendo acompanhado os jovens polônicos durante aqueles dias do Congresso, fortaleceu-se a minha convicção de que, apesar da passagem do tempo, das mudanças sociais que ocorrem na sociedade da América do Sul, especialmente no Brasil, a identidade nacional polonesa, os valores apoiados em sua maioria na fé e na religiosidade católica são cultivados e são cuidadosamente transmitidos e preservados de geração em geração.

RESUMO – STRESZCZENIE

W dniach od 3 do 7 lipca br. odbywał się w Kurytybie Kongres Młodzieży Polonijnej Ameryki Południowej. Do stolicy Polonii brazylijskiej przybyło ponad 150 młodych Polonusów. Organizatorem tego wydarzenia było Stowarzyszenie „Wspólnota Polska” przy współudziale Senatu RP oraz Departamentu ds. Polonii MSZ.

PRIMEIRO ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS POLONESES

30 de novembro a 4 de dezembro de 2019

O Curso de Letras-Polonês e o Departamento de Polonês, Alemão e Letras Clássicas (DEPAC) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) têm a honra de anunciar a realização do Primeiro Encontro Internacional de Estudos Poloneses 10 anos do curso de Letras Polônês - Experiências e Desafios (Pierwsze Międzynarodowe Spotkanie Polonistyczne w Brazylii: 10 Lat Polonistyki UFPR - Doświadczenia i Wyzwania). O evento acontecerá no campus Reitoria, em Curitiba-PR, no período de 30 de novembro a 4 de dezembro de 2019.

O I Encontro Internacional de Estudos Poloneses visa comemorar: a) os 10 Anos do Curso Letras Polônês na UFPR, período em que se formaram profissionais de língua, literatura e cultura polonesas, com ênfase na formação de professores, pesquisadores e tradutores; b) a realização de uma série de projetos de extensão e de pesquisa focados nos temas de formação docente, tradução literária, multilinguismo, entre outros; c) o intercâmbio de aprendizagem, ensino e pesquisa com colegas de outras instituições de ensino superior no Brasil, na Polônia e em outros países.

O evento pretende divulgar estudos recentes, integrando desta maneira os interesses do público em geral aos trabalhos de pesquisa brasileira e estrangeira de alto nível das áreas de cultura, língua, literatura e história da Polônia e de seus descendentes no Brasil. Oferecendo aos participantes a oportunidade de refletir criticamente sobre a sua prática profissional, tanto na academia como fora dela, buscamos construir um espaço de troca de experiências e de discussão dos questionamentos emergentes a partir das ações no universo de pesquisa e em outros espaços profissionais. Com investigação consolidada nos campos acima mencionados, os

pesquisadores — basicamente poloneses e brasileiros, com alguns representantes de outros países — poderão contribuir para a formação qualificada de recursos humanos em nível de graduação e pós-graduação tanto de Línguas Estrangeiras Modernas quanto de Letras em geral. Esperamos que os alunos de graduação e pós-graduação, docentes da Educação Básica e todas as pessoas interessadas de diferentes áreas do conhecimento se engajem em um diálogo construtivo entre si e com os estudiosos.

Esse diálogo converge com um dos conceitos-chave do evento que é 'aproximação' — entre o conhecimento estabelecido, proveniente de um certo viés teórico, e os novos processos de construção e compartilhamento dos conhecimentos que surgem a partir das práticas sociais em comunidades variadas, sendo objeto de análises sistemáticas e da reflexão acadêmica — na tentativa de dar continuidade a iniciativas como a da Revista "Aproximações: Europa do Leste em Língua Portuguesa", sob cuidados de Henryk Siewierski, professor da Universidade de Brasília, editada pela Fundação Pró-Memória já nas décadas finais do século 20.

RESUMO – STRESZCZENIE

Z okazji 10 rocznicy otwarcia departamentu literatury i języka polskiego w Parańskim Uniwersytecie Federalnym (UFPR) w dniach od 30 listopada do 4 grudnia 2019 r. odbywać się będzie I Międzynarowe Spotkanie Polonistyki.

| Crônicas

| Crônicas